

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Éber José dos Santos

**Santidade, Arrependimento e Fé:
um olhar retórico-discursivo sobre sermões de John Wesley (1703-1791)**

Doutorado em Língua Portuguesa

São Paulo
2023

Éber José dos Santos

**Santidade, Arrependimento e Fé:
um olhar retórico-discursivo sobre sermões de John Wesley (1703-1791)**

Tese apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. João Hilton Sayeg-Siqueira.

São Paulo

2023

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a apresentação total ou parcial desta tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Data: _____

E-mail: ejsantos2010@gmail.com

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Ficha
Catalográfica com dados fornecidos pelo autor

Santos, Éber José dos

Santidade, Arrependimento e Fé: um olhar retórico
discursivo sobre sermões de John Wesley (1703-1791) /
Éber José dos Santos. -- São Paulo: [s.n.], 2023.
156p ; cm.

Orientador: João Hilton Sayeg-Siqueira.
Tese (Doutorado)-- Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua
Portuguesa.

1. John Wesley. 2. Retórica. 3. Análise do Discurso.
4. Discurso Religioso. I. Sayeg-Siqueira, João Hilton.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa.
III. Título.

CDD

Éber José dos Santos

**Santidade, Arrependimento e Fé:
um olhar retórico-discursivo sobre sermões de John Wesley (1703-1791)**

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. João Hilton de Sayeg-Siqueira (orientador)

Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira

Profa. Dra. Dieli Vesaro Palma

Profa. Dra. Joelma Batista Ribeiro dos Santos

Profa. Dra. Ana Lúcia Magalhães

Dedico ao meu pai, à minha mãe (*in
memorian*) e às minhas irmãs.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (Capes) – Código De Financiamento 001 – Processo Número: 88887.473619/2020-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Finance Code 001 – Processo Número: 88887.473619/2020-00

AGRADECIMENTOS

Lépido e *prhonético*. Nos últimos anos tenho ouvido que sou assim. Se isso for verdade mesmo, é porque Ele tem me ajudado nessa trajetória, que foi instituída para ser prazerosa, mas, por vezes, também é árdua. Deus nos concede forças para seguir.

Esse caminhar pode se tornar mais leve pela rede de apoio que vamos construindo. É satisfatório saber que, após toda a construção da tese, posso respirar e tecer agradecimentos a quem agiu com benevolência comigo, em várias instâncias.

Academicamente, agradeço à PUC-SP a formação *stricto sensu* que me ofertou, por meio de professores de excelência. À CAPES, o financiamento de meus estudos. Ao meu orientador, Prof. João Hilton, meu agradecimento especial pela amabilidade com que sempre me tratou e orientou, além de me brindar com todo seu vastíssimo conhecimento. Aos Grupos de Estudos ERA e LED, sou grato pela oportunidade de aprender e crescer junto com todos os membros.

Pessoalmente, há aqueles que não posso deixar de evocar. Começo pela minha família, meu alicerce, para quem dedico todo o meu esforço. Ao meu pai, em especial, que, lá no início, entendeu que a enxada não seria meu instrumento de trabalho e permitiu que eu seguisse os rumos que a caneta poderia me levar. À minha querida e saudosa mãe, emocionado, deixo minha gratidão eterna. Às minhas irmãs, obrigado pelo apoio e por me dizerem sempre que tudo daria certo. Agradeço, também, à minha família do coração, que me acompanhou de perto nesses últimos anos.

Os amigos merecem menção honrosa. Três deles foram meus primeiros leitores. Anderson Medeiros, Andrea Amorim e Leonardo Tavares, que dádiva poder contar com suas leituras cuidadosas, sejam teológicas, retóricas ou acadêmicas. Obrigado, obrigado e obrigado!! À Maria Cláudia, que sempre me perguntou “e o doutorado?”, meu agradecimento genuíno pela revisão idiomática. À Profa. Ana Lúcia, minha gratidão por ter tido a honra de ser seu discípulo da graduação ao doutorado. Obrigado pela formação e obsequiosidade com que me acolheu nesse universo letrado. Aos pastores Rodrigo, Silvio e Vítor, sou grato pelas orientações, dicas e empréstimos de material. A todos os demais amigos que, em algum momento, me foram solidários, obrigado!

Podemos morrer sem o conhecimento de muitas verdades, e ainda assim sermos levados para o seio de Abraão. Mas, se morrermos sem amor, de que nos servirá o conhecimento? Tão pouco como ao demônio e aos seus anjos!

John Wesley

RESUMO

SANTOS, Éber José dos. **Santidade, Arrependimento e Fé: um olhar retórico-discursivo sobre sermões de John Wesley (1703-1791)**

Esta tese se inscreve na linha de pesquisa *Texto e discurso nas modalidades oral e escrita* e trata do discurso religioso. Para tanto, seleciona sermões do inglês John Wesley (1703-1791), pregador, reformador e fundador do Metodismo, que lançou mão de uma teologia prática para persuadir seus auditórios a seguirem um caminho rumo à perfeição cristã, a santidade. Sua vida longa e seu sermoneário despertaram o interesse em conhecê-lo nessa trajetória missionária, constituída das fases inicial, intermediária e tardia, em que ocorreu um marco importante, sua conversão, em 1738, em Aldergate, o que provocou mudança em suas preferências discursivas. Para esta investigação, os subsídios teóricos principais foram encontrados em Aristóteles, a Retórica Clássica, em Perelman e Olbrechts-Tyteca, a Nova Retórica, e em Quintiliano; complementados pelas releituras de Reboul, Meyer, Ferreira, entre outros. Adicionalmente, Fairclough contribuiu com a Análise do Discurso Textualmente Orientada, vertente da Análise Crítica do Discurso, para consolidar a articulação entre os princípios retóricos e os argumentativos, na investigação do discurso wesleyano. A Homilética e o Discurso Religioso apoiaram-se em pressupostos de Broadus, Ruiz de la Cierva e Orlandi. Todos os aportes teóricos serviram para extrair as categorias de análise, as quais foram submetidas a três sermões, um de cada fase de Wesley: *A Circuncisão do Coração* (1733); *O Arrependimento dos Crentes* (1767); e *Sobre a Fé* (1791). Por meio da análise, percebeu-se que, para sua homilética, o orador aderiu a variados meios de persuasão para tratar de Santidade, Arrependimento e Fé, doutrinas dos sermões selecionados, e manteve, em suas fases, uma preferência, até que linear, referentes às estratégias argumentativas, como foco na retórica deliberativa/epidíctica, no *pathos*, no raciocínio dialético, sempre usados à conveniência para fazer saber, fazer crer e fazer fazer. As alterações mais percebidas foram no âmbito da tônica que o orador deu às temáticas, sobretudo após a experiência de conversão, com forte apelo aos dispositivos retóricos.

Palavras-chave: John Wesley. Metodismo. Discurso religioso. Análise do discurso. Retórica.

ABSTRACT

SANTOS, Éber José dos. **Holiness, Repentance and Faith**: a rhetorical-discursive look at John Wesley's sermons (1703-1791).

This thesis is part of the research line *Text and discourse in oral and written modalities* and deals with religious discourse. To do so, it selects sermons by the Englishman John Wesley (1703-1791), preacher, reformer and founder of Methodism, who used practical theology to persuade his audiences to follow a path towards Christian perfection, the holiness. His long life and his sermonising sparked an interest in getting to know him in this missionary trajectory, made up of the early, middle and late phases, in which an important milestone occurred, his conversion in 1738 in Aldergaste, which led to a change in his discursive preferences. For this investigation, the main theoretical foundations were found in Aristotle, Classical Rhetoric, Perelman and Olbrechts-Tyteca, the New Rhetoric, and Quintilian; complemented by re-readings of Reboul, Meyer, Ferreira, among others. In addition, Fairclough contributed Textually Oriented Discourse Analysis, a branch of Critical Discourse Analysis, to consolidate the articulation between rhetorical and argumentative principles in the investigation of Wesleyan discourse. Homiletics and Religious Discourse were based on the presuppositions of Broadus, Ruiz de la Cierva and Orlandi. All these theoretical contributions were used to extract the categories of analysis, which were submitted to three sermons, one from each of Wesley's phases: The Circumcision of the Heart (1733); The Repentance of Believers (1767); and On Faith (1791). The analysis showed that, in his homiletics, the orator used a variety of means of persuasion to deal with Holiness, Repentance and Faith, the doctrines of the sermons selected, and maintained, in his phases, a preference, to a certain extent linear, regarding argumentative strategies, such as a focus on deliberative/epideictic rhetoric, *pathos* and dialectical reasoning, always used at convenience to make people know, make people believe and make people do do. The most noticeable changes were in the emphasis that the speaker gave to the themes, especially after the conversion experience, with a strong appeal to rhetorical devices.

Keywords: John Wesley. Methodism. Religious discourse. Discourse analysis. Rhetoric.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Quadrilátero Wesleyano.....	39
Figura 2 - Sistema retórico	56
Figura 3 - Concepção tridimensional do discurso.....	78
Figura 4 - Dimensões do discurso da ADTO	83
Figura 5: Relação entre a ADTO e a Retórica/Argumentação.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Sermões dos tópicos teológicos Santidade, Arrependimento e Fé	37
Quadro 2 - Gêneros oratórios.....	57
Quadro 3: Qualidades do orador	60
Quadro 4 - As paixões aristotélicas e suas premissas	63
Quadro 5 - Tipos de argumentos.....	66
Quadro 6 - Especificidades dos argumentos pelo exemplo, ilustração e modelo	67
Quadro 7 - Elementos da concepção tridimensional do discurso.....	79
Quadro 8 - Categorias de análise retórico-discursiva.....	88
Quadro 9: Pecados que permanecem nos corações	102
Quadro 10: Argumentos de ligações de sucessão	104
Quadro 11: Comparativo entre expressões do mundo das almas santas e das almas pecaminosas	110
Quadro 12: Quadro-síntese dos três sermões	118

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 UM CONTEXTO, UM PREGADOR E O METODISMO	20
1.1 A Reforma Protestante	20
1.2 John Wesley	25
1.2.1 John Wesley e a experiência de conversão em Aldergate Street (1738)	27
1.2.2 Inglaterra no século XVIII	28
1.3 O Anti-Metodismo	32
1.4 Sermonário e Prática Homilética	36
2 DO TEXTO AO DISCURSO: ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	49
2.1 Retórica e Argumentação	49
2.1.1.1 Invenção	56
2.1.1.2 Disposição	72
2.1.1.3 Elocução	75
2.2 Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO)	77
3 SANTIDADE, ARREPENDIMENTO E FÉ EM UMA ANÁLISE RETÓRICO-DISCURSIVA	88
3.1 A Circuncisão do Coração	89
3.2 O Arrependimento dos Crentes	99
3.3 Sobre a Fé	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS	126
ANEXO A – <i>THE PREFACE OF SERMONS ON SEVERAL OCCASIONS</i>	133
ANEXO B - A CIRCUNCISÃO DO CORAÇÃO	135
ANEXO C - O ARREPENDIMENTO DOS CRENTES	142
ANEXO D - <i>ON FAITH</i>	151

INTRODUÇÃO

Este início de minha tese assume um tom *pathético*. Assim, meu propósito é, antes de tudo, contar um pouco da trajetória que me traz até este momento de finalização do doutoramento em Língua Portuguesa, com um trabalho que se assenta na Linha de Pesquisa 2: *Texto e Discurso nas modalidades oral e escrita*.

Tudo começou numa praia. Não, não me alojei em um ambiente paradisíaco para ler, refletir, escrever e reescrever este texto. Trata-se de uma praia seca, sem mar, sem ondas, sem brisa. Praia refere-se a um bairro rural de minha cidade natal - Estância Climática de Cunha, localizada no Vale do Paraíba, estado de São Paulo – que recebeu esse nome em homenagem a um grande latifundiário da região, Sr. João Praia, de acordo com a história oral dos antepassados.

Foi, então, no século passado, na Escola Estadual Bairro da Praia, onde estudei meus primeiros anos escolares, da 1ª a 4ª série¹, sala multisseriada, entre 1989 e 1992. E desde lá eu já desejava galgar os níveis educacionais. Quis terminar o primeiro período e já ingressar no ginásio para cursar a 5ª série, como assim o fiz. Depois, à medida que crescia, pensava no colegial, no curso técnico, no tecnólogo, na pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. E aqui estou, em estado de graça, por ter tido a oportunidade de trilhar esses vastos anos de estudo.

Hoje, essa trajetória acadêmica é, de certo modo, facilitada, devido aos programas de fomento à educação, mas, à época, filho de dona de casa e lavrador, tive de agarrar as oportunidades e torcer para tudo dar certo; era um momento tenso a cada etapa concluída e as indagações vinham: será que vou conseguir estudar? Como vou ajudar meu pai na lida diária de um cotidiano rural e ainda me dedicar aos estudos? E os custos? Graças ao entendimento de meu pai de que “eu não levava jeito” para os afazeres rurais, ainda que tenha obtido algum êxito ao lado dele seja no preparo da terra, seja na colheita, pude completar o 2º grau, subsidiado por ele.

Após essa etapa, caminhei sozinho e sempre com proveito das chances que a vida me concedeu e algum apoio familiar, como o de minha tia, que cedeu espaço em sua casa para minha estadia na cidade. Continuei a jornada pela educação pública e, no Trabalho de Conclusão de Curso, encarei a difícil tarefa de compreender os pressupostos da Retórica em uma associação à área de Turismo, pela qual tenho,

¹ Permito-me usar essas nomenclaturas, pois falo de uma organização educacional de outrora.

também, apreço. Sob a batuta da Profa. Dra. Ana Lúcia Magalhães, minha eterna mentora, percorri caminhos jamais imagináveis e obtive, com louvor, o título de Gestor Empresarial, em 2009, pela Fatec de Guaratinguetá.

Entre 2010 e 2011, dediquei-me às especializações na minha área de formação. Em 2016, incentivado pela mesma “madrinha” acadêmica, cheguei à PUC-SP, inicialmente à minha custa e, depois, financiado pela CAPES, para cursar o Mestrado em Língua Portuguesa. À época, tive o privilégio de ser aluno do querido Prof. Dr. Luiz Antonio Ferreira, estudioso e referência em Retórica no Brasil. Ingressei-me em seu Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos – ERA – e, dessa vez, fui conduzido por ele para dissertar sobre o discurso religioso a partir de pregações do Pe. Fábio de Melo, com enfoque na *pathemização* do discurso do orador, cuja defesa se deu em ago/2018. Essas experiências acadêmicas serviram para moldar meu *ethos* de pesquisador e me fizeram querer seguir.

Após um ano e meio, comecei, em 2020, o doutoramento, para continuar a empreitada de estudar e defender a tese também no campo do discurso religioso, mas, agora, deixei de lado o foco do catolicismo carismático e me inseri no Metodismo, cujo precursor é John Wesley (1703-1791), um reformador cristão, que, em 1738, sentiu seu coração estranhamente aquecido², em um evento que participou com metodistas e moravianos³.

Antes de adentrar nos aspectos formais que definem uma tese, cabe só mais um ponto que quero registrar: a escolha por Wesley tem relação com a minha vivência campesina nas montanhas cunhenses, pois, como membros da igreja local, minha família tinha acesso, periodicamente, ao exemplar impresso *Expositor Cristão*, uma publicação metodista que existe há 136 anos e que trazia sempre a figura de John Wesley, a qual me intrigava um pouco devido à sua aparência mais sisuda e semblante sério. Talvez, no meu subconsciente já soubesse que, muitos anos depois, quando meu desejo de concluir o grau máximo dos estudos acadêmicos chegasse, viria a escrever sobre esse orador de 151 sermões e muitos outros textos sobre os mais variados assuntos.

² *felt [his] heart strangely warmed* (OUTLER, 1984, p. 39)

³ Grupo de missionários protestantes tchecos, refugiados na Alemanha, liderados por Conde Zinzendorf, que pregaram o evangelho por toda parte, a partir do século XVII. Disponível em: <http://www.radarmissionario.org/biografia-missionaria-os-moravios/>. Acesso em: 16 jul. 2023.

A partir dessa contextualização pessoal e histórica, pensou-se⁴ sobre o princípio de que uma tese tem de trazer contribuições, assim, foram percorridos os principais bancos de dados de Dissertações e Teses, como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e as Publicações de Teses da Universidade Metodista de São Paulo a fim de conhecer os trabalhos existentes e procurar um campo de estudo ainda não explorado.

Nesse intento, foram encontradas cerca de 30 pesquisas, entre teses e dissertações, que versam sobre o metodismo/protestantismo, com enfoques na eclesiologia⁵ e soteriologia⁶ wesleyanas, bem como acerca das contribuições de John Wesley para a Educação, tema que lhe foi bastante caro durante sua vida missionária. O levantamento não trouxe pesquisadores brasileiros que tenham preferido analisar discursiva e retoricamente o sermônário⁷ do *spiritus rector*⁸ anglicano. No entanto, internacionalmente, chegou-se à tese *The Antithetical Homiletic of John Wesley's: Sermons on Several Occasions, I-IV*⁹, do autor Jim Coleman, produzida para obtenção de título de Doutor em Filosofia. O trabalho analisou, pelas lentes da Retórica, a Homilética¹⁰ de Wesley em um *corpus* constituído pelos *Sermões em Várias Ocasões*, por meio do qual foram investigadas as preferências antitéticas do homilista anglicano.

Considerada, então, essa lacuna nas pesquisas acadêmicas brasileiras, entende-se ser o sermônário wesleyano um terreno fértil e de valor retórico para uma análise que entrelaça a Retórica, a Argumentação e a Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO) à Homilética. Para melhor análise dos discursos de Wesley, baseada nessas teorias, vale ressaltar que os seus 87 anos de vida podem ser divididos em três periodizações importantes, do nascimento até 1738 (fase inicial), de meados desse ano até 1768 (fase intermediária) e desta até sua morte, em 1791

⁴ A partir deste parágrafo, o texto dispensa a primeira pessoa.

⁵ Origina-se do grego *ekklesia* (igreja), termo que, somado a *logos* (revelação, palavra, discurso, doutrina, raciocínio), significa doutrina da igreja.

⁶ É a junção das palavras gregas *soterías* (salvação, libertação de um perigo iminente) + *logos* (revelação, palavra, discurso, doutrina, raciocínio). Assim, soteriologia é a doutrina da salvação. Ela é o centro da teologia metodista e compreendida em um diálogo estreito com a vida, tanto que Renders (2010) defende que Wesley desenvolveu uma soteriologia social.

⁷ coletânea de sermões, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/sermon%C3%A1rio> . Acesso em: 20 set. 2023.

⁸ Espírito condutor ou guia espiritual

⁹ A Homilética Antitética de John Wesley: Sermões em Várias Ocasões, I-IV. Disponível em: <https://www.escholar.manchester.ac.uk/api/datastream?publicationPid=uk-ac-man-scw:298876&datastreamId=FULL-TEXT.PDF> . Acesso em: 5 jan. 2023

¹⁰ Disciplina que se dedica à preparação e entrega de um discurso com base nas Escrituras. Para tanto, usa dos princípios da Retórica para, especificamente, refletir sobre os conteúdos da Bíblia a fim de fazer saber, fazer crer e fazer fazer.

(fase tardia). Essa divisão se explica em razão da experiência do coração estranhamente aquecido vivida por ele em um encontro com moravianos thecos e metodistas, em 1738, na Aldergaste Street, em Londres, fato reconhecidamente aceito pelos historiadores e seus biógrafos como o momento de sua conversão. Além disso, o pregador desenvolveu uma teologia embrenhada nas questões sociais da Inglaterra do século XVIII.

Assim, esta tese parte da seguinte **hipótese**: durante sua vida de pregador, John Wesley adaptou seu discurso em razão das experiências religiosas, fases da vida e práticas sociais vivenciadas. Dela, foram suscitadas, então, duas **questões norteadoras**, como ponto de partida:

Q.1: Há nos sermões de John Wesley marcas que evidenciem o lugar do preferível e eventuais mudanças de posicionamentos antes e depois de sua experiência de conversão?

Q.2: As estratégias retórico-argumentativas e escolhas textuais de seus sermões reforçam, sustentam ou enfraquecem as intenções discursivas de John Wesley, em suas fases inicial, intermediária e final?

Com base nessa proposta, cumprir-se-ão os seguintes objetivos: **de modo geral**, investigar, baseado na análise retórico-argumentativa e na análise do discurso textualmente orientada, se há, nos sermões escritos de John Wesley, diferenças na construção de seus discursos antes e depois da experiência de conversão em 1738, em Aldergaste Street. De **maneira específica**: i. identificar o preferível da prática homilética wesleyana, a partir de três partes do sistema retórico: invenção, disposição e elocução; ii. verificar de que forma eram estabelecidos os acordos entre orador e auditórios; iii. apresentar eventuais mudanças do preferível e discursivas em sermões pregados ao longo de suas fases de juventude, maturidade e velhice; e iv. mostrar aproximações/correspondências entre alguns dos pressupostos teóricos da Retórica e da ADTO.

Para dar conta dessa tarefa, visitou-se, transversalmente, a produção sermonária do teólogo, que totaliza 151 sermões, para que fosse possível compreender aspectos mais gerais sobre as preferências do orador e escolheu-se para compor o *corpus* desta tese três textos que tratam das grandes doutrinas bíblicas - Arrependimento, Fé e Santidade -, as quais, para Wesley, eram essenciais para condução à vida plena e consideradas como se fossem a varanda, a porta e própria religião, nessa ordem (Souza, 2003; 2004). Desse modo, a análise recairá sobre os

seguintes sermões: *A circuncisão do coração*, de 1733, sua fase inicial como pregador, para constatar os elementos retórico-argumentativos; *O arrependimento dos crentes*, de 1767, considerada fase intermediária, em que se confrontam peculiaridades; e *Sobre a Fé*, de 1791, fase tardia, para confirmação das preferências do orador.

Oferecem suporte teórico para a discussão da análise os pressupostos retóricos, da Análise Crítica do Discurso, por meio da ADTO, juntamente com os do discurso religioso e da Homilética. Assim, Aristóteles (2012 [384-322 a.C.]), Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014 [1958]), Quintiliano (2016 [35-95 d.C.]) fornecem a base dos apontamentos sobre a Retórica e argumentação, somados a estudiosos mais contemporâneos, como Tringali (1988), Reboul (2000), Meyer (2007), Ferreira (2010, 2021), Fiorin (2015), Mateus (2018). Para tratar do discurso religioso e da Homilética, optou-se por Agostinho (2002 [354-430 d.C.]), Broadus (1960), Orlandi (1983), Ruiz de la Cierva (2012), Ramirez-Navas (2012). Por fim, apoiou-se em Fairclough (2001) para tratar da Análise do Discurso Textualmente Orientada.

A distribuição dos elementos do texto adota esta sequência discursiva:

O **capítulo um** traça um panorama histórico da Reforma Protestante, evidencia os aspectos hagiográficos de Wesley, marca o cenário da Inglaterra do século XVIII, aborda o Movimento Metodista e Anti-Metodista e, por fim, disserta sobre o sermônário de Wesley e peculiaridades de sua homilética. Faz-se tudo isso com base em estudiosos do clérigo anglicano, mas, sempre que cabível, pontuam-se as marcas discursivas do próprio Wesley, pois, em seus sermões e outras publicações, o orador tratou de diversas questões, o que garantirá autenticidade às suas teses.

O **capítulo dois** dedica-se inteiramente às teorias que darão suporte para a análise retórica, conjuntamente com o texto, a prática discursiva e a prática social. Inicia-se então com a abordagem sobre a Retórica: questão (*quaestio*) e contexto retórico, passos importantes para qualquer análise retórica; adentra-se no sistema retórico e dá-se especial ênfase na (a) invenção (*inventio*), com as provas do discurso – *ethos*, *páthos* e *logos*, raciocínios, lugares, argumentos e raciocínios; (b) disposição (*dispositio*), com a construção do discurso, do exórdio à peroração; e (c) elocução (*elocutio*), que trata das escolhas lexicais, estilo, estética do discurso. Em seguida, teoriza-se sobre a Análise do Discurso Teoricamente Orientada (ADTO), com enfoque na concepção tridimensional do discurso: texto, prática discursiva e prática social, no intento de mostrar a correspondência com os cânones do sistema retórico. Nesse

entremeio, percorrem-se as particularidades do Discurso Religioso e da Homilética que tangenciam as teorias escolhidas.

No **capítulo três**, definem-se as categorias de análise e visita-se o sermonário de Wesley de modo transversal e, detidamente, efetua-se a análise dos três sermões que compõem o *corpus*, conforme já mencionado.

Por fim, são tecidas as considerações finais, momento em que são retomados a questão norteadora e os objetivos a fim de dar conta do trabalho ora empreendido.

Antes de terminar esta seção, é importante salientar as três limitações desta tese: primeiro, este não é um trabalho de cunho teológico, portanto, não há discussão de temas atinentes a esse campo, apesar de trazer discursos elaborados por um teólogo, ou mesmo de temas sociais, embora Jonh Wesley tenha proposto uma soteriologia social; segundo, não pretende cessar com todas as possibilidades de análise sobre a tese proposta, mas contribuir para os estudos de linguagem que amalgamam Retórica e ADTO em discursos religiosos; e, terceiro, o *corpus* é composto por três sermões que foram escritos em inglês do século XVIII, assim, duas das traduções usadas nesta tese – *A Circuncisão do Coração* e *O Arrependimento dos Crentes* – são reconhecidas pela Igreja Metodista do Brasil, que, em parceria com a Editora Reflexão e a Faculdade de Teologia da Universidade Metodista, publicou, em linguagem atualizada, 26 dos 151 sermões de John Wesley. O terceiro sermão – *Sobre a Fé* – e outros trechos extraídos do sermonário, por não ainda não terem uma publicação oficial pela instituição, foram traduzidos pelo próprio autor.

1 UM CONTEXTO, UM PREGADOR E O METODISMO

*I look upon all the world as my parish*¹¹

John Wesley

Para compreensão das preferências de John Wesley como pregador anglicano, é conveniente conhecer o contexto retórico em que ele viveu. Desse modo, este capítulo interessa por dispor ao leitor informações relevantes sobre a Reforma Protestante ocorrida na Inglaterra; a breve biografia de John Wesley que culmina com o surgimento do Movimento Metodista; o marco importante de sua vida, sedimentado pela sua experiência de conversão, em 1738, em Aldergate Street, Londres; e, por fim, os assentos principais do sermonário e prática homilética do reformador anglicano.

1.1 A Reforma Protestante

A Reforma Protestante, eclodida na Europa, foi um acontecimento central para a sociedade do Ocidente, pois extrapolou o campo religioso e trouxe efeitos para a vida social, política, econômica e cultural dos cidadãos. Ela inaugurou, na Idade Moderna, uma nova forma de religião, pautada na experiência, na liberdade da manifestação da fé, da cristandade, em forte oposição ao teocentrismo católico da Idade Média, em que a Igreja é quem detinha a “verdade” e o povo a ela era submetido (Cavalcante, 2017)¹².

Fundamentalmente, as divergências entre reformistas protestantes e católicos romanos estão solidificadas nas *Cinco Solas*: *Sola Fide* (Somente Fé), *Sola Scriptura* (Somente Escritura), *Solus Christus* (Somente Cristo), *Sola Gratia* (Somente Graça) e *Soli Deo Gloria* (Somente a Deus a Glória), conforme aponta Allen (2010). De modo geral, os documentos tratam, respectivamente, a respeito de que a justificação¹³

¹¹ Considero todo o mundo como minha paróquia

¹² Esta tese segue as Normas da ABNT NBR 10520, atualizada em 19 jul. 2023 e incorporada, pela PUC, em seu Manual para elaboração do trabalho acadêmico, revisado em 24 jul. 2023.

¹³ Wesley, no sermão *Operando nossa Salvação* classifica a justificação como uma ramificação da salvação em que “nós somos salvos da culpa do pecado, e restaurados para o favor de Deus” (Wesley, 1997 [1785], p. 562., tradução própria) Em inglês: “we are saved from the guilt of sin, and restored to the favour of God.”

acontece somente pela fé, as Escrituras são a fonte da vida cristã, o mediador entre o homem e Deus é Cristo, a graça é comunicada a todos, sem distinção, e a glória deve ser emanada somente a Deus. Mais tarde, o sermonário de Wesley será permeado por tais postulações, em uma demonstração de respeito e apego aos princípios tradicionais do protestantismo.

Do ponto de vista prático, Cavalcante (2017, p. 444) afirma que

A Reforma e a consequente performance do protestantismo, como seu produto natural, significaram a presença de uma religiosidade imersa no mundo da cultura e no cotidiano das pessoas em seus afazeres laborais, alterando permanentemente a rota dos indivíduos.

O movimento do protestantismo teve como expoente o monge alemão agostiniano Martinho Lutero, que, em 1517, afixou na Catedral de Wittenberg (Região da Saxônia), na Alemanha, as 95 teses¹⁴ da Justificação pela Fé em protesto à venda das indulgências (Maddox, 2019; Cavalcante, 2017). Por seus ensinamentos e escritos teológicos - de tratados a homilias¹⁵ - que se opunham ao teocentrismo medieval e pregavam a liberdade cristã, a Universidade de Wittenberg, em 1521, recebeu a Bula da Excomunhão¹⁶, a qual foi queimada por Lutero.

Cavalcante (2017, p. 445) sugere a seguinte divisão para adequada compreensão da Reforma Protestante: “A Formação da Identidade Plural Protestante (1523-1647); Solidificação, Expansão e Abertura do Fenômeno Protestante (1648-1918); e Nova Teologia Protestante e Ecumenismo (1919-1953)”.

O autor contribui e enumera a relação daqueles que foram os expoentes europeus da Reforma Protestante. Para esta tese, sem pretensão de trazer um aparato com aprofundamento histórico, são apresentados alguns que compuseram o primeiro período que precedeu John Wesley (1703-1791), a fim de se compreender melhor os temas que serviram como pano de fundo para a homilética wesleyana.

No primeiro período da Reforma, destacaram-se Philipp Melanchthon (1497-1560), que conheceu Lutero e publicou, em 1521, a obra *Loci Communes Theologici*¹⁷,

¹⁴ Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1jJIFODWQ8c7x7wdlkpPMNTTpAPFeTLxq/view?usp=sharing> . Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁵ Textos publicados em alemão, mais um contraponto em relação às publicações teológicas que até então primavam o latim.

¹⁶ Disponível em: <http://santamariadasvitorias.org/decet-romanum-pontificem-bula-de-excomunhao-de-martinho-lutero/> . Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁷ Lugares Teológicos Comuns, disponível em: <https://g.christianbook.com/ns/pdf/sample/644459.pdf> . Acesso em: 15 jan. 2023.

cujos temas centrais foram o pecado, a lei e a graça, pontos que viriam ser abordados por Wesley em seu sermonário; Ulrich Zwingli (1484-1531), suíço, publicou, em 1523, o primeiro documento confessional do protestantismo, os 67 *Artigos*¹⁸, que versavam sobre temas que afetavam diretamente a Igreja Católica, como *Do Casamento dos Sacerdotes*, *Do Purgatório*, *Da Interrupção dos Abusos*, entre outros; Menno Simons (1496-1561), suíço anabatista¹⁹ que defendeu um cristianismo simples – preferência de Jonh Wesley - e conclamou civis e religiosos à tolerância, por meio da publicação de *O Fundamento da Doutrina Cristã*; Jean Cauvin (1509-1564), francês, publicou um importante manual para a leitura das Escrituras, intitulado *Christianae religionis institutio*²⁰, além de ter sido, a Lutero, um importante reformador com inúmeras publicações de confissões de fé (Cavalcante, 2017).

Na Inglaterra absolutista, em que o rei liderava tanto o Estado quanto a Igreja, o ponto fulcral da Reforma teve início com uma questão conjugal de Henrique VIII (1509-1547): o rei desejava anular o casamento com a rainha Catarina para se casar com Ana Bolena, o que foi negado pelo Papa Clemente VII. Em 1534, Thomas Cranmer (1489-1556), Arcebispo Anglicano da Cantuária, efetuou a anulação, fato que marcou a independência da Igreja da Inglaterra ou Anglicana da Igreja Católica Romana (PIEIDADE, 2020). Além disso, dois documentos visaram posicionar esse cisma²¹: *The Thirty-nine Articles of Religion*²² e *Book of Common Prayer*²³ (1549), do próprio Thomas Cranmer (1489-1556). Ressalta-se que tal fato não implicou em cisma total, visto que a reforma na Inglaterra “foi de ordem institucional, política e disciplinar, com manutenção da liturgia e do calendário romano” (Piedade, 2020, p. 13).

Com Wesley, foi reclamada uma *reforma da reforma* no sentido de uma ruptura mais acentuada, mas, ainda assim, com meio termo, *via media* (Maddox, 2019), entre as tradições católico-romana e protestante, o que se refere às formas de professar a fé cristã, em busca de uma experiência pessoal. No Sermão 75 – *Sobre o Cisma* – Wesley

¹⁸ Disponível em: <https://presbiteriana.com.br/as-67-teses-de-ulrich-zwingli/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

¹⁹ Grupo que apoiou, em parte, as ideias de Lutero e Zwingli e se opunha ao batismo infantil, rebatizando os que se convertiam (Souza; Zanetti, 2018).

²⁰ Para conhecimento, acesse: <https://www.ccel.org/institutes>. Acesso em: 29 jan. 2023. Em português: CALVINO, J. **A instituição da religião cristã**. I e II. São Paulo: UNESP, 2008/2009

²¹ Divisão de um grupo em dois grupos opostos, especialmente em uma igreja (Cambridge, 2023, online). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/schism>. Acesso em: 10 set. 2023.

²² XXXIX Artigos de Religião, disponível em:

http://www.teologia.org.br/estudos/39_artigos_da_religiao.pdf. Acesso em: 10 set. 2023.

²³ *Livro de Oração Comum*, disponível em: <https://www.churchofengland.org/sites/default/files/2019-10/The%20Book%20of%20Common%20Prayer%201662.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2023.

trata de explicar sobre o significado do termo. Para ele, o cisma entre a Igreja da Inglaterra e a de Roma foi uma divisão que ocorreu internamente. No §17 do sermão, ele deixa, nas entrelinhas, as motivações pelas quais isso ocorreu:

[...] Todo o corpo de católicos romanos define o cisma como uma separação da Igreja de Roma; e quase todos os nossos escritores o definem como uma separação da Igreja da Inglaterra. Assim, tanto um quanto o outro começam de forma errada e tropeçam logo no início. Isso aparecerá facilmente para qualquer um que considere com calma os vários textos em que a palavra "cisma" ocorre; de todo o teor dos quais é manifesto que não é uma separação de qualquer Igreja (seja geral ou particular, seja a Católica ou qualquer Igreja nacional), mas uma separação em uma Igreja (Wesley, 1997b [1786], p. 446)²⁴²⁵.

Essa separação a que se refere Wesley começou a ser acentuada na segunda fase do Protestantismo, meados do século XVII até a Primeira Guerra Mundial, quando os adeptos ao movimento assistiram à sua eclosão impulsionada pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial. Ainda, em 1648, instaurou-se um marco importante – a ratificação do Tratado de Augsburg (1555)²⁶, que garantiu a católicos e protestantes a liberdade de culto (Cavalcante, 2017).

Nesse tempo, que inclui o da Teologia Wesleyana, questões importantes do pensamento iluminista foram incorporadas à agenda protestante, como pontua Cavalcante (2017, p. 454):

luta pelos direitos sociais do indivíduo, pela melhoria das condições de trabalho, pela liberdade de consciência, exame e expressão, fazendo valer seu protesto como um direito dado por Deus diante do Estado ou mesmo da própria autoridade religiosa, direito ao corpo e à propriedade. [...] pela democracia, sufrágio universal e separação de Igreja e Estado. Escrever uns dois parágrafos sobre o que vocês esperam com essa pesquisa que estão desenvolvendo a partir dos objetivos traçados.

Na biografia de Wesley, próxima subseção, serão confirmadas as influências de tais ideias e a preocupação do teólogo com as questões sociais advindas do processo de industrialização inglês, conforme exposto no excerto.

²⁴ *The whole body of Roman Catholics define schism, a separation from the Church of Rome; and almost all our own writers define it, a separation from the Church of England. Thus both the one and the other set out wrong, and stumble at the very threshold. This will easily appear to any that calmly consider the several texts wherein the word "schism" occurs; from the whole tenor of which it is manifest, that it is not a separation from any Church, (whether general or particular, whether the Catholic, or any national Church,) but a separation in a Church.*

²⁵ As datas dos sermões têm como base as referências de Albert Outler. Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/the-sermons-of-john-wesley-chronologically-ordered/> . Acesso em: 16 jan. 2023.

²⁶ Acordo estabelecido na Alemanha entre luteranismo e catolicismo.

Antes de finalizar este tópico, é oportuno informar que, no século XVIII, além de John Wesley, outros reformadores ganharam notoriedade, por exemplo: Conde Zinzendorf (1700 – 1760), Jonathan Edwards (1703-1758) e George Whitefield (1714 – 1770). Por suas atuações, merecem algumas notas.

Nicolaus Ludwig von Zinzendorf foi um conde alemão carismático que, em 1722, permitiu que um grupo de refugiados morávios se estabelecesse em suas terras. Sob sua liderança, os Irmãos da Morávia expandiram-se e começaram um movimento missionário que se espalhou pelo mundo. Em diversas viagens à Inglaterra fundaram a *Fetter Lane Society*, um centro de separatismo religioso frequentado, inclusive, pelos irmãos John Wesley e Charles Wesley (Pettersen, 2021).

Jonathan Edwards, teólogo americano que tinha uma abordagem que unia profundidade intelectual e fervor religioso. Suas ideias eram influenciadas pelo pensamento cristão, principalmente o calvinismo. Defendia o equilíbrio entre teologia e prática, opondo-se tanto ao arminianismo²⁷ quanto ao hiper-calvinismo. Assemelhava-se a Wesley no tocante a dar importância à experiência religiosa e ao argumentar que a genuinidade da conversão e da vida espiritual deveria ser avaliada pelos frutos visíveis, como a convicção de pecado, a ética transformada e a influência positiva na comunidade (Matos, 1998).

George Whitefield foi um pregador itinerante inglês, anglicano e calvinista, conhecido por ser uma figura proeminente no mundo evangélico britânico e associado, também, à fundação da Igreja Metodista, haja vista ter feito parte, junto com os Irmãos Wesley, do Clube dos Santos, na Universidade de Oxford. Ele realizou sete viagens transatlânticas da Grã-Bretanha para a América do Norte britânica, onde envagelizou em defesa do revivalismo e teve disputas com autoridades eclesiásticas e civis. Whitefield pregou diversos sermões ao longo de sua vida missionária, muitos dos quais enfocavam a justiça, um elemento central da doutrina calvinista. Também valorizava a experiência de conversão como essencial para a autoridade de um ministro, em

²⁷ Movimento originário de Jacó Armínio, teólogo holandês (1560 -1609), nascido em Oudewater, Utrecht. Após sua morte, Simon Episcopius (1583-1643) sistematizou o arminianismo, que se pauta nestes cinco pontos: "*Freed by Grace (to Believe)* – Livre pela graça (sustenta que o homem é dotado de vontade livre e que a graça é resistível); *Atonement for All* – Expiação para Todos (a morte de Cristo oferece a Deus base para salvar a todos os homens, contudo, cada homem deve exercer sua livre vontade para aceitar a Cristo); *Conditional Election* – Eleição Condicional (a eleição baseada no pré-conhecimento de Deus em relação àquele que deve crer); *Total Depravity* – Depravação Total (O homem é tão depravado que a graça divina é necessária para a fé ou para qualquer boa obra); *Security in Christ* – Segurança em Cristo (Cristo morreu por todo se cada um dos homens, embora só os crentes sejam salvos) (Feinberg, 2000 citado por Nascimento, 2018, p. 93)

oposição às práticas da Igreja da Inglaterra que exigiam erudição e ordenação (Parr, 2017).

1.2 John Wesley

Jonh Wesley nasceu em Epworth, Inglaterra, em 28 de junho de 1703, filho de Susana e Samuel Wesley (Lelièvre, 1997). Por inabilidade de gestão financeira pessoal por parte de seu pai, que ficava em atividades laborais por longo tempo, Wesley foi educado por sua mãe, que primava por regras rigorosas e metódicas. Começaram aí as primeiras influências na formação do caráter moral do orador (Lelièvre, 1997).

Outro fato de relevância foi o incêndio ocorrido em sua casa, na infância, em que ele foi esquecido e houve uma movimentação da vizinhança para salvá-lo, antes que tudo viesse abaixo. A partir daí, ele tomou para si que Deus tinha um propósito maior para sua vida e, ao longo de seus 87 anos, pautou-se nesse sentimento para cumprir sua missão evangelística (Lelièvre, 1997).

Na escola de Chartehouse, em Londres, destacou-se entre os quatro melhores alunos, o que lhe garantiu uma bolsa para a Universidade de Oxford, uma prática do colégio. Assim, iniciou seus estudos no ensino superior em 1720, período em que se dedicou ao estudo de línguas, literatura, matemática e lógica aristotélica. Formou-se em 1724 e teve ordenação diaconal e sacerdotal em 1725 e 1728, respectivamente (Lelièvre, 1997). Assim que ordenado, começou a pregar sobre a indiferença ao caos instaurado na Inglaterra, o que já demonstrava sua predileção pelo campo social. Em razão disso, Renders (2006) defende que Wesley desenvolveu uma soteriologia social, haja vista sua predileção para as questões da vida social de seu povo.

Torna-se adequado citar as obras que contribuíram, nesse período de ordenações, para a formação espiritual de Wesley. Collins (2003) citado por Renders (2006) faz uma enumeração delas: *A imitação de Cristo* e *Padrão Cristão*, de Thomas à Kempis; *Regras do exercício do viver santo e morrer santo*, de Jeremy Taylor; *Prática de verdadeira devoção*, de Robert Nelson; *Pensamentos particulares a respeito de religião*, de William Beveridge; *Perfeição Cristã e sério chamado a uma vida devota e santa*, de William Law. A partir dessas leituras, Wesley decidiu que desejava ser um cristão verdadeiro com vida mais disciplinada. Assim, começou a registrar no seu diário suas *práxis pietatis* (orações breves e concentradas, ato de

comungar regularmente, autoexame diário), práticas que misturavam catolicismo e puritanismo²⁸, características do anglicanismo da época, conforme pontua Renders (2006).

Certamente, o discurso do guia espiritual inglês foi moldado por diversos outros autores com os quais se filiou teoricamente, no entanto, por meio dessas obras citadas, Wesley constituiu sua concepção de santificação²⁹, tema primário de seus escritos.

O pregador anglicano atuou, ainda, como professor na Universidade de Oxford e, em 1729, passou a integrar um grupo de cerca de 15 estudantes, liderado pelo seu irmão Charles Wesley, que se dedicou ao aperfeiçoamento religioso. Por manterem uma vida regrada e com foco no estudo disciplinado das Escrituras, passaram a ser denominados de *Holy Club* (*Clube dos Santos*), *Godly Club* (*Clube dos Piedosos*), *Bible Moths* (*Mariposas da Bíblia*), *Supererogation Men* (*Homens da Supererogação*) e *Methodists* (*Metodistas*), este que nomeou o Metodismo por Wesley empreendido (Piedade, 2020; Zioli, 2015). Eram chamados de metodistas, pejorativamente, devido ao modo metódico de como estudavam as Escrituras, pelo hábito de oração e pelas intervenções no campo social, conforme afirma Araújo (2011). Heitzenrater (2016, p. 43) acrescenta que, no grupo de estudos, o “interesse primeiro de Wesley era a pureza interior do coração, estimulada pela meditação sobre as virtudes”, mas ele e seus amigos preocupavam-se também com a “manifestação externa dessas virtudes, de acordo com certas regras e métodos”.

Em 1736, viajou para a América, especificamente para a colônia britânica Geórgia, com seu irmão e mais dois integrantes do Clube dos Santos, a fim de evangelizar os indígenas, cujo pastoreado se estendeu a colonos brancos com cultos regulares, batismo, orações públicas e Santa Ceia aos domingos (Joy, 1996). À época, Wesley “buscava um propósito de Deus para sua vida” (Zioli, 2015, p. 18). Durante essa viagem, mais dois acontecimentos contribuíram para a sedimentação das concepções religiosas wesleyanas: o naufrágio do navio por conta das

²⁸ “O Puritanismo foi parte do movimento de Reforma Protestante na Inglaterra. [...] Eles desejavam purificar a igreja dos vestígios restantes de cerimonia, ritual e hierarquia católicos. [...] O Puritanismo foi então, em parte, um fenômeno distintamente inglês, consistindo no descontentamento para com a Igreja da Inglaterra. Mas desde o princípio foi também parte do protestantismo europeu” (Ryken, 2013, p. 36-37).

²⁹ Do mesmo modo que a justificação, a santificação também é uma ramificação da salvação em que “somos salvos do poder e da raiz do pecado e restaurados à imagem de Deus” (Wesley, 1997 [1785], p. 562., tradução própria) Em inglês: “we are saved from the power and root of sin, and restored to the image of God.”

tempestades e o encontro com os Irmãos Morávios³⁰, que demonstravam tranquilidade mediante o ocorrido, em um apego à fé que praticavam, o que impressionou, sobremaneira, a Wesley.

Apesar de obtida certa adesão na Geórgia, alguns paroquianos começaram a desagradar-se com Wesley em razão de suas regras metódicas e rígidas. Além disso, ele se envolveu com a sobrinha do chefe político local e como não quis se casar, temeroso de que isso atrapalharia sua vida missionária, ela contraiu matrimônio com um colono, que moveu ação judicial contra Wesley: a acusação recaiu sobre o fato de que ele não quis ministrar Santa Ceia para sua esposa. Sem poder provar sua inocência, Wesley regressou à Inglaterra e teve sua primeira crise espiritual: sua fé abalou-se e começou a questionar-se sobre sua salvação (Joy, 1996) até sua experiência de conversão.

1.3 Experiência de conversão em Aldergate Street (1738)

Conforme já mencionado, a experiência de conversão obtida por Wesley na comunidade religiosa que se reunia na Rua Aldergate, em Londres, foi um acontecimento chave para a consolidação de sua teologia.

Em 24 de maio de 1738, à noite, ele se juntou a um grupo religioso, de metodistas e moravianos, na Rua Aldergate, em Londres, e, durante a pregação, que ora se apresentava, sentiu seu coração estranhamente aquecido, conforme descreveu neste excerto:

À noite, fui, a contragosto, a uma sociedade na Aldersgate Street, onde alguém estava lendo o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Cerca de um quarto antes das nove, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração por meio da fé em Cristo, senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a salvação; e tive a certeza de que Ele havia tirado meus pecados, até os meus, e me salvado da lei do pecado e da morte. (Wesley, 1951, p. 55)^{31,32}.

³⁰ Eram originários da Morávia e tiveram como representante do movimento o Conde Zinzendorf (1700 – 1760). Wesley os encontrou no caminho à Geórgia, quando da sua viagem e ficou impressionado com a calma dos 26 thecos em alto mar, mediante uma tempestade. Além disso reconhecia e admirava o quão sério os morávios levavam a fé cristã diária (Souza, 2008).

³¹ *In the evening I went very unwillingly to a society in Aldersgate Street, where one was reading Luther's preface to the Epistle to the Romans. About a quarter before nine, while he was describing the change which God works in the heart through faith in Christ, I felt my heart strangely warmed. I felt I did trust in Christ, Christ alone, for salvation; and an assurance was given me that He had taken away my sins, even mine, and saved me from the law of sin and death.*

³² A obra *The Journal of John Wesley* foi editada por Percy Livingstone Parker em 1951.

Souza (2008) afirma que antes de 1738, Wesley manteve-se preso aos preceitos formais anglicanos e considerava a igreja hierarquicamente superior. Após sua conversão, ele passou a encarar a religião como uma missão voltada, essencialmente, para salvar almas. “A eclesiologia foi superada pela soteriologia e a ordem, suplantada pela graça” (Souza, 2008, p. 27). A partir dessa experiência do coração estranhamente aquecido, os sermões de Wesley passaram a ser tomados de suas próprias vivências espirituais.

Maddox (2019) traz um apontamento importante que merece atenção. Apesar de, pela experiência do coração abrasado/aquecido, Wesley ter acreditado que agora teria paz, alegria e certezas, isso não ocorreu, o que o fez passar a transmitir em público que, sim, a fé é instantaneamente completa e, em oportunidades mais privadas, considerava que havia graus de fé e graus de segurança. Postulava, assim, que “alguém que ainda não fosse totalmente cristão, pudesse ser verdadeiramente cristão (embora imperfeito)” (Maddox, 2019, p. 246).

Em 1741, na Igreja de St. Mary, Oxford, pregou o Sermão 2 *Quase um Cristão*, que tem relação direta com a fé e a segurança da salvação, conforme este excerto:

A fé cristã, correta e verdadeira (para usar as palavras de nossa própria igreja), não é aquela que nos faz acreditar nas Escrituras Sagradas, e nos artigos de nossa fé, como verdadeiros, mas é aquela que, além disso, nos traz a confiança e segurança de sermos salvos da condenação eterna, através de Cristo. Essa é a verdadeira crença e confiança, a qual o homem tem em Deus; a de que, pelos méritos de Cristo, seus pecados foram perdoados, que ele está reconciliado, para o favor de Deus; a respeito de quem, ele segue, com o coração afetuoso, para obedecer a seus mandamentos (Wesley, 1997a [1741], p. 87)³³

Wesley tinha a fé como esteio da vida cristã. Quarenta anos mais tarde escreveu, especificamente, dois sermões com o título *Sobre a Fé*, nos quais abordou dois sentidos do termo: convicção divina de Deus e das coisas de Deus e convicção divina do mundo invisível e eterno. Este último será tratado na análise.

1.4 Inglaterra no século XVIII

O Movimento chamado Metodismo surge, então, na Inglaterra do século XVIII marcada pelo processo de industrialização calcado na exploração humana, que atraía

³³ *The right and true Christian faith is (to go on in the words of our own Church), "not only to believe that Holy Scripture and the Articles of our Faith are true, but also to have a sure trust and confidence to be saved from everlasting damnation by Christ. It is a sure trust and confidence which a man hath in God, that, by the merits of Christ, his sins are forgiven, and he reconciled to the favour of God; whereof doth follow a loving heart, to obey his commandments.*

o êxodo rural, com aglomeração de pessoas na cidade em busca de melhores condições de vida. Desemprego, condições insalubres de trabalho e de moradia, jornadas extensas, crianças fora da escola e atuantes como força de trabalho junto dos pais eram somente alguns dos problemas que assolavam o cenário inglês (Joy, 1996; Piedade, 2020).

É nesse clima de desordem que o Movimento Metodista encontra terreno e adesão popular, por meio da prática religiosa que acolhe os oprimidos/desassistidos e incute em seus corações uma chama de esperança. Surge, dessa maneira, em meio ao caos social e de degeneração de valores comuns ao cristianismo numa época em que as atuações institucionais da Igreja e do Estado se confundiam e não davam conta de resolver os problemas do povo, sobretudo das classes mais pobres. (Piedade, 2020). Esse ambiente fez com que o Cristianismo fosse reconhecido, à época, como uma prática social solidária ou um metodismo pastoral dos pobres, incutido no aspecto comunitário-societário, segundo Renders (2006).

Essa preocupação com o social é relatada por Reily, em 1953, em um ensaio sobre *A influência do Metodismo na Reforma Social da Inglaterra do Século XVIII*. Nele, o autor compila as principais contribuições de Wesley e dos metodistas para questões sobre: i. imoralidade e crime; ii. caridade aos pobres e enfermos; iii. reforma educacional; iv. reforma das prisões; e v. abolição da escravidão. Wesley tinha convicção de que “a boa fé em Cristo resulta inevitavelmente em boas obras” (Reily, 1953, p. 2), por isso não pregou uma religião de gabinete, se assim se pode nomear, mas foi ao encontro dos necessitados, por vezes, invisíveis à burguesia elitista do século XVIII. Maddox (2019) acrescenta que, nesse contexto, sua teologia foi reconhecida como popular, calcada na disciplina prática (*scientia practica*), conforme poderá ser observado nas ações que implementou, sintetizadas nos parágrafos subsequentes. Outler (1984) observa que sua religião era baseada no empirismo, ou seja, na experiência.

A Inglaterra do século XVIII, na concepção do Movimento Metodista, estava mergulhada na imoralidade com práticas de vícios como a luxúria e os jogos de entretenimento, que os metodistas lutaram para proibir. Para eles, o tempo ocioso deveria ser ocupado para leituras e visitas aos enfermos (Reily, 1953), ou seja, com estudo sistemático das Escrituras e boas obras. Por outra via, faziam parte do cenário inglês a desordem, a ilegalidade, o contrabando, o roubo e as penalidades severas

aos condenados nas terras inglesas, uma série de problemas que os adeptos da nova religião combateram veementemente por meio de suas práticas religiosas.

Conforme já anotado, Wesley tinha especial preocupação com os pobres e enfermos e orientava que os que detinham posses deveriam colaborar para oferecer melhores condições ao próximo. Em 1741, colocou um plano em prática: pediu que cada membro metodista doasse um penny³⁴ por semana para criação de um fundo para atender as necessidades desse grupo de cidadãos desvalidos. No mesmo ano, houve uma epidemia em Londres e os metodistas, liderados por Wesley, dividiram-se para visitar todos os doentes e levar a eles uma palavra de conforto espiritual, bem como itens de necessidade básica, segundo testifica Reily (1953).

Ademais, Wesley reuniu os melhores textos sobre Medicina e produziu um compêndio em linguagem simples, acessível ao povo [ele se preocupava com esse ponto, inclusive em seus sermões] para que todos pudessem ter acesso. Com a industrialização, muitos artesãos perderam emprego e freguesias, assim, Wesley criou um fundo para empréstimo para tais comerciantes. Muito embora ele ajudasse os pobres, tinha predileção por lhes oferecer as condições para conseguir produzir e obter seu sustento (Reily, 1953).

Uma das contribuições que rende até hoje anotações à prática wesleyana foi a Reforma Educacional instituída por Wesley e os Metodistas. No século XVIII, na Inglaterra, havia poucas escolas e muitos pais não tinham capital para manter os filhos nos colégios privados. Assim, Wesley tratou de estudar detidamente o sistema educacional da Inglaterra e, após criticar vários pontos, concluiu que havia um abismo entre saber e piedade. Então, esforçou-se sobremaneira no sentido de unir essas duas práticas (Reily, 1953; Zioli, 2015).

Preocupou-se, também, em oferecer aos adultos alfabetizados a oportunidade de conhecimento, assim, publicou vários panfletos com assuntos variados. Ele intencionava trazer sabedoria para o povo inglês, criou diversas escolas, além das Dominicais, ganhou certa quantia significativa em dinheiro, mas como pregava a caridade, morreu pobre (Reily, 1953).

Por fim, Wesley visitou os presos, pregou nas cadeias e, ainda, foi um opositor ferrenho da escravidão. Juntou-se a outros abolicionistas para combatê-la na

³⁴ “moeda que vale um centésimo da libra ou do dólar, pêni”, disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/penny>. Acesso em: 24 out. 2023.

Inglaterra e publicou um material intitulado “Pensamentos sobre a escravidão”³⁵, em 1774.

Logo, o reformador anglicano iniciou seu ministério em um momento cultural da Inglaterra muito particular: “crenças populares em espíritos, o fenômeno de transição de leis de costumes para o vigor de um código penal, o papel das mulheres e a questão da educação, compreensão pública da fé” (Renders, 2006, p. 39). Araújo contribui ao dizer que, na Inglaterra do século XVIII, “o ser humano deveria ser regido e controlado por sua razão e pela sua lógica, não pelas emoções e sentimentos” (Araújo, 2011, p. 6). O autor pontua, ainda, que este é um distintivo da teologia protestante: “Justificação e santificação não ocorrem por esforço próprio ou vontade humana, é um dom, uma graça oferecida por Deus por meio da fé” (Araújo, 2011, p. 14)

Souza (2008, p. 28) colabora: “O fato é que a teologia metodista em seus primórdios estava profundamente enraizada na dinâmica própria do movimento, num *kairós*³⁶ de grande fermentação eclesial”. O autor ainda menciona que, ao longo de ministério, Wesley repensou sua eclesiologia, em razão da introdução de novas práticas, como a pregação leiga e itinerante, da revisão de antigos conceitos, dos conflitos com a hierarquia anglicana, da crítica de oponentes teológicos e das crescentes exigências missionárias (Souza, 2008).

A respeito desse repensar de Wesley, Maddox (2019) faz uma contribuição importante ao tratar que estudiosos se reportam às convicções teológicas de Wesley com base em três divisões importantes: Wesley inicial (1733-38), Wesley intermediário (1738-68) e Wesley tardio (1769-91). Assim, seus primeiros escritos e pregações assentaram-se na retidão moral, depois passaram a envolver a salvação pela graça e culminaram com uma preocupação com a santidade cristã. Tais ênfases não foram isoladas, mas mantiveram-se interrelacionadas durante as três divisões (Maddox, 2019).

Durante o seu ministério, portanto, o anglicano depositou ênfase maior em alguns aspectos da religião, revisou concepções defendidas e até mesmo abandonou

³⁵ RENDERS, Helmut. O envolvimento de John Wesley (1703-1791) na causa abolicionista: de experiências pessoais, via a criação de uma rede de contestadores/as até uma ação política orquestrada. **Revista Caminhando**. São Bernardo do Campo, vol. 18, n. 1, jan. / jun. 2013a. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/3627/3596>. Acesso em: 29 jan. 2023.

³⁶ Momento certo, oportuno

certas falas. Maddox (2019) cita algumas dessas alterações: o Wesley inicial atribuiu, em alguns momentos, os incêndios, guerras e terremotos à ação de Deus; já na sua fase tardia, foi mais cauteloso em dizer que Deus permitia que eles ocorressem; inicialmente, compreendia a graça sob a ótica terapêutica, no sentido de curar a natureza corrompida, enquanto em sua fase mais protestante, intermediária, adotava a ótica forense, no sentido de ser a graça um perdão imerecido; em 1725, estava convencido da segurança da salvação, que estava atrelada à fé, entendida por ele como assentimento, depois, em 1734, na visita à Geórgia, compreendeu que a fé era mais uma questão de confiança, conforme lhe ensinaram os morávios thecos. É nesse sentido que Maddox (2019) mostra as preocupações orientadoras teológico-práticas de Wesley no seu percurso sacerdotal.

No campo das ideias, o Metodismo sofreu influências do Pietismo³⁷ alemão luterano, do Iluminismo³⁸ e do Neoclassicismo³⁹, movimentos que deixaram, de algum modo, marcas na teologia wesleyana. Do primeiro, foram herdados de forma latente a experiência religiosa, o biblicismo e a vontade de reforma na igreja; do segundo, o senso de liberdade e autonomia do homem, o uso da razão; e do terceiro, conforme defende Coleman (2016), a organização lógica dos sermões, do exórdio à peroração.

Uma anotação importante é que, organizacionalmente, o Metodismo inicial se consolidou em forma de Sociedades que se espalharam pela Inglaterra. Por meio delas, Wesley propagava seus ensinamentos sobre a teologia prática. Mais tarde, tais Sociedades foram tomando forma de Igrejas. No Brasil, a primeira surgiu em 1930⁴⁰.

À medida que o movimento se alargava pela Inglaterra e ganhava mais adeptos, surgiram também os opositores, que teciam críticas contundentes a Wesley e a seus seguidores, tema que merece especial atenção no tópico subsequente.

1.5 O Anti-Metodismo

Desde sua instauração, o Movimento Metodista foi bastante atacado por clérigos anglicanos que defendiam e protegiam a Igreja Estabelecida (Igreja

³⁷ Movimento da renovação da fé cristã ligado à Igreja Luterana. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/1_Pietismo_Hermisten_Costa.pdf. Acesso em: 28 jan. 2023.

³⁸ Conhecido como Século das Luzes, que trouxe à tona a razão e o esclarecimento em oposição ao obscurantismo.

³⁹ Movimento derivado do espírito crítico iluminista, que valoriza o clássico, mas também venera as tendências renascentistas.

⁴⁰ Para conhecer os cânones da Igreja Metodista do Brasil, acesse: <https://metodista.org.br/content/interfaces/cms/userfiles/files/CANONES-2017-2021.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2023.

Anglicana) contra inimigos deístas⁴¹, católicos romanos e, principalmente, cismáticos protestantes. Wesley e Whitefield, pertencentes a esse último grupo, propagadores da nova religião, enfrentaram, a partir de 1740, uma torrente de oposição.

Os anti-metodistas criticavam pela pregação itinerante e ao ar livre que ambos praticavam, as quais eram vistas pelos opositores como violações de leis e normas eclesiásticas (Lewis, 2017). Além disso, mais duas acusações lhes eram imputadas: agravamento dos problemas sociais do povo inglês, visto que os pregadores angariavam muitos seguidores, os quais deixavam de trabalhar e sustentar suas famílias para acompanharem os líderes “entusiastas”, o que poderia agravar ainda mais os problemas sociais ingleses; arrecadação de fundos em benefício próprio [na tentativa de amenizar as dificuldades, o Movimento coletava fundos, como mencionado na subseção 1.2.2].

Esses ataques eram feitos por meio de publicações literárias satíricas (poemas, romances/novelas e ilustrações) como *The Mock-Preacher: A Satyrical-Comical-Allegorical Farce* (1739); *The Mournful Nuptials*; *Love the Cure of All Woes: A Tragedy* (London, 1739), *The Summer's Ramble of Mr. Geoffrey Wildgoose: A Comic Romance*, 3 vols. (London, 1773), conforme atesta Lewis (2017). Por vezes, tais peças não criticavam o Metodismo claramente, mas nas entrelinhas, complementa o autor.

Figuravam entre os principais oponentes clérigos anglicanos como Edmundo Gibson, Joseph Trapp, Daniel Waterland e Conyers Middleton e William Waburton, (Field, 1991) que teciam as seguintes críticas teológicas aos metodistas: rejeitavam a noção “entusiasmada” de Wesley de que alguém poderia ter certeza da presença do Espírito Santo, a ênfase à santificação, os ensinamentos ascéticos e perfeccionistas; viam o metodismo com uma ligação direta entre ascetismo, anticlericalismo, antinomianismo⁴² e deísmo; associavam o movimento a uma seita; opunham-se ao

⁴¹ A filosofia deísta surgiu na Inglaterra no século XVII e baseia-se em cinco princípios: “1) Existe uma Deidade suprema, 2) Essa Deidade deve ser adorada, 3) A virtude combinada com a piedade é a parte principal da adoração divina, 4) Os seres humanos devem se arrepender de seus pecados e abandoná-los, e; 5) A recompensa e a punição decorrem da bondade e da justiça de Deus, tanto nesta vida quanto depois dela” (Waxman, 2016, p. 1, com base em Butler, 2007). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337636549_Five_Principles_of_Deism . Acesso em: 18 out. 2023.

⁴² “Aquele que sustenta que sob a dispensação evangélica da graça a lei moral não é de uso ou obrigação porque somente a fé é necessária para a salvação” (tradução própria) [*One who holds that under the gospel dispensation of grace the moral law is of no use or obligation because faith alone is necessary to salvation*]. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/antinomianism> . Acesso em: 14 set. 2023.

tratamento dado a temas como o pecado original, o batismo infantil, o inferno, dentre outros aspectos. (Field, 1991; Lewis, 2017).

Uma comprovação de que os metodistas eram classificados como entusiastas está nesta passagem do clérigo James Belfor, adepto à Igreja Anglicana, quando chegou à cidade de Carbonear, Canadá, para substituir o ministro Coughlan:

Em Carbonear, que pertence a essa missão e cerca de quatro milhas por terra de Harbour Grace, eles recusaram-se a me admitir para realizar cultos em sua pequena capela em sua pequena capela e desejaram que eu permitisse que um metodista ou presbiteriano pregasse para eles que sua casa de reunião (como eles a chamavam). [...] Se isso fosse permitido, causaria uma contínua dissensão civil aqui. **O entusiasmo** já é tão incômodo que as famílias dificilmente se falam por causa da diferença de religião⁴³ (Balfour, 1775, citado por Parsons, 1964, p. 24, tradução própria).

Foi em razão dessas acusações e da inadequação do emprego do termo entusiasmo, que Wesley, em 1750, tratou de pregar sobre *A Natureza do Entusiasmo*. No texto, ele apresenta o conceito, classifica as três espécies de entusiasmo, na visão dele mais perigosas e as quais todos devem evitar e, em forma de refutação, argumenta que o tipo de entusiasmo que acusam os metodistas, na verdade, não pode ser caracterizado como tal. Alguns trechos do sermão merecem destaque:

O entusiasmo pode ser definido de modo geral, mais ou menos assim: uma loucura religiosa proveniente de qualquer imaginária e falsa ou inspiração de Deus, ou afinal partindo da imputação a Deus, de alguma coisa que a Ele não se pode atribuir, ou esperando de Deus alguma coisa que não se pode esperar (Wesley, 1997a [1750], p. 570)⁴⁴.

Dentre as espécies de entusiasmo mais nefastas, Wesley cita aqueles que imaginam que têm uma graça que não possuem, os que pensam possuir dons, mas não os têm e os que acreditam que, pelo poder de Deus, podem atingir o fim sem utilizar os meios.

Após exemplificar perfis de entusiastas em cada espécie, Wesley cita aquilo que seus opositores sempre debateram: “imaginar que certas coisas sejam devidas à

⁴³ At Carbonear which belongs to this mission and about four miles by land from Harbour Grace, they refused to admit me to perform church services in their little chapel, and desired that I would permit a Methodist or Presbyterian, to preach to them that their meeting house (as they called it) [...] If this thing was allowed it would occasion a continued civil dissention here. So troublesome is enthusiasm already that families will hardly speak to one another on account of differing religion.

⁴⁴ Enthusiasm in general may then be described in some such manner as this: A religious madness arising from some falsely imagined influence or inspiration of God; at least, from imputing something to God which ought not to be imputed to him, or expecting something from God which ought not to be expected from him.

providência de Deus, quando a ela não se devem”. Mas o orador anglicano não reconhece isso como uma quarta espécie, visto que não sabe de “coisas que os homens tenham e que se não devam à providência de Deus; dispondo, ou, pelo menos, governando, nada há com que a Providência não se relacione, seja direta, seja remotamente” (Wesley, 1997a [1750], p. 576)⁴⁵.

Além dessas acusações advindas de clérigos, por vezes, Wesley sofria ataques de multidões que o ouviam pregar, como relatou, em seu *Diário*, sobre um enfrentamento que sofreu em Wednesbury, em West Midlands, de uma multidão revoltosa:

Tentar falar era inútil, pois o barulho de todos os lados era como o rugido do mar. Assim, eles me arrastaram até chegarmos à cidade, onde, vendo a porta de uma casa grande aberta, tentei entrar, mas um homem, pegando-me pelos cabelos, puxou-me de volta para o meio da multidão. Eles não pararam mais até que me carregaram pela rua principal, de uma ponta a outra da cidade. Continuei falando o tempo todo para os que estavam ouvindo, sem sentir dor ou cansaço. Na extremidade oeste da cidade, ao ver uma porta meio aberta, fui em direção a ela e queria entrar, mas um senhor na loja não permitiu, dizendo que eles derrubariam a casa. No entanto, fiquei na porta e perguntei: "Vocês estão dispostos a me ouvir falar?" Muitos gritaram: "Não, não! Arranquem-lhe os miolos; acabem com ele; matem-no imediatamente." Outros disseram: "Não, mas vamos ouvi-lo primeiro". Comecei a perguntar: "Que mal eu fiz? A qual de vocês eu ofendi com palavras ou ações?" E continuei a falar por mais de um quarto de hora, até que minha voz falhou repentinamente; então, as multidões começaram a levantar a voz novamente, muitos gritando: "Levem-no embora! levem-no embora!"⁴⁶ (Wesley, 1827 [1746], p. 18, tradução própria).

Com base no excerto e no que foi exposto, vê-se que, para cumprir o propósito que Deus tinha para sua vida, conforme considerou desde o início, Wesley enfrentou muitos dissabores, o que justifica ter chegado aos 87 anos extremamente cansado, por enfrentar os desafios da propagação da religião do coração, como certifica Maddox (2019).

⁴⁵ *I know not what things they are which are not owing to the providence of God; in ordering, or at least in governing, of which, this is not either directly or remotely concerned.*

⁴⁶ *To attempt speaking was vain; for the noise on every side was like the roaring of the sea. so they dragged me along till we came to the town; where seeing the door of a large house open, I attempted to go in; but a man, catching me by the hair, pulled me back into the middle of the mob. They made no more stop till they had carried me through the main street, from one end of the town to the other. I continued speaking all the time to those within hearing, feeling no pain or weariness. at the west end of the town, seeing a door half open, I made toward it and would have gone in; but a gentleman in the shop would not suffer me, saying they would pull the house down to the ground. However, I stood at the door, and asked, "Are you willing to hear me speak?" Many cried out, "No, no! knock his brains out; down with him; kill him at once." Others said, "Nay, but we will hear him first." I began asking, "What evil have I done? Which of you all have I wronged in word or deed?" And continued speaking for above a quarter of an hour, till my voice suddenly failed: then the floods began to lift up their voice again; many crying out, "Bring him away! bring him away!"*

Apesar das críticas, sempre rebatidas em sermões e outros gêneros, o Movimento Metodista continuou ganhando força em terreno inglês e se consolidou mais ainda com a experiência de conversão de Wesley.

1.6 Sermonário e Prática Homilética

Conforme já mencionado, sermonário é termo utilizado para fazer referência a um conjunto de sermões e a Homilética como a “ciência da preparação e entrega de um discurso baseado nas Escrituras” (Broadus, 2009, p. 13). A respeito desta última, haverá algumas incursões teóricas no Capítulo 2.

Durante toda a sua vida, Wesley procurou fazer uso da palavra escrita e oral para ensinar ao povo e aos seus pregadores o verdadeiro caminho para a salvação final. Assim, redigiu um material teológico-prático que contemplava cartas, ensaios, panfletos, conferências, guias disciplinares, biografias e sermões, e, ainda, trabalhos de cunho editorial sobre credos, liturgias, hinários, guias devocionais. Como ele não criou uma Teologia Sistemática ou um Tratado sobre Teologia, a exemplo do que fizeram alguns Pais da Igreja, todo esse acervo mais fragmentado tem sido revisitado por estudiosos que queiram compreender seus princípios teológicos (Maddox, 2019). Acerca disso, vale uma passagem de Outler (1984, p. 99), em que Wesley considerava que “o progresso do peregrino cristão é mais seguramente guiado por *insights* controladores (eles mesmos obras do Espírito) do que por manuais, tratados ou sumas”. Também, no seu primeiro sermão *Sobre a Fé*, manifestou sua crítica: “entre todos os tratados prolixos e tediosos, que têm sido publicados sobre o assunto” (Wesley, 1997c [1788], p. 224, tradução própria)⁴⁷.

Interessa a esta tese tratar do sermonário wesleyano, que soma 151 sermões, pregados oralmente e publicados, em inglês, entre o período de 1725 a 1791, ano de sua morte. Heitzenrater (1999) adverte que o que está publicado – primeira publicação foi em 1746 - nem sempre reflete o que foi pregado oralmente, visto que Wesley, ao longo de sua vida missionária, revisitava conceitos e ideias, afirmação corroborada por Maddox (2019).

Desse compêndio, 52 textos foram classificados por Wesley de “Sermões em várias ocasiões” ou “Sermões Padrão”, que tratam de temas essenciais, na visão do sermonista, à prática de religião do coração, como ficou conhecido o avivamento metodista, e que serviram como um conjunto doutrinário para pregadores. Também,

⁴⁷*among all the verbose and tedious treatises which have been published upon the subject.*

há 13 deles que têm como título *Sobre o Sermão do Monte*, haja vista o gosto de Wesley pelos temas que Jesus Cristo pregou no Monte das Oliveiras (Bíblia de Jerusalém, 2016). Durante o desenvolvimento desta tese, todos os discursos foram visitados transversalmente, no entanto, conforme já anunciado, será dado enfoque em três deles, a fim de que se conheça mais detidamente as preferências do orador.

Para melhor ilustrar o sermonário de Wesley, buscou-se conhecer quais são os sermões que ele pregou com base nos tópicos teológicos Santidade, Arrependimento e Fé, temas dos sermões do *corpus*, conforme apresenta o Quadro 1.

Quadro 1: Sermões dos tópicos teológicos Santidade, Arrependimento e Fé

Tópico Teológico	Sermões	Ano
Santidade	Sobre o pecado nos crentes	1763
	Os meios de graça	1739
	A circuncisão do coração	1733
	Sobre o Sermão do Monte de Nosso Senhor – Discursos três, quatro, oito, dez e treze	1748; 1748; 1748; 1750;1750
	Perfeição Cristã	1741
	Sobre a Perfeição	1784
	Sobre Viver sem Deus	1790
Arrependimento	O arrependimento dos crentes	1767
Fé	A Retidão da Fé	1746
	A Lei Estabelecida através da Fé: discurso um	1750
	A Lei Estabelecida através da Fé: discurso dois	1750
	Sobre a Fé	1788
	Sobre as descobertas da Fé	1788
	A diferença entre caminhar pela vista e caminhar pela fé	1788
	Sobre a Fé	1791

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Wesley Center Online⁴⁸ (2011)

Percebe-se, no Quadro 1, que Wesley dedicou parte do seu sermonário para tratar da vida santa ou de como deve ser a vida do cristão que almeja a santidade. Assim, a importância da fé e o chamado para o arrependimento permearam todos esses sermões, visto estarem intimamente ligados a um coração justificado e santificado. Maddox confirma esses objetivos do ministro anglicano que sempre foi o de “cultivar e formar a cosmovisão que molda o temperamento e prática de vida dos crentes do mundo” (Maddox, 2019, p. 28), além de considerar dois elementos principais para essa cosmovisão cristã: “o perdão gratuito de Deus, oferecido por meio de Cristo, e o poder renovador de Deus, presente no Espírito Santo” (p. 55).

⁴⁸ Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/the-sermons-of-john-wesley-theological-topic/>. Acesso em: 11 set. 2023.

Interessante observar, pelo quadro, que os sermões sobre a Fé tomaram lugar, mais detidamente, nos dias finais de Wesley. Provavelmente porque ele tenha considerado que mesmo tendo ensinado sobre o tema em fases anteriores, ainda havia necessidade de mais entendimento sobre o assunto, conforme testemunhou no seu provável último sermão *Sobre a Fé*, em 1791, “Muitas vezes eu pensei, muitas vezes eu falei, muitas vezes eu escrevi sobre estas palavras; no entanto, parece haver uma profundidade nelas que de forma alguma sou capaz de compreender”. (Wesley, 1997c [1791], p. 365, tradução própria)⁴⁹

Heitzenrater (1999) afirma que todo sermão de Wesley tem como mote uma passagem bíblica, mas que nem sempre o pregador a tratou em todo o sermão. Ele, por vezes, deixava o discurso seguir o seu caminho, sem a preocupação de prender-se ao tema apresentado ao auditório, afirma o autor.

Sobre usar como mote as Escrituras, no Prefácio (Anexo A) aos seus “Sermões em várias ocasiões”, em 1746, que tem como tônica o ensinamento sobre o caminho para céu, Wesley explicou:

Eu me esforcei para descrever a religião verdadeira, bíblica e experimental, de modo a não omitir nada que seja uma parte real dela e a não acrescentar nada que não seja. E aqui é meu desejo mais especial, em primeiro lugar, proteger aqueles que estão apenas voltando seu rosto para o Céu (e que, tendo pouco conhecimento das coisas de DEUS, estão mais sujeitos a serem desviados do caminho) da formalidade⁵⁰, da religião externa, que quase expulsou a religião do coração do mundo...⁵¹ (Wesley, 1997a [1746], p. 67-68, tradução própria).

Ainda na mesma publicação, continua e afirma que, durante a preparação de seus sermões, procurava deixar o seu coração falar e não se prendia a textos de múltiplos autores que leu durante toda a sua vida [Wesley não se preocupava em ser

⁴⁹ *Many times have I thought, many times have I spoke, many times have I wrote upon these words; and yet there appears to be a depth in them which I am in no wise able to fathom.*

⁵⁰ Aqui, Wesley, faz menção ao formalismo, que, no campo da religião, “refere-se a uma tendência do pensamento e da prática religiosa de desviar o foco do abstrato, do espiritual, do pessoal ou dos princípios éticos de uma religião para as formas externas que incorporam essa religião. As formas externas podem se referir aos edifícios sagrados ou santuários em que ocorre a adoração, calendário de dias e horários sagrados em torno dos quais a vida religiosa é orientada, rituais por meio dos quais os seguidores podem vivenciar o sagrado ou ser fixados de alguma forma, vestimenta especial, dieta, idioma ou outros comportamentos exclusivos dessa religião”. (McCallum, 2012, s.p). Disponível em: <https://bit.ly/498vzQ7> Acesso em: 15 out. 2023.

⁵¹ *I have endeavoured to describe the true, the scriptural, experimental religion, so as to omit nothing which is a real part thereof, and to add nothing thereto which is not. And herein it is more especially my desire, first, to guard those who are just setting their faces toward Heaven, (and who having little acquaintance with the things of GOD, are the more liable to be turned out of the way) from formality, from me outside religion, which has almost driven heart-religion out of the world...*

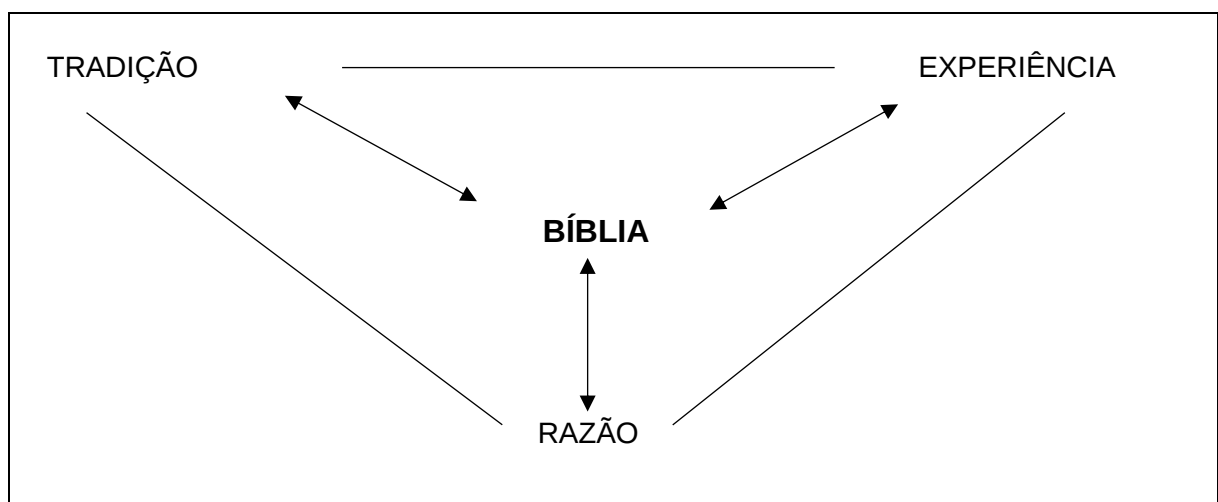
original e, por vezes, adaptou textos de outros, afirma Outler (1984)]. Optava por palavras, termos ou expressões que fossem de fácil entendimento. Deixava claro que seu livro referência era um só: A Bíblia. Por isso intitulava-se como “*homo inius libri*” – homem de um livro -, pois tudo que estudava e aprendia era baseado unicamente nas Escrituras. Se por acaso não entendesse bem, buscava informações em outros textos a fim de obter esclarecimento e, assim, ensinar seu auditório.

Outler (1984; 1985) refuta essa autodenominação e defende que Wesley não era esse homem de um livro apenas, afinal, ele pautou sua formação teológica em outras fontes como na Literatura Clássica Greco-Romana, na Antiguidade Cristã desde a era dos Pais da Igreja até a Reforma Inglesa, nas tradições puritanas e anglicanas e na cultura contemporânea, então, sua teologia tem, sim, base nas Escrituras, mas contém interfaces com outros discursos. Aqui é oportuno trazer os apontamentos de Maddox (2019) sobre a teologia wesleyana que, baseada na *via media* (meio termo), emprestava concepções da soteriologia do cristianismo ocidental, com os antigos teólogos gregos, por meio do foco jurídico na culpa, e do cristianismo oriental, com foco terapêutico, no sentido de curar a corrupção que resulta do pecado.

Tradicionalmente, a Igreja Anglicana tinha como base metodológica a tríade Bíblia, tradição e razão. No entanto, Outler (1985), após estudo meticuloso sobre todo o material de Wesley, entendeu que ele tinha acrescentado a esses três elementos a experiência cristã. Assim, estava formado o Quadrilátero Wesleyano, termo cunhado pelo autor, representado pela Bíblia ao centro e a tradição, a razão e a experiência como elementos dinâmicos e interativos para interpretação da Palavra de Deus.

Graficamente, a metodologia está assim representada:

Figura 1 - Quadrilátero Wesleyano



Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Renders (2010)

A partir desses componentes, entende-se que um pregador tem de ter familiaridade com as Escrituras, conhecimento da sabedoria do passado cristão, gosto pela análise lógica para além de uma arma de debate; uma fé interior vital que é sustentada pela certeza da graça, nas palavras de Outler (1985). Segundo Heitzenrater (1999), o bom pregador, além de testemunhar a própria experiência religiosa, tinha de ter uma mente bem-preparada com capacidade para compreender o significado do testemunho apostólico e de comunicar as grandes verdades das Escrituras.

Maddox (2019) expande alguns aspectos relevantes do quadrilátero. Wesley se apoiava na *Sola Scriptura* para argumentar que as Escrituras eram a principal autoridade cristã, mas não exclusiva e, pautado na máxima de que “nenhum sacerdote poderia ser um bom teólogo sem ser um bom textualista” (p. 63), recheava seus sermões de citações bíblicas. Ainda, defendia que, para uma exegese bíblica, ou seja, extração do sentido do texto, carecia de uma abordagem consciente e contemporânea para compreensão correta do contexto das Escrituras. Ademais, orientava que uma leitura adequada das Escrituras tinha de ser sob as lentes destas quatro verdades articuladas: “a corrupção do pecado, a justificação pela fé, o novo nascimento e a presente santidade interior e exterior” (Maddox, 2019, p. 64).

No que se refere à razão, Wesley estava inserido num contexto de duas ênfases iluministas importantes: rejeição da autoridade tradicional nas afirmações de verdade do período Medieval e desprezo de todos os apelos ao mistério e aos caminhos entusiastas, não racionais. A partir de seus aprendizados em Oxford sobre a lógica aristotélica e sua vivência em meio às ideias iluministas, encontrou um meio termo e reduziu a razão a “organizar e extrair inferências da revelação” (Maddox, 2019, p. 69).

Acerca da tradição, sempre recuperava elementos e escritos iniciais da Igreja Anglicana e quando indagado por que se referia a escritores antenigenos⁵², argumentava que era em razão de terem vivido mais próximos à época bíblica e deterem caráter eminente e um dom especial do Espírito Santo. Assim, o teólogo valorizava a Igreja Primitiva e os padrões anglicanos, criticamente, para esclarecer e aplicar as Escrituras.

⁵² Aqueles que viveram antes do Concílio de Niceia (325 d. C)

Já em relação à experiência, valia-se dela para testar interpretações das Escrituras, além de acreditar “que todo conhecimento humano sobre Deus era derivado da experiência” (Maddox, 2019, p. 93). Entendia que a observação de sua própria vida, da vida do povo metodista e da vida humana em geral era importante para compreensões doutrinárias.

Para concretizar essa parte do método adotado por Wesley, vale trazer à baila os cinco princípios hermenêuticos wesleyanos, de acordo com os postulados de Outler (1984): primeiro, os crentes deveriam se familiarizar com a linguagem bíblica e, assim, com o sentido geral da Escritura como um todo; segundo, a leitura geral da Bíblia colabora para que os textos mais claros iluminem os mais obscuros [regra adaptada dos Pais da Igreja e dos Reformadores]; terceiro, a exegese deve ser sempre guiada, em primeira instância, pelo sentido literal, a menos que isso pareça levar a consequências irracionais ou indignas do caráter moral de Deus como amor puro e ilimitado; quarto, todos os mandamentos morais na Escritura também são promessas; e quinto, a experiência histórica da igreja, embora falível, é o melhor juiz geral dos significados das Escrituras do que intérpretes posteriores provavelmente serão.

Apresentados aspectos do sermonário e da metodologia da teologia wesleyana, é conveniente mostrar alguns pontos importantes sobre as suas práticas homiléticas. E é o próprio Wesley quem forneceu elementos que permitem conhecer quais são suas preferências textuais, ao escrever o Prefácio de seus *Sermões em Várias Ocasões*:

2. Mas tenho plena consciência de que isso não é proposto da maneira que alguns podem esperar. Nada aqui aparece em **uma roupagem elaborada, elegante ou oratória**. Se fosse meu desejo ou projeto escrever assim, meu tempo livre não permitiria. Mas, na verdade, no momento, não planejei nada menos do que isso, pois **agora escrevo (como geralmente falo) ad populum**: Para a maior parte da humanidade, para aqueles que não gostam nem entendem a **arte de falar**: Mas que, não obstante, são juízes competentes dessas verdades, que são necessárias para a felicidade presente e futura. Menciono isso para que os leitores curiosos possam se poupar do trabalho de procurar o que não encontrarão. [...] 3. Pretendo uma **verdade simples para pessoas simples**. Portanto, com um propósito definido, **abstenho-me de todas as especulações filosóficas e agradáveis, de todos os raciocínios complexos e intrincados**; e, na medida do possível, até mesmo da demonstração de aprendizado, a menos que às vezes cite as escrituras originais⁵³ (Wesley, 1997a [1746], p. 66, grifos nossos, tradução própria)

⁵³ 2. But I am thoroughly sensible, these are not proposed, in such a manner as some may expect. Nothing here appears in an elaborate, elegant, or oratorical dress. If it had been my desire or design to

Para pregar *ad populum*, Wesley valeu-se, em grande parte, da pregação de campo, ou seja, ia para onde o povo estava, então, pregou em mercados, túmulos, debaixo de árvores altas, minas de estanho. Bastava que tivesse uma boa ressonância de sua voz, um púlpito portátil ou improvisado de madeira ou lona, de modo a ficar sempre a uma altura acima do seu auditório, assim poderia garantir que todos o ouvissem (Heitzenrater, 1999). Quando criticado pelos seus opositores, refutou e disse que preferia pregar ao ar livre a ficar preso dentro de uma igreja em que, durante o sermão, as pessoas dormiam ou não prestavam atenção no que o pregador estava dizendo.

Para Wesley, as pregações de campo e pastoral serviam a objetivos distintos. A de campo tinha o propósito de evangelizar o público geral a fim de despertar nele a necessidade espiritual, enquanto a pastoral focava mais nos contextos cômicos da sociedade, com encorajamento e orientação para seu crescimento na salvação (Maddox, 2019).

Merece atenção, ainda, no excerto, a elocução preferida do reformador. Numa versão em francês⁵⁴ desse mesmo trecho do Prefácio, há menção do termo **retórica** no lugar de **arte de falar** dessa tradução do inglês. De qualquer modo, essa renúncia do orador ao modo rebuscado de vestir as palavras pode ser interpretada com base na época em que a retórica foi reduzida ao estudo das figuras, conforme ensina Mosca (2001), inclusive nos dias de Wesley, no Renascimento, século XVIII. Explica-se, assim, porque o *spiritus rector*, por vezes, fez menção à retórica ou arte de falar nesse sentido restrito.

Seja para pregar dentro de uma igreja ou fora dela, Wesley, além dessa forma de se expressar, adotava três práticas que eram adaptadas de acordo com o auditório ao qual se apresentava: subia ao palco com um manuscrito e lia em voz alta; com um

write thus, my leisure would not permit. But in truth I at present designed nothing less; for I now write (as I generally speak) ad populum: To the bulk of mankind, to those who neither relish nor understand the art of speaking: But who notwithstanding are competent judges of those truths, which are necessary to present and future happiness. I mention this, that curious readers may spare themselves the labour of seeking for what they will not find. 3. I design plain truth for plain people. Therefore of set purpose I abstain from all nice and philosophical speculations, from all perplexed and intricate reasonings; and as far as possible, from even the shew of learning, unless in sometimes citing the original scriptures.

⁵⁴ [...] j'écris maintenant, et je parle habituellement, *ad populum*, aux masses, à ceux qui n'ont aucun goût pour la **rhétorique**, et qui ne la comprendraient même pas... (Trad. [...] Eu escrevo agora, e geralmente falo, *ad populum*, para as massas, para aqueles que não têm gosto pela retórica e que nem mesmo a entenderiam...). Disponível em: <http://www.cmft.ch/fr/j.-et-ch.-wesley---sources/prface-de-wesley.html>. Acesso em: 18 ago. 2023.

manuscrito preparado, memorizado e deixado de lado; ou pregava extemporaneamente (de improviso) (Coleman, 2016). Além disso, orientava que, na pregação pastoral, seus pregadores seguissem o método de “convidar, convencer, oferecer a Cristo e fortalecer – cada aspecto, em alguma medida, em cada sermão” (Maddox, 2019, p. 405).

Em 1797, foi publicada *Minutes*, peça em que Wesley instrui os pregadores sobre como devem atuar. Nela, ele estabeleceu 12 regras básicas sobre como ser um bom pregador, das quais algumas são interessantes para o objetivo desta tese:

- a. Seja diligente
- b. Seja sério e evite brincadeiras e conversas tolas
- c. Seja pontual
- d. Adapte seu discurso à sua audiência
- e. Cuide de qualquer coisa estranha ou afetada, seja em seu gesto, frase ou pronúncia.
- f. Não pregue mais de duas vezes ao dia e por mais de 2 horas
- g. Mantenha-se sempre dentro do seu tema durante a pregação (Wesley, 1797, pp. 12-13).

Heitzenrater (1999) afirma que nem sempre Wesley seguiu as regras que orientava, principalmente as duas últimas, pois houve vezes em que ele pregou mais de duas horas e, como já dito, alguns de seus sermões seguiam seus próprios caminhos sem necessariamente se prender ao tema. E reforça essa questão a partir deste excerto:

Não devemos necessariamente assumir que o que ele diz que um pregador deve ser, de fato, descreve a si mesmo, ou que o que ele diz que um pregador deve fazer descreve sua atividade, ou que o que ele diz que um pregador deve dizer descreve seus sermões (Heitzenrater, 1999, p. 88)

De acordo com o Coleman (2016), alguns biógrafos de Wesley diziam que seu discurso não tinha valor retórico [novamente a retórica como sinônimo de recurso rebuscado], pois seu estilo era simples, rigoroso, direto, seco, conciso, eficaz, sem apelo ao *pathos*, pautado no *logos*. Ele tinha receio de qualquer coisa que pudesse parecer ornamento ou afetação, conforme orientou seus pregadores, embora, em sua fase tardia, possa ser encontrado algum ornamento com citações clássicas, poesia, referências obscuras e eruditas, afirma Outler (1984). Embora Wesley tenha orientado sobre isso, há indícios de que parte de sua pregação era suportada pelo *logos* e parte pelo *pathos*. Pessoas se sentiam atraídas e fascinadas pelo discurso, afirma Coleman (2016).

Uma vez mencionado sobre *pathos*, termo que melhor será trabalhado no Capítulo 2, vale citar, neste momento, que Wesley, como pregava uma religião do

coração, comumente se referia a temperamentos santos ou frutos do Espírito, considerados por ele como duradouros e que correspondiam à semelhança de Deus. Para o teólogo, a alegria, o amor e a paz não eram meramente emoções, mas temperamentos santos dos quais fluíam pensamentos, palavras e ações santos. Colocava o amor em primazia e categorizava os demais temperamentos, unificados a ele, em dois grupos: disposições orientadoras estáveis (humildade, mansidão e simplicidade) e afeições motivadoras responsivas (alegria, esperança, gratidão, medo, lamento santo e paz) (Maddox, 2019).

Por meio das práticas homiléticas, o objetivo de Wesley era distinguir o formalismo e o antinomianismo da religião verdadeira, bíblica e experimental. E fez isso, de acordo com Coleman (2016), apoiado num padrão retórico antitético destinado a corrigir persistentes desequilíbrios doutrinários formalistas e antinomianos.

Renders (2006) acrescenta que o Metodismo se configurou como uma religião pública, construída comunitariamente. A visita aos pobres não era somente para conversão, mas formação do visitante, destaca o autor. Wesley baseava seu discurso da vida cotidiana e dos discursos públicos na linguagem bíblica, influenciado pelo estilo puritano.

Pela sua atuação, manteve a “preferência espiritual (o Wesley pietista e puritano), confessional (o católico, o anglicano, o teólogo da reforma) ou ocupacional (o evangelista, o teólogo, o reformador social)” (Renders, 2010. p. 33). Infere-se aqui que, durante sua vida, o *spiritus rector* anglicano apresentou-se ao seu auditório de com diferentes *ethe*, os quais foram construídos durante as periodizações de sua vida. O Quadro 1 revela anotações sobre o pensamento de Wesley no decorrer de sua vida missionária.

Quadro 1 - Pensamento de Wesley ao longo de sua vida

Anotações sobre o pensamento de John Wesley, durante o seu ministério	
Fases	Pensamento durante o surgimento do Metodismo
Fase inicial (1725 – 1738) com enfoque no teólogo prático e com <i>ethos</i> mais católico	Pregações com ênfase na graça e na atividade humana Interesse no crescimento espiritual do indivíduo e não crescimento numérico da paróquia Ênfase no viver santo por meio do direcionamento aos pietistas Envolvimento com a teologia da Santificação pelas leituras de diversas obras, como as de Thomas a Kempis e Jeremy Taylor, que influenciaram na decisão de ser um cristão verdadeiro com vida mais disciplinada. Registro em Diário e cálculo do seu progresso no viver santo (orações breves e concentradas, comungar regularmente, autoexame diário) – mescla de práticas católicas e puritanas, características do anglicanismo da época Percepção de que não poderia ser meio cristão

	Convicção de que Santificação é o fim ou alvo da religião Compreensão de que a religião abrangia prática externa e temperamentos e afeições do coração; obras de misericórdia e obras de piedade, cristianismo bíblico alcançava práticas, obras e deveres externos e transformação interna em termos de devoção e dedicação a Deus Formulação dos primeiros conceitos de perfeição cristã Interesse pela teologia da santificação Compreensão do aspecto externo da santificação Diferenciação da Religião interior e religião social Inferência de que a Santificação liberta o ser humano do poder do pecado Dificuldade com a fé e relação com a santificação Início de uma crise espiritual que marcará a dimensão social da teologia wesleyana Encontro com o “homem sério”⁵⁵, possivelmente Law ou Hoole – evento catalisador de uma espiritualidade comunitária e pública Encontro com dois tipos de pietismo alemão: com os morávios na Geórgia (1734) e, depois, na experiência do coração estranhamento aquecido com moravianos thecos e metodistas (1738).
	1739-1744 – pensamento durante o reavivamento do metodismo
Fase intermediária (1738 – 1768) com enfoque no teólogo reformador e com <i>ethos</i> mais evangélico	Início das pregações ao ar livre Pressão contra a doutrina calvinista (embate com Whitefield) Conceitos do que é ou não perfeição Discordância com o Conde de Zinzendorf sobre justificação e santificação Definição do caráter do metodista Discurso com base no uso da lei (Sermões do Monte) - 1740, 1750 Demonstração que JW e os metodistas estavam caminhando na tradição anglicana⁵⁶.
	1744 – 1768– consolidação do pensamento
	Publicação de <i>Notas exploratórias sobre o Novo Testamento</i>, obra vinculada com o petista Johann Albrecht Bengel – mais um contato com pietismo alemão Emissão de diversas publicações para atender a demanda de expansão do movimento Definição, em sermões, dos degraus pelo qual passa o cristão em seu caminho para a salvação: graça preveniente, convicção do pecado, arrependimento, justificação, segurança, regeneração, santificação, perfeição cristã e, finalmente, salvação final A verdadeira religião se caracteriza por três elementos: justiça, paz e gozo no Espírito Santo Salvação entendida como obra completa de Deus no indivíduo Ênfase na <i>via media</i>, retorno completo à anglicanidade, crise da perfeição cristã (1760-1765)
	1769 – 1791 – amadurecimento do pensamento
Fase tardia (1769 a 1791) com enfoque na superação dos desequilíbrios anteriores com <i>ethos</i> de teórico-prático de teologia, apesar de não ter	Manutenção do equilíbrio teológico e da unidade teológica do movimento Preocupação com o conceito de impecabilidade Dúvidas em relação à teologia de Wesley levaram à dissidência de alguns pregadores Segurança nas ideias teológicas

⁵⁵ Josgrilberg (2003, p. 110) apresenta os dizeres do conselho dado a Wesley: "O senhor deseja servir a Deus e ir para céu. Lembre-se que o senhor não poderá servi-lo sozinho. Por isso o senhor deve encontrar seus companheiros; ou, então, fazê-los. A Bíblia não sabe nada de uma religião solitária".

⁵⁶ Textos como o caráter de um metodista e os princípios de um metodista.

escrito uma teologia sistemática. Entretanto, deixou um legado de escritos e ensinamentos práticos teológicos nos sermões.	Ausência de preocupação com as críticas Organização do pensamento teológico por meio das publicações Justificação e santificação não acontecem simultaneamente Sedimentação da convicção de que a santificação liberta o ser humano do poder do pecado Aplicação da santidade social Mudança social nas boas obras mostradas pelos cristãos ⁵⁷ Modelo tese-antítese-síntese (fase inicial e católica, fase mais evangélica, superação dos desequilíbrios anteriores).
--	--

Fonte: O autor (2022) – [adaptado de Renders (2006) e Araújo (2011)]

O quadro 1 confirma o que Heitzenrater (1999) disse sobre as ideias de Wesley terem mudado ao longo de sua vida. Vê-se que ele teve diferentes experiências e contatos que o fizeram repensar aspectos teológicos inicialmente defendidos e até mesmo suas práticas homiléticas. Maddox (2019), como já evidenciado, também cuidou de mostrar que Wesley, ao longo do tempo, alterou suas convicções doutrinárias, embora o próprio pregador tenha dito em Carta a William Green (1789) que desafiava a qualquer um a provar que ele tivesse se contradito entre o período de 1738 a 1788 (Maddox, 2019).

Em termos de práticas de sua teologia, houve algumas mudanças importantes. Em 1748, por exemplo, cancelou as experiências de pregação ao ar livre, com grandes massas, por considerar que, para ganhar almas, seria mais adequado que os pregadores estivessem em ambientes menores do que em grandes multidões. Essa foi uma mudança relevante, pois, conforme pontua Heitzenrater (1999), nos primeiros anos de seu pastoreado, Wesley tinha preocupação com o número de pessoas, gostava de grandes quantidades. Orientava, inclusive que seus pregadores não comesçassem um sermão se não tivesse um mínimo de 20 pessoas, pois o contrário disso, seria praticar um evangelho barato.

Chama a atenção uma de suas falas em 1759 [1951], quando afirmou:

Na segunda e na terça-feira à noite, preguei ao livre, perto do Keelman's Hospital, para o dobro de pessoas que deveríamos ter tido em casa. Que maravilha que o diabo não gosta de pregação no campo. Eu também não. Adoro uma sala confortável, uma almofada macia, um púlpito bonito. Mas onde está meu zelo se eu não pisar em tudo isso para salvar mais uma alma? (Wesley, 1951, p. 249)⁵⁸

⁵⁷ Nessa data ocorreu a publicação de *Pensamentos sobre a escravidão*.

⁵⁸ *On Monday and Tuesday evening I preached abroad, near the Keelman's Hospital, to twice the people we should have had at the house. What marvel the devil does not love field preaching? Neither do I. I love a commodious room, a soft cushion, a handsome pulpit. But where is my zeal if I do not trample all these under foot in order to save one more soul?*

Evidencia-se, no excerto, que Wesley sobrepujava suas vontades pessoais por um bem maior de sua preocupação orientadora: ganhar almas. Cabe mencionar ainda que ele pregou ao menos três sermões sobre as riquezas – *O Perigo da Riqueza, O Perigo do Aumento das Riquezas e Sobre as Riquezas* – e neste último disse: “Permaneça como que desprendido de todas as coisas aqui embaixo, como se você fosse um pobre mendigo”⁵⁹ (Wesley, 1997c [1788], p. 252).

Outra demonstração de que temas de sua pregação mudaram está registrada nesta passagem encontrada em Heitzenrater (1999, online) que traz uma resposta que Wesley deu em uma conferência, quando indagado se ele havia mudado sua doutrina:

1. Inicialmente, pregávamos quase que exclusivamente para os incrédulos. Por isso, falávamos quase constantemente sobre o perdão dos pecados através da morte de Cristo e sobre a natureza da fé em Seu sangue... 2. Mas àqueles em quem o alicerce já está lançado, exortamos a prosseguir para a perfeição, o que não vimos tão claramente no início... 3. Contudo, agora pregamos, e isso continuamente, a fé em Cristo como o Profeta, Sacerdote e Rei...⁶⁰

Tal citação vem ao encontro do que comentou Maddox (2019) sobre sua divisão das três ênfases de Wesley: aos incrédulos, pregou sobre a retidão moral; aos convertidos, passou a envolver a salvação pela graça e, na fase tardia, preocupou-se com a santidade cristã por meio dos três ofícios de Cristo: Profeta, Sacerdote e Rei/Médico. Pode-se considerar aqui discursos diferentes a auditórios específicos.

Por fim, baseado em Maddox (2019), é conveniente destacar que Wesley preocupava-se com uma escatologia⁶¹ ética em três níveis: ética pessoal, ética social e ética ecológica.

A primeira se alicerçava em três pontos: sob uma perspectiva individualista, orientada, por meio de suas Regras Gerais, que cada um era responsável por viver os desígnios de Deus e com felicidade, pois estava diretamente ligada à santidade;

⁵⁹ Sit as loose to all things here below, as if you were a poor beggar.

⁶⁰ 1. At first we preached almost wholly to unbelievers. To those, therefore, we spake almost continually of remission of sins through the death of Christ, and the nature of faith in His blood.... 2. But those in whom the foundation is already laid, we exhort to go on to perfection, which we did not see so clearly at first.... 3. Yet we now preach, and that continually, faith in Christ as the Prophet, Priest, and King....

⁶¹ “1: ramo da teologia que se ocupa dos acontecimentos finais da história do mundo ou da humanidade; 2: crença sobre a morte, o fim do mundo ou o destino final da humanidade; especificamente: qualquer uma das várias doutrinas cristãs sobre a Segunda Vinda, a ressurreição dos mortos ou o Juízo Final” (tradução própria) [1: a branch of theology concerned with the final events in the history of the world or of humankind; 2: a belief concerning death, the end of the world, or the ultimate destiny of humankind; specifically: any of various Christian doctrines concerning the Second Coming, the resurrection of the dead, or the Last Judgment]. Disponível em:

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/antinomianism> Acesso em: 14 set. 2023

que não deveria contaminar o outro com vida pecaminosa e que sempre deveria optar por fazer o bem.

A segunda, de âmbito coletivo, era pautada na analogia de que a santidade corresponde à transformação da sociedade. Nesse aspecto, Wesley orientou sobre questões sociais, políticas e econômicas, inclusive, pregou sermão sobre *O uso do dinheiro*, no sentido de após ter satisfeito as necessidades pessoais, cada um deveria compartilhar o excedente com o próximo.

A terceira – ética ecológica – engloba a responsabilidade humana para o ambiente onde está inserido. Outler (1984) observa que tal sermão se opunha às ideias da obra "A Riqueza das Nações" de Adam Smith (publicada em 1776) que estavam ganhando o status de dogma econômico. O sermão *Sobre a Educação dos Filhos* adverte os pais quanto a orientar seus filhos no tocante a não ferir ou causar dores a qualquer ser vivo (Maddox, 2019).

Com esse breve apanhado, pôde-se conhecer quais os pontos em que está alicerçada a teologia wesleyana e as influências recebidas durante os 87 anos em que Wesley conviveu e praticou sua preocupação orientadora fundada numa teologia centrada na experiência cristã.

A partir daqui, serão delineadas as abordagens teóricas que darão sustentação à análise retórico-discursiva projetada. Cabe observar que todo o material está disposto e apoiado nos cânones do sistema retórico (invenção, disposição e elocução), os quais, juntos, formam o eixo norteador do Capítulo 2.

2 DO TEXTO AO DISCURSO: ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Este capítulo disserta sobre as teorias que serão a base para a seleção das categorias de análise, as quais, submetidas ao *corpus* selecionado, darão conta da comprovação da hipótese e da resposta às questões norteadoras.

Prementemente, apresenta a **Retórica** e a **Argumentação** e suas especificidades atreladas ao discurso em um movimento que visa mostrar como o orador se vale de técnicas retórico-argumentativas para defender uma tese apresentada ao auditório. Na sequência, percorre pelos pressupostos da vertente crítica da **Análise do Discurso** que tem, no texto (Análise do Discurso Textualmente Orientada – ADTO), sua principal orientação, e, por conseguinte, tangencia os cânones do sistema retórico.

Esse percurso, ainda, será entremeado de aspectos relativos ao **Discurso Religioso** e à **Homilética**, no sentido de mostrar que tanto a Retórica quanto a Argumentação, somadas à Análise do Discurso, podem subsidiar o orador do discurso religioso.

2.1 Retórica e Argumentação

As palavras realmente encantam. E não importa a roupa que usem: se revestidas de pompa, podem esconder enorme simplicidade; outras vezes, sob a veste simples do dia a dia, trazem ensinamentos profundos.

Luiz Antonio Ferreira

A epígrafe revela o poder retórico da palavra, ou melhor, a força retórica, portanto, persuasiva, que têm os discursos constituídos pelas palavras⁶². Seja uma conversa informal do cotidiano, seja um sermão pregado a um grupo ainda não convertido, a palavra tem um papel preponderante para aconselhar, desaconselhar; elogiar ou censurar, acusar ou defender. Ainda sobre a escolha, foi proposital, pois o trecho “outras vezes, sob a veste simples do dia a dia, trazem ensinamentos profundos” vem diretamente ao encontro das preferências de Wesley, que sempre se preocupou em pregar por meio de uma linguagem que fosse acessível aos ouvintes, sem perder a profundidade da mensagem.

⁶² Evidente que há discursos que se valem das imagens para se fazerem persuasivos, mas, nesta tese, aborda-se o discurso representado pelo texto, pelas palavras.

É pertinente considerar o poder retórico da palavra, porque, na Grécia Antiga, na Sicília, por volta de 485 a.C., os cidadãos, por meio de suas habilidades orais, já se apoiavam nela para fazer valer os seus direitos por meio da persuasão. Foi quando a retórica surgiu como “metalinguagem do discurso oratório” (Alexandre Júnior, 2012, p. XVI), em um momento em que a democracia deteve a tirania não por violência física, mas por uma disputa conduzida pelas palavras mais apropriadas àquele momento. Como visto, na Reforma, os anti-metodistas também usaram a palavra para tentar combater o Movimento.

Conceitua-se, então, a retórica como “a arte de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir. [...] a faculdade de descobrir os meios de persuasão sobre qualquer questão dada” (Aristóteles, 2012, p. 12-13). A partir desse conceito, já é possível estabelecer a primeira conexão com uma ciência que se avizinha à Retórica, a Homilética, definida como “o estudo da análise, classificação, elaboração, composição e entrega do sermão, ou a arte e a ciência de pregar para comunicar a mensagem da Palavra de Deus⁶³” (Ramirez-Navas, 2012, p. 15). Considerada uma arte, a “ciência da homilética é a adaptação da retórica às finalidades especiais e aos reclamos da prédica cristã”, sintetiza Broadus⁶⁴ (1960, p. 10). Assim, conforme já dito, este texto, sempre que pertinente, promoverá a interface de ambas as artes.

Ferreira (2010, 2021) ensina que o ato de persuadir ou a finalidade da retórica compreende três espécies: *docere* (ensinar, transmitir noções intelectuais, convencer), corresponde ao lado argumentativo do discurso; *movere* (comover, atingir os sentimentos), revela o tom emotivo do discurso, aquele que movimenta as paixões humanas; e *delectare* (agradar, manter viva a atenção do auditório), estimula o discurso e movimenta o gosto. Em um sermão, em primeiro plano, o orador cumpre um papel de ensinar a palavra de Deus de tal maneira que o auditório dela se aproprie e se sinta movido à ação e às práticas dos ensinamentos proferidos, que será seu segundo intento. Em terceiro, objetiva entreter, conforme pontua Ruiz de la Cierva (2012).

Acerca dessas três finalidades, Santo Agostinho, na Santa Doutrina, ao tratar os objetivos do orador, alude que instruir é o principal e acrescenta: “É, portanto,

⁶³ “el estudio del análisis, de la clasificación, elaboración, composición y entrega del sermón, o el arte y la ciencia de predicar para comunicar el mensaje de la Palabra de Dios”.

⁶⁴ Pastor americano batista.

necessário que o orador eclesiástico, ao persuadir a respeito do dever a ser cumprido, não somente ensine para instruir e agrade para cativar, mas, ainda, convença para vencer” (Agostinho, 2002, p. 142). Quando o orador consegue convencer aquele que sabe o que tem de fazer, mas não o faz, obtém vitória, completa o teólogo.

Meyer (2007), por sua vez, acrescenta que a “retórica é a negociação da diferença entre os indivíduos sobre uma questão dada” (p. 25), pois os que da linguagem fazem uso se apresentam uns aos outros segundo uma distância variável. Já na visão romana, a retórica é a *ars bene dicendi*, isto é, a ciência do bem-dizer, que reúne todas as perfeições do discurso e a moralidade do orador, uma vez que não se pode verdadeiramente falar sem ser um homem de bem (Quintiliano, 2016).

Nesse ato de descobrir o que é mais persuasivo e partir para a defesa de uma tese, tem lugar a argumentação que, de acordo com Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014, p. 50), objetiva

provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifesta no momento oportuno.

Em outras palavras, os autores do Tratado da Argumentação afirmam que o orador, por meio de suas técnicas argumentativas, trabalha para diminuir a distância do auditório, citada por Meyer (2007), e conseguir que este seja movido à prática da ação, que, no âmbito religioso, pode ser a conversão dos incrédulos ou a manutenção da fé dos que dela já professam, que, em termos agostinianos, implica em que “se determinem a cumprir o que já sabem ser de seu dever” (Agostinho, 2002, p. 141). Ao lembrar o auditório do que ele tem de fazer, o orador age com benevolência e encurta distâncias.

Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014), ao tratarem do efeito da argumentação, mencionam ser bastante importante levar em conta o auditório, que pode ser universal ou particular. Quando o orador pressupõe um auditório universal, ele se convence de que todos os homens partilham do que é “real, verdadeiro e objetivamente válido” (p. 37), portanto, faz escolhas que presume serem aceitas universalmente. Se entende ser um auditório particular, composto por aquele a quem se dirige, que pode ser uma pessoa ou um grupo, escolherá os argumentos mais adequados à persuasão, daí a importância de se conhecer o auditório (auditório presumido) de modo que a

persuasão ganhe contornos substanciais e cumpra o seu propósito: conduzir os ouvintes à ação ou prepará-los para que ajam em momento adequado.

Esta tese admite que o pregador, ainda que esteja a explicar na pequena igreja de sua comunidade, traz argumentos que são partilhados por toda a humanidade, o que Aristóteles denomina de *endoxa*⁶⁵, e outros que julga serem apropriados àquele grupo a quem ensina. A prática evidencia que a noção de auditório universal ou particular é muito específica de cada cultura ou indivíduo, conforme ponderam Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014), além de considerarem ainda que o auditório do discurso escrito - como os sermões de Wesley - não deve ser considerado como a encarnação de um auditório particular. Embora não citem, isso ocorre em razão da distribuição e consumo dos discursos, em termos faircloughianos⁶⁶, que dificultam saber exatamente quem tomará conhecimento.

Especificamente, é digno de nota a citação de Orlandi (1983) por trazer as especificidades do discurso religioso, que fazem refletir sobre esses pontos que foram mencionados: orador, auditório universal e particular, distância, adesão a teses.

No discurso religioso, há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os homens). Isto é, o locutor e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente diferentes e afetadas por um valor hierárquico, por uma desigualdade em sua relação: o mundo espiritual domina o temporal. O locutor é Deus, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso; os ouvintes são humanos, logo, mortais efêmeros, falíveis, finitos, dotados de poder relativo. Na desigualdade, Deus domina os homens (Orlandi, 1983, pp. 218-219).

A autora expõe objetivamente que o discurso religioso se configura com uma particularidade específica: o orador presentifica-se mediante ao auditório como um instrumento de Deus e, assim, as palavras proferidas por ele não são propriamente as escolhidas por si próprio, mas colocadas em sua boca pelo Espírito Santo, por meio da oração e humildade. Em sua obra *Fé, Palavra e Poder*, Orlandi (1987) acrescenta que o discurso religioso é um espaço em que prevalece a onipotência do silêncio divino do qual o homem se vale para preencher com palavras o que vem a ser a vida

⁶⁵ Aristóteles, em *Tópicos*, define os *endoxa* como “aquelas [opiniões] que se baseiam no que pensam todos, a maioria ou os sábios, isto é, a totalidade dos sábios, ou a maioria deles, ou os mais renomados e ilustres entre eles” (Aristóteles citado por Emediato, 2022, p. 19). Assim, são aquelas opiniões que gozam de reputabilidade e prestígio.

⁶⁶ Fairclough trata da produção, distribuição e consumo dos discursos, temática que será vista em seção específica desta tese.

espiritual. Ruiz de la Cierva (2012) e Moraes (2022a; 2022b; 2022c) partilham do mesmo pensamento: os pregadores são porta-vozes do Onipotente.

A partir desse desnivelamento, a distância entre orador e auditório é alargada. Por sua vez, não parece que só o fato de as palavras do orador serem inspiradas pelo Espírito Santo seja suficiente para diminuir esse desnível e conduzir o auditório a uma ação futura. Cumpre ao pregador escolher, como fazem os de outros gêneros discursivos, as melhores técnicas argumentativas que, mediadas pela ação do Espírito Santo, nas palavras de Ruiz de la Cierva (2012), poderão ser mais efetivas no processo persuasivo.

Cabe observar, ainda, que criar uma disposição para a ação que virá a se manifestar oportunamente parece encontrar assento bastante apropriado nas argumentações de discursos religiosos, como os sermões. Quando Wesley exortava seus ouvintes sobre o perigo de amar demais o dinheiro, por exemplo, ele não pretendia uma ação deles no ato, mas os conduzia para uma reflexão, a um exame de consciência sobre os atos praticados, que poderia surtir efeito *a posteriori* ou não [no entanto, como diz Santo Agostinho é bom que o orador convença o auditório a cumprir o que está sendo ensinado, a fazer o que ele sabe que tem de ser feito]. Tais exortações, em sermões, compõem a parte do discurso chamada de apelo, correspondente à peroração da disposição, que terá lugar próprio neste trabalho.

Meyer (2007, p. 74) contribui ao afirmar que a argumentatividade na linguagem refere-se a uma forma de “interrogatividade que sempre pode ressurgir, sob a forma de uma contestação da resposta proposta”. Ferreira (2021) acrescenta que nessa interação há a propagação da dialética ou a incorporação da autoridade amedrontadora ao dizer.

Se levadas essas considerações para o campo do discurso religioso, quando se apropria dos dizeres da Orlandi (1983) de que quem fala não é o orador, mas, sim, Deus por meio dele, não é de todo destoante pensar que, conforme a intenção do orador em chamar a atenção dos ouvintes sobre o pecado, por exemplo, possa ele usar com mais veemência da autoridade divina que lhe foi conferida para exortar os fiéis e amedrontá-los.

Pelo que foi dito até aqui e considerando que uma das funções da retórica é a hermenêutica, que corresponde à interpretação, quando o analista lança olhar sobre um texto e faz uma leitura retórica, pretende obter resposta a uma pergunta central:

“em que ele é persuasivo? Portanto, quais são seus elementos argumentativos e oratórios?” (Reboul, 2000, p. 137).

Nesse sentido, nesta tese, uma das ações é justamente essa: ler retoricamente os sermões de Wesley e identificar em que ele é persuasivo e quais são os meios de prova escolhidos pelo orador para atingir a eficácia retórica seja no período inicial, intermediário ou tardio de sua vida cristã. Dessa forma, a partir desse intento, elegeu-se, baseado nas instruções de Ferreira (2010) e Azevedo e Damasceno-Morais (2022) sobre como proceder a uma análise retórico-argumentativa, dispor organizacionalmente os pressupostos teóricos necessários, a começar pela **questão** (*quaestio*) e o **contexto retórico-discursivo** para, na sequência, trazer os aspectos atinentes aos **cânones retóricos** - invenção, disposição e elocução, selecionados para esta tese. Entende-se que cada parte em si e em conjunto comportam categorias de análise que fornecerão subsídios para compreender como o orador John Wesley desenvolveu toda a sua estratégia argumentativa para incutir na mente e nos corações dos auditórios aos quais se dirigiu nos sermões sobre santidade, arrependimento e fé, as grandes doutrinas bíblicas.

Todo ato retórico parte de uma questão (*quaestio*). Essa declaração tem como base as afirmações de Tringali (1988) e Lago (2021), assim, como primeiro procedimento analítico, pode-se descobrir qual **questão retórica** norteia o discurso. *Quaestio*, em latim, corresponde à interrogação e é um termo ligado à *querere* (procurar, indagar, investigar) e *perquirere* (buscar com afinco), ou seja, a questão “estimula o desejo de desvendar um problema”, afirma Ferreira (2021, p. 20). Para Lago (2021), o termo remonta à retórica dos gregos (Protágoras, sofista) e dos romanos (Quintiliano), por meio de seus atos dialéticos que tinham como foco um assunto, uma causa específica. Campbell; Human; Burkholder (2015) teorizam que é a partir da questão que é definido o percurso de um ato oratório, pensamento também compartilhado por Lago (2021), quando afirma que o conjunto de estratégias argumentativas elaborado pelo orador para resolver um problema fundamenta-se na *quaestio*.

As questões são de três tipos: de fato, de valor e de política. Na primeira, os problemas se concentram na “qualidade, precisão e adequação das provas” (Campbell; Human; Burkholder, 2015, p. 91) e o orador empreende esforços no sentido de persuadir ou dissuadir o auditório mediante determinado fato; na segunda, o orador busca respostas sobre o que é ético ou moral, desejável e útil, e se preocupa

com a reação patética do auditório, afirma Ferreira (2021); na terceira, envolve o que se deve ou não fazer, cuja decisão se projeta sobre tempo futuro. Tais questões residem nos gêneros deliberativo e judiciário, testifica Lago (2021).

A título de exemplificação, Wesley pautou-se em uma questão (*quaestio*) quando pregou sobre *Os meios de graça* (oração, Escrituras e Ceia do Senhor), entendidos por ações exteriores, palavras ou ações ordenadas de Deus, os quais servem de canais comuns por onde Ele pode transmitir aos homens a graça preventiva, justificada ou santificada. O sermão começa com a pergunta: *Existem alguns meios de graça?* e, com base nessa questão de valor, o orador desenvolve todo o percurso argumentativo.

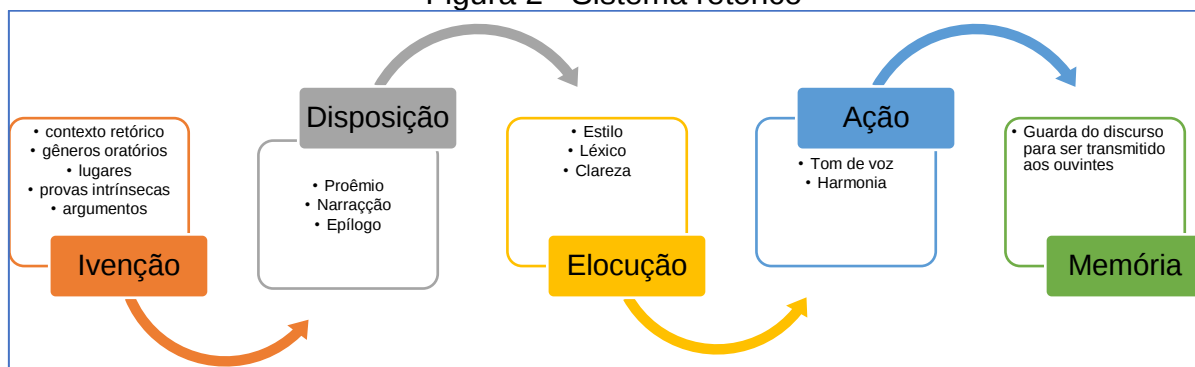
Para além da questão, é importante conhecer o **contexto retórico-discursivo** em que se circunscreve o ato retórico, nos termos de Campbell (2015), ou seja, em que momento oportuno (*kairós*) esse discurso está sendo produzido (Azevedo; Damasceno-Morais, 2022). Para Ferreira (2010), contexto retórico envolve questões históricas, sociais, culturais e influencia a produção e recepção dos discursos. Como registro, uma fala de Wesley que aprovava a submissão das mulheres aos homens, no século XVIII, poderia ter alguma adesão à época, mas, neste século XXI, causaria grande polêmica e contradição com a pauta da igualdade de gênero. A depender do auditório, ainda hoje.

Azevedo; Damasceno-Morais (2022) acrescentam que esse contexto discursivo é importante para identificar o conjunto de regras que um orador utiliza para organizar seu discurso a fim de obter adesão. A partir da premissa de que a produção de discurso argumentativo está centrada no auditório que irá consumi-lo, o orador “seleciona argumentos e elementos linguísticos-discursivos que parecem ser os mais adequados para uma expressão persuasiva que altere o comportamento alheio”, afirmam os autores (p. 22). É a primeira parte dos cânones retóricos – a invenção.

2.1.1 Cânones retóricos

Cícero (106-43 a.C.) e Quintiliano (35-95 d.C.) deram enfoque à retórica aristotélica a partir de um sistema dividido em cinco partes: invenção (*inventio*), disposição (*dispositio*), elocução (*elocutio*), ação (*actio*) e memória (*memoria*). Isso significa que um orador, quando se prepara para um discurso, realiza um movimento que perpassa por essas etapas da retórica, conforme demonstra a Figura 1:

Figura 2 - Sistema retórico



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Cabe salientar que embora o formato da figura demonstre que uma parte está sequencial à outra, no momento de pensar o discurso, o orador considera, sobretudo as três primeiras como concomitantes, pois ao escolher um argumento, por exemplo, já inicia o processo de escrever o seu texto e, por conseguinte, a dispô-lo em uma ordem lógica. Para esta tese, que analisa discursos escritos, que têm possibilidades de serem pregados, interessa dissertar somente sobre a materialidade linguística, especificamente, isto é, as três primeiras partes: invenção, disposição e elocução, consideradas fundamentais e “desenvolvidas pela via lógica e pela análise linguístico-estilística” (Mosca, 2001, p. 30).

2.1.1.1 Invenção

A partir da definição da questão, o orador tratará da preparação do discurso. Embora o termo invenção remeta o leitor ao ato de inventar algum elemento, o verbete, sob a ótica da retórica, não tem relação com criar algum argumento novo para persuadir alguém. Pelo contrário, tudo está pronto, como argumenta Barthes (1975). Basta que o orador busque no armazém de argumentos aquele que avaliar ser mais propício para sua intenção persuasiva.

Reside aí a etimologia de invenção (do grego *heurésis* e do latim *inventio*) que está ligada ao verbo “achar (*invenire*) e “julgar” (*iudicare*) (FERREIRA, 2021, p. 180). Reboul (2000, p. 43) diz que se trata da “busca que empreende o orador de todos os argumentos e de outros meios de persuasão relativos ao tema de seu discurso”.

Nessa tarefa de se preparar para compor um discurso, escolhe-se a tônica que se dará nos gêneros retóricos, as provas intrínsecas (argumentos fundados no *ethos*, *páthos* e *logos*), os lugares, os raciocínios. Mateus (2018, p. 116) afirma ser a “operação que visa extrair da realidade os tópicos mais convenientes para o exercício

retórico e de os colecionar com vista a convencer o auditório”. Em síntese, qual é o caminho que o orador escolheu percorrer para atingir a eficácia retórica.

No momento da invenção, o orador define o papel do seu auditório: se ele atuará na posição de juiz, de assembleia ou de espectador. São os **gêneros oratórios**, os quais Reboul (2000) apresenta de forma didática e resumida:

Quadro 2 - Gêneros oratórios

	Auditório	Tempo	Ato	Valores
Judiciário	Juízes	Passado	Acusar Defender	Justo Injusto
Deliberativo	Assembleia	Futuro	Aconselhar Desaconselhar	Útil Nocivo
Epidíctico	Espectador	Presente	Louvar Censurar	Nobre Vil

Fonte: O autor [adaptado de Reboul, 2000, p. 47)

Ferreira (2021) expande a explicação e assevera que, no gênero judiciário, a problemática diminui, pois há maneiras de resolver a questão posta por meio de debates e verificações sobre a ocorrência dos fatos. A pergunta que se impõe é se determinada decisão passada foi justa. No gênero deliberativo, pergunta-se se determinada atitude convém e o debate é entusiasmado, o *pathos* é intenso, as paixões se desencadeiam e trabalha-se com problematidade máxima, afirma o professor. No gênero epidíctico, cuja pergunta é se determinado ato é digno de louvor ou de censura, as questões se apresentam de forma inteiramente resolvidas e cabe ao auditório apenas a função de apreciá-las, sem contestá-las, pois a tarefa é apenas qualificá-las. Isso posto, importante afirmação é feita por Aristóteles (2012, p.51): “... quando quiseses elogiar, olha para o conselho que se poderá dar; e quando quiseses dar um conselho, olha para o que se pode elogiar. A forma de expressão será necessariamente contrária quando a proibição se transforma em não proibido”. Isso fará sentido nos sermões de Wesley que aconselham/elogiam virtudes e desaconselham/censuram vícios.

Em um discurso, os três tipos podem aparecer, mas um deles, provavelmente estará em primeiro plano, pois dependerá, conforme já mencionado, do efeito persuasivo que o orador deseja gerar em seu auditório. Em um sermão, por exemplo, o orador não pretende, na maioria das vezes, que o auditório tome uma atitude naquele momento da pregação, mas sim a *posteriori*, então, condiciona seu auditório no papel de espectador, em atitude de reflexão sobre o que é nobre e que é vil para sua vida cristã.

Ruiz de la Cierva (2012) defende que os discursos religiosos pertencem ao gênero deliberativo e epidíctico e que não há sermões do gênero judiciário. A autora entende, que, em um discurso, é comum haver componentes de diferentes gêneros, mas reafirma que, no caso de uma pregação, há indícios do deliberativo e do epidíctico, mas não do judicial, pensamento partilhado por esta tese.

No sermônário wesleyano, é comum encontrar perorações epidícticas como esta do sermão *A Sabedoria dos Conselhos de Deus*: “E quão maravilhosamente clara e simples é Sua maneira de trabalhar, tanto no mundo espiritual quanto no natural! isto é, Seu plano geral de trabalho, de reparar tudo o que está deteriorado⁶⁷” (Wesley, 1997b [1784], p. 374, tradução própria).

O orador também encontrará e avaliará os **lugares-comuns** (*topói*) mais adequados ao discurso pretendido. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) os denomina como arsenal indispensável do qual quem deseja persuadir não deve deixar de lançar mão. Os teóricos enumeram os utilizados com mais frequência: da quantidade e da qualidade, primariamente, e mais o da ordem, da essência e derivado do valor da pessoa, que se integram aos primeiros ou deles derivam (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014; Reboul, 2000).

Argumenta-se ancorado no lugar da quantidade, quando se afirma que alguma coisa é superior à outra por razões quantitativas, mas não necessariamente atrelada a números. Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014) afirmam que se usa lugar da quantidade quando se estabelece a “preferência concedida ao provável sobre o improvável, ao fácil sobre difícil, ao que há menos risco de nos escapar” (p. 99). Essa superioridade se aplica tanto por valores positivos quanto negativos. Já o lugar da qualidade pressupõe que algo é preferível por ser único, raro, original, irreparável. Contrapõe-se à multiplicidade, ao diverso, ao banal, ao normal. No sermão *As Vinhas do Senhor*, Wesley coloca o povo metodista em uma posição privilegiada, acima do que é normal:

Mas, em um sentido mais restrito, a vinha do Senhor pode significar o mundo cristão, ou seja, todos os que citam o nome de Cristo e professam obedecer à sua palavra. Em um sentido ainda mais restrito, pode ser entendido como o que é chamado de parte reformada da Igreja Cristã. No sentido mais restrito de todos, pode-se, com essa frase, “a vinha do Senhor”, **significar o grupo**

⁶⁷ *And how wonderfully plain and simple is His way of working, in the spiritual as well as the natural world! that is, his general plan of working, of repairing whatsoever is decayed.*

de pessoas comumente chamado de Metodistas⁶⁸ (Wesley, 1997c [1787], p. 232, tradução própria)

No lugar da ordem, valoriza-se a superioridade do anterior em relação ao posterior; do existente considera superior o que existe, é real e atual sobre o possível, o eventual ou impossível. A argumentatividade pelo lugar da essência atribui valor aos indivíduos que representam bem determinada essência, como no caso de Wesley, que elegia os fiéis que detinham todos os sinais distintivos de um metodista como bons cristãos. Por último, o argumento derivado do lugar da pessoa está “vinculado à sua dignidade, ao seu mérito, à sua autonomia (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). Quando Wesley cita, em seu sermão *O Arrependimento dos Crentes*, “Tão grande motivo teve, mesmo **aquele homem santo**, Arcebispo Usher, depois de todo seu trabalho para Deus...” (Wesley, 2021 [1767], p. 26, grifos nossos), enaltece uma virtude do arcebispo, portanto, usa do argumento derivado do lugar da pessoa.

Nesse aspecto dos lugares, tem-se os lugares específicos que são próprios de alguma arte, conforme pontua a teoria aristotélica e reafirma o Tratado da Argumentação. Assim, Broadus (1960) colabora ao citar algumas fontes particulares da Homilética, de onde um orador pode encontrar inspiração para pregar, das quais cinco merecem destaque: (1) nas Sagradas Escrituras, que deve ser a fonte primária; (2) na Teologia Sistemática, pois a posse de conhecimentos sistematizados da verdade aumenta a autoridade do pregador perante os ouvintes ou, em termos perelmanianos, intensifica a adesão dos espíritos à questão apresentada; (3) na Filosofia e na Ética, afinal, para propor uma conduta de fé cristã, é preciso que o pregador compreenda porque as filosofias não encontram *habitat* permanente na alma humana; (4) na ciência, especialmente na Psicologia e na Sociologia, pois é “de inestimável valor conhecer os processos mentais e sociais do homem”, tendo em vista que “a sondagem e a cura de almas exigem tato e inteligência”, afirma o clérigo; (5) na História Geral, para compreender formação do pensamento, e nas biografias, que fornecem modelos de pessoas cujas vidas nobres podem fornecer conselhos.

Em continuidade, na invenção, é o momento de decidir sobre os **meios de provas artísticas**: se serão concentradas mais no orador (*ethos*), no auditório (*pathos*) ou no discurso (*logos*), as quais Aristóteles define como argumentos.

⁶⁸ But, in a narrower sense, the vineyard of the Lord may mean the Christian world; that is, all that name the name of Christ, and profess to obey his word. In a still narrower sense, it may be understood of what is termed the Reformed part of the Christian Church. In the narrowest of all, one may, by that phrase, “the vineyard of the Lord,” mean, the body of people commonly called Methodists.

Ferreira (2021, p. 17) orienta que esse uso das provas/argumentos se dá no momento da tensividade retórica, momento em que se “reivindica o entendimento das dimensões dos conflitos de conceitos, de choques semânticos, de diferentes visões de mundo, de diferenças ideológicas, de crenças antagônicas (2021, p. 182), assim para resolver ou atenuar tais aspectos conflitantes, o orador deve sustentar-se em tais provas, com ênfase em uma ou outra, a depender de sua pretensão.

De acordo com o filósofo estagirita, “persuade-se pelo caráter do orador, quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Aristóteles, 2012, p. 13). Pelo tópico, tem-se a evidência de que a retórica não se preocupa com a verdade, mas sim com a verossimilhança, aparência de verdade. Em outras palavras, Aristóteles diz que o orador pode centrar o ato retórico persuasivo em seu caráter, ao mostrar-se ao auditório como uma pessoa confiável, honesta, sem necessariamente sê-lo de fato. Pode apresentar-se ainda com prudência (*phrónesis*), virtude (*areté*) e benevolência (*eunoia*), ou seja, mostrar-se ao auditório intelectualmente capaz de discernir o que é bom ou não, moralmente bem e repleto de virtudes e bem-intencionado em oferecer o bem para os outros.

Para melhor ilustrar, é digno de nota o quadro de qualidades do orador elaborado pelo Grupo de Estudos Retóricos e Argumentativos (Grupo ERA), grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP, conforme Ribeiro (2021):

Quadro 3: Qualidades do orador

Sabedoria	Virtude	Benevolência
Competência	Confiabilidade	Amabilidade
Credibilidade	Determinação	Cortesia
Discernimento	Equanimidade	Delicadeza
Ponderação	Franqueza	Indulgência
Praticidade	Honestidade	Moralidade
Prudência	Integridade	Obsequiosidade
Racionalidade	Simplicidade	Passionalidade
Razoabilidade	Sinceridade	Solidariedade

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Ribeiro (2019, p. 57)

O orador, em seu ato retórico, tem todas essas características à sua disposição para se mostrar ao seu auditório a depender de sua intenção. No sermão *Os Sinais do Novo Nascimento*, Wesley, logo no exórdio, passa a impressão de benevolente neste trecho:

Talvez não seja necessário da uma definição disto.... contudo, com a questão interessa profundamente a qualquer pessoa... buscarei apresentar as marcas do novo nascimento do modo mais claro possível, assim como as encontro apresentadas nas Escrituras” (Wesley, 2021 [1748], p. 94).

No entanto, é necessário que tudo isso seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador. Assim, na visão aristotélica, a persuasão pelo *ethos* se sustenta pelo discurso em si. Sayeg-Siqueira e Matos (2019, p. 64) reafirmam a concepção do filósofo: “o caráter do orador competente constrói-se na maneira como organiza seu discurso e de como discorre sobre temas a que se propõe, por meio das virtudes transmitidas ao auditório”. Vê-se aqui que esse discurso deve ser organizado, bem-disposto, caso contrário, o orador pode fracassar em seu propósito.

A título de exemplificação, em uma pregação, o orador, mesmo que tenha habilidades intrínsecas à arte do bem dizer, não conseguirá adesão se o discurso proferido não inspirar confiança no auditório, como pontuam os teóricos da Homilética, Broadus (1960), Ramirez-Navas (2012), Ruiz de la Cierva (2012) e Moraes (2022a; 2022b, 2022c). Wesley, quando pregava aos incrédulos, valia-se desse caráter de homem reto, íntegro, benevolente para com as mazelas sociais, isto é, apresentava-se como um homem virtuoso e benevolente.

Para além do respeito às Escrituras, Ruiz de la Cierva (2012) orienta que o pregador para passar credibilidade ao auditório deve, também, dar testemunho de vida e ser coerente com aquilo que prega. E acrescenta que “Se o pregador não for uma pessoa séria e que vive de acordo com o que prega, o auditório não ficará convencido de seus sermões, por mais bem que ele seja capaz de expressá-los”⁶⁹ (Ruiz de La Cierva, 2012, p. 432).

Terrano del Cano (1960), citado em Ruiz de la Cierva (2012), amplia ao alertar que o pregador deve dotar-se de virtudes e dissuadir os vícios, pois se ele não tomar para si o amor e odiar o mal, dificilmente conseguirá mover o auditório para aquilo que ele próprio não está movido. É uma questão de ordem moral, em que o auditório clama pela correspondência entre expressão e ação (o dito e o feito) e pela aproximação o quanto possível entre as palavras pronunciadas e a realidade. Para Moraes (2022a), se o pregador vive o que diz mostra-se ao auditório com confiança. As ponderações

⁶⁹ “Si el predicador no es una persona seria y que vive de acuerdo con lo que predica, el auditório no quedará convencido de sus sermones por muy bien que sea capaz de expresarlos”

dos autores focam no *ethos* do orador, conforme instrui Aristóteles, e coadunam com as instruções do Apóstolo Paulo a Timóteo, dispostas na epígrafe deste capítulo.

Magalhães (2019) registra que, para o filósofo grego, o *ethos* pressupõe o *logos* e o *pathos*, uma vez que, este último, centrado no auditório, requer habilidade do orador no sentido de mover o auditório para uma determinada ação, enquanto aquele depende da capacidade do orador de convencer por meio do conhecimento e do discurso em si. Depreende-se, então, que, num discurso, as três provas retóricas estão imbricadas. Como forma de demonstrar, na prática, como isso ocorre, este trecho do sermão *O Homem Rico e Lázaro* ilustra.

De tudo isso, podemos tirar esta conclusão geral. Que a revelação permanente é o melhor meio de convicção racional; muito preferível a qualquer um desses meios extraordinários que alguns imaginam ser mais eficazes. Portanto, é nossa sabedoria nos valermos disso; fazer pleno uso disso; para que possa ser uma lanterna para nossos pés e uma luz em todos os nossos caminhos. Cuidemos para que todo o nosso coração e vida estejam em conformidade com ele; que ele seja a regra constante de todos os nossos temperamentos, todas as nossas palavras e todas as nossas ações. Assim, preservaremos em todas as coisas o testemunho de uma boa consciência para com Deus; e quando nosso curso estiver concluído, nós também seremos "levados por anjos para o seio de Abraão"⁷⁰. (Wesley, 1997c, [1788], p. 288, tradução própria)

No excerto, que representa a peroração, o orador cita razão, sabedoria e temperamentos, por conseguinte, persuade pelo *logos*, ao trazer uma conclusão racional para assentimento do auditório; pelo *ethos*, ao citar que é preciso agir com prudência [o pronome *nós* indica que ele também se vale disso]; pelo *pathos*, ao deixar uma mensagem de esperança. Acrescenta-se que "todos os nossos temperamentos, nossas palavras e nossas ações" estão para o *pathos*, o *logos* e o *ethos*, nessa ordem.

De acordo com Aristóteles, persuade-se ainda "pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso. (Aristóteles, 2012, p. 13). Com relação ao *pathos*, Aristóteles deu importância pormenorizada, tanto que em sua obra *Retórica* dedicou o *Livro II* inteiramente para tratar das emoções (afecções) que o orador pode suscitar no auditório com intuito de ganhar adesão a uma causa apresentada. "As emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam

⁷⁰ From the whole we may draw this general conclusion. That standing revelation is the best means of rational conviction; far preferable to any of those extraordinary means which some imagine would be more effectual. It is therefore our wisdom to avail ourselves of this; to make full use of it; so that it may be a lantern to our feet, and a light in all our paths. Let us take care that our whole heart and life be conformable thereto; that it be the constant rule of all our tempers, all our words, and all our actions. So shall we preserve in all things the testimony of a good conscience toward God; and when our course is finished, we too shall be "carried by angels into Abraham's bosom."

dor ou prazer” (Aristóteles, 2012, p. 85). É o que ocorre em um sermão, sobretudo, no momento do apelo, em que o auditório pode imbuir-se de sentimentos como alegria, esperança, temor ou vergonha, para citar algumas.

São 14 as paixões aristotélicas: ira (cólera), calma (tranquilidade), amizade (amor), inimizade (ódio), temor (medo), confiança (segurança), vergonha, desvergonha (impudência), amabilidade (favor), piedade (compaixão), indignação, inveja, emulação e desprezo (Aristóteles, 2012; Figueiredo, 2020). Aristóteles, em sua obra, descreve as paixões uma a uma com base em três premissas: o estado de espírito em que se encontra quem sente; contra quem sente e em que circunstâncias. Baseado em Figueiredo; Santos Júnior (2020) e Magri (2020) são apresentados, no Quadro 3, de forma descritiva, tais aspectos:

Quadro 4 - As paixões aristotélicas e suas premissas

Cólera		
Em qual disposição se encontra quem sente:	Contra quem sente:	Em qual circunstância:
Menosprezado, vingativo.	O homem em particular desdenhoso.	Quando desvalorizado, injustiçado, diminuído.
Calma		
Esperançoso, paciente, próspero.	A pessoa séria e que não menospreza.	Quando se acredita não estar sofrendo por nenhum mal imerecido
Amor		
Paridade, harmonia, reciprocidade.	O homem que tem como bem ou mal o mesmo que nós e nos faz o bem sem pretensão de retribuição.	Quando acredita estar em relação de companheirismo, afinidade, familiaridade ou qualquer outro laço que propicie o zelo.
Ódio		
Disparidade, adversidade, desencontro.	O tipo de homem, ou classe de homem, que traz algum mal em consequência de uma visão ou ponto de vista adverso daquele que é acometido pelo ódio. Da mesma forma, odiamos as coisas que acreditamos nos fazer mal.	Quando acredita estar em relação de disparidade e se sente caluniado, desprezado, ultrajado
Medo		
Expectativa.	Todo aquele ou tudo aquilo que tenha poder para nos livrar de algum mal, ou aos que nos são caros, quando não podemos remediar tal poder.	Quando acredita que sua sorte está à mercê do poder de outrem que possa lhe causar mal, ou causar mal aos seus queridos
Esperança		
Expectativa.	Todo aquele ou tudo aquilo que tenha poder para nos livrar de algum mal, ou aos que nos são caros.	Quando se acredita estar distante do temível e próximo dos meios de salvação.

Vergonha		
Em qual disposição se encontra quem sente:	Contra quem sente:	Em qual circunstância:
Dá valor ao julgamento (opinião) alheio(a).	Todo aquele cuja opinião nos importa, ou porque nos admira ou porque o admiramos.	Quando alguma falta que causa desonra é passível de ser descoberta por aqueles cujo julgamento nos é caro.
Impudência		
Não dá valor ao julgamento (opinião) alheio(a).	Todo aquele cuja opinião não nos importa, ou porque é inferior a nós ou porque sua opinião não nos afeta.	Quando alguma falta que normalmente causaria desonra é passível de ser descoberta, porém por aqueles cujo julgamento não nos é caro.
Favor		
De compreensão em relação à necessidade alheia.	Todo aquele que é acometido por desgosto proveniente de carência, falta e necessidade cujos meios de solução desfrutamos em abundância.	Quando a necessidade alheia apela ao nosso emocional por dispormos de meios para saná-la.
Compaixão		
De empatia pelo infortúnio sofrido por outrem imerecidamente.	Todo aquele que é acometido por desgosto imerecido e que possui algum traço em comum conosco (como idade, posição social, profissão).	Quando se compreende um infortúnio sofrido por outro como injusto e também quando tal infortúnio poderia nos afetar injustamente.
Indignação		
De suposição de injustiça proveniente de sucesso/felicidade obtido/a por outrem imerecidamente.	Todo aquele que goza de felicidade imerecida.	Quando se compreende que o sucesso ou a felicidade experienciada por outrem é obtido(a) sem mérito.
Inveja		
Inferiorizado diante daquele que julga seu semelhante	Todo aquele que consideramos semelhante a nós e que detém um bem que nos é caro e não possuímos.	Quando se deseja que o bem detido por outrem, semelhante a nós, seja aniquilado.
Emulação		
Inferiorizado diante daquele que julga seu semelhante, porém apto a se superar.	Todo aquele que consideramos nosso semelhante e que detém um bem que nos é caro e não possuímos.	Quando se deseja que o bem detido por outrem, semelhante a nós, também seja nosso.
Desprezo		
Sem ambição por sua superioridade, pelo fato de possuir tudo que é possível desejar em determinado campo da vida.	Todo aquele que não detém o que consideramos ideal ou que possuímos de bom.	Quando se acredita estar em plenitude em estar em plenitude da existência humana.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023) adaptado de Figueiredo; Santos Júnior (2020, p. 68-79) e Magri (2020), com base em Aristóteles

De acordo com Meyer (2000, p. XLI), no Prefácio à obra *Retórica das Paixões*, “para despertar tais sentimentos, é preciso conhecer os que existem antes de tudo no instigador do auditório”, portanto, o hábil orador deve conhecer bem seu auditório, conforme alude Perelman & Olbrechts-Tyteca (2014), para buscar, no inventário das

paixões, aquelas que podem ser mais suscetíveis de serem despertadas e, conseqüentemente, contribuir para a mudança de julgamento do auditório, ou melhor, à prática da ação arquitetada.

Segundo Maddox (2019), na teologia wesleyana, o amor era colocado em primazia e as demais emoções eram nomeadas como disposições orientadoras estáveis (humildade, mansidão e simplicidade) e afeições motivadoras responsivas (alegria, esperança, gratidão, medo, lamento santo e paz). Infere-se, então, que Wesley procurava elevar o amor em seus sermões, talvez, por considerá-lo como uma disposição potencial para abrasar os corações, imbuía-se de algumas paixões para aproximar-se do auditório e reservava outras para serem suscitadas nos ouvintes a fim de que respondessem conforme sua vontade.

Com base em Fiorin (2015), quando o orador abandona o foco da discussão das teses e parte para o apelo às emoções da plateia, tanto positivas quanto negativas, tem-se o que se denomina *argumentum ad populum*, ou seja, que faz apelo ao povo. Ele é mais eficiente quando o orador faz isso não de forma explícita, mas sugere ao auditório a partir de perguntas retóricas. O orador se vale desse tipo de argumento também quando deseja se identificar com o auditório em apelo ao que é “comumente aceito como costume ou padrão” (Fiorin, 2015, p. 225). Nos dizeres de Grácio (2015), argumentar *ad populum* é uma estratégia retórica que se respalda no efeito prático que a opinião da maioria exerce sobre o auditório.

Nos sermões wesleyanos, é muito comum encontrar esse argumento, até porque o próprio Wesley testificou isso, quando disse: “Mas, na verdade, no momento, não planejei nada menos do que isso, pois agora escrevo (como geralmente falo) *ad populum*: Para a maior parte da humanidade, para aqueles que não gostam nem entendem a arte de falar⁷¹: (Wesley, 1997a [1746], p. 66, grifo nosso). O *spiritus rector* anglicano apela, em seus sermões, para aquilo que os cristãos admitem como conveniente ser seguido.

Por fim, o orador pode persuadir [...] pelo discurso, quando mostramos a verdade ou que parece a verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (Aristóteles, 2012, p. 14). Ele tem a opção focar no *logos* em si, por meio de uma divisão e construção lógica, como Wesley defendeu em seus escritos e parece

⁷¹ But, in truth, I, at present, de signed nothing less; for I now write, as I generally speak, *ad populum*, — to the bulk of mankind, to those who neither relish nor understand the art of speaking

ter praticado em seus sermões. O *logos* está ligado ao raciocínio, à objetividade, ao que demonstra ou parece demonstrar. Ribeiro (2021, p. 75) enfatiza que é “por meio do *logos* que o orador enfatiza, demonstra, confirma, nega, ratifica ideias e teses e, ainda, gera a verossimilhança necessária para causar a plausibilidade e a lógica aparente que encaminha o auditório à adesão”. Se pensado em um sermão, o orador se apoia em extratos da Sagrada Escritura para dela captar a essência que possa cumprir esse processo persuasivo, muitas vezes, com menção a homens bíblicos que vivenciaram situações semelhantes ao que está sendo pregado.

Essa persuasão pelo *logos* pode ser empreendida por diversos meios, como os raciocínios, a disposição do texto, as figuras, os argumentos, o próprio léxico, entre outras técnicas. Aqui, o enfoque será nos argumentos, com base na teoria perelmaniana.

Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014) dedicam a terceira parte do Tratado da Argumentação às Técnicas Argumentativas, assim apresentam um conjunto de possibilidades que um orador pode se valer para garantir assentimento à tese que submete à apreciação de seu auditório. Os teóricos afirmam: “Enquanto o orador argumenta, o ouvinte, por sua vez, ficará inclinado a argumentar espontaneamente acerca desse discurso, a fim de tomar uma atitude a seu respeito, de determinar o crédito que lhe deve dar” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 213). Em outras palavras, o auditório é convidado a tomar uma posição, a agir.

Sob a concepção perelmaniana, os argumentos dividem-se em três grupos: os argumentos quase-lógicos, os baseados na estrutura do real e os que fundamentam a estrutura do real. O Quadro 4 apresenta-os:

Quadro 5 - Tipos de argumentos

Tipos de argumentos	Por ligação	I. Os quase-lógicos	Contradição e incompatibilidade
			Identidade e definição
			Transitividade
			Comparação
			Inclusão ou divisão
			Probabilidade
		II. Os baseados na estrutura do real	Por sucessão: pragmático, do desperdício, da direção e da superação
			Por coexistência: de autoridade
	III. Os fundam a estrutura do real	Exemplo	
		Ilustração	
		Modelo / Antimodelo	
Por dissociação		Par Aparência X Realidade	
		Pares anti-téticos	

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), com base em Perelman & Tyteca (2014)

Para esta tese, interessa dissertar sobre os **argumentos baseados na estrutura do real, os que fundam a estrutura do real e por dissociação**.

De acordo com Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014, p. 297) os argumentos baseados na estrutura do real são aqueles “que se valem dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover”, assim, o orador procurará trazer para o seu discurso aquilo que considera ser acordado com o auditório ao mesmo tempo que tentará incutir nele outras teses que ainda carecem desse acordo. São classificados em ligações de sucessão (argumento pragmático, do desperdício, da direção e da superação) e argumentos de coexistência (de autoridade).

O **argumento pragmático** é utilizado pelo orador quando ele deseja que o auditório avalie um determinado ato em razão de suas consequências, presentes ou futuras, favoráveis ou desfavoráveis, portanto, tem ligação direta com a ação, assim, prescinde do acordo do valor das consequências. O **do desperdício** parte da premissa de que uma vez dado início a algo, deve-se seguir na mesma direção para evitar perder os sacrifícios já empreendidos. O **da direção** indica relação causal entre fins e meios, portanto, indica um encadeamento de situações cujo fim se teme; o **da superação** é o contrário, sinaliza que se deve seguir em determinada direção e superar cada vez mais os objetivos, de forma ilimitada. Por fim, o **de autoridade** se vale dos “atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meios de prova a favor de uma tese” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 348)

Por sua vez, os que fundam a estrutura do real, ou seja, os que partem do particular para uma generalização são: o exemplo, a ilustração e o modelo/antimodelo. O Quadro 5 traz suas especificidades e, na sequência, são apresentados exemplos de aplicação de tais argumentos, de modo a imprimir mais clareza ao leitor, visto serem três tipos de argumentos muito similares.

Quadro 6 - Especificidades dos argumentos pelo exemplo, ilustração e modelo

Exemplo	Ilustração	Modelo
Fundamenta uma regra, portanto deve ser bem escolhido, para não incorrer em rejeição pelo auditório e enfraquecer a adesão à tese	Reforça a adesão de uma regra conhecida e aceita, portanto, quando inadequada não é invalidante, pois a regra já está estabelecida. Nesse, apenas demonstrará desconhecimento e incompreensão, por parte do orador, da regra	Indica um comportamento, uma conduta a ser seguida

Parte do particular para a generalização (do exemplo à regra)	Parte da generalização para o particular	Serve de modelo quem possui certo prestígio
Estrutura-se em uma exposição de fatos que conduz a uma conclusão	É escolhida pela repercussão afetiva que pode ter	Leva o auditório a crer que o orador também tenta aproximar-se ou distinguir-se (no caso do antimodelo, que é o contrário)
É incontestável: o ouvinte não tem motivo para pô-lo em dúvida	Pode ser duvidosa, portanto, deve impressionar para captar a atenção dos ouvintes	Tem estatuto de fato
Não contém juízo de valor	Contém um juízo de valor	É um padrão
Do particular para o particular		
Apela para a inércia		

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Perelman & Tyteca (2014, pp. 399-419) e Magalhães (2016).

A seguir, são apresentados excertos do Sermão 89 *O Caminho mais Excelente*, de Wesley, com o fim de demonstrar a aplicação dos três tipos de argumentos, conforme Quadro 5, em um discurso.

A generalidade dos cristãos usualmente separa alguma coisa anualmente – talvez, de, ou, até mesmo, a oitava parte de sua renda, quer obtida do rendimento anual, ou do comércio – para usos caritativos. Poucos eu sei que dizem como Zaqueu: “*Senhor, a metade de meus bens eu dou ao pobre*”. Ó, que agrade a Deus multiplicar esses amigos da humanidade, esses benfeitores gerais!⁷² (Wesley, 1997c [1787], p. 50, tradução própria)

No sermão, Wesley opta por elencar uma série de regras (generalidades) que são adotadas pelos cristãos, as quais ele reconhece serem válidas, mas afirma que os cristãos verdadeiros, que desejam fazer a vontade de Deus e não as suas próprias, podem melhorar seus atos e irem além, no sentido de atingir um caminho mais excelente e condizente com o Cristianismo que chama de verdadeiro. Infere-se, então, que, assim como no primeiro período desse trecho, o pregador adota uma argumentação pela **ilustração**, no sentido de mostrar a regra aceita no meio cristão geral. E, a partir disso, chama os ouvintes à responsabilidade para fazer mais. Como ele não condena os cristãos que adotam tais atitudes, não caracteriza como um argumento antimodelo, tampouco são cristãos de prestígio, de modo que também não são modelos.

⁷² *The generality of Christians usually set apart something yearly -- perhaps a tenth or even one-eighth part of their income, whether it arise from yearly revenue, or from trade, -- for charitable uses. Few I have known who said like Zaccheus, "Lord, the half of my goods I give to the poor." O that it would please God to multiply these friends of mankind, these general benefactors!*

Na mesma parte, quando cita Zaqueu, vale-se do exemplo, com intuito de mostrar que os cristãos devem tomá-lo como referência para agir de igual forma. Também, por ser um personagem que não carece de prestígio não se apresenta como um modelo, mas serve para exemplificar uma atitude condizente.

Primeiro, se você não tem família, depois de ter providenciado para si mesmo, dê tudo que restar; de maneira que, a cada Natal, suas contas sejam limpas. **Esta foi a prática de todos os jovens de Oxford, que eram chamados de Metodistas**⁷³ (Wesley, 1997c [1787], p. 50, tradução própria)

Nessa outra passagem, ao orientar os ouvintes a buscarem um “caminho mais excelente”, Wesley apresenta como modelo a ser seguido a conduta adotada pelos jovens Metodistas. Aqui, parece fazer referência a ele mesmo e aos colegas da Universidade de Oxford, que, quando jovens, se reuniam para estudar as Sagradas Escrituras de modo bastante sistemático, período em que iniciaram o Movimento Metodista na Inglaterra. Coloca, então, a si e os colegas em uma posição prestigiosa.

Em alusão ao pregador, um antitempo bastante apropriado sobre o que não ser é descrito por Terrones del Caño⁷⁴ em seu Tratado *Instrucción de Predicadores*:

Eles não distinguem os afetos nem sabem o que fazer para movê-los. Não conhecem a linguagem a ser usada em cada caso, nem que tipo de discurso convém a cada mistério, tema ou público. Falam de forma tão fria e vulgar que, em vez de inspirar o público, parece que o oprimem com suas sentenças pesadas. Utilizam argumentos escolásticos insignificantes para encher o sermão. [...] Os ouvintes, em sua maioria, são pessoas rudes e sem instrução, geralmente ouvem os sermões como quem ouve a chuva: alguns bocejam, outros dormem, e aqueles que parecem estar atentos, na verdade, pensam em tudo, menos no que o pregador está dizendo (Terrones del Caño, 1960 citado por Ruiz de la Cierva, 2012, p. 424).

Em sua vida clerical, Wesley combateu veementemente essas atitudes inapropriadas de um pregador, pois, ao que parece, sempre cuidou do processo de invenção de seus sermões, com intuito de fazer saber, fazer crer e fazer fazer.

Os **argumentos por dissociação** visam “remover uma incompatibilidade, nascida do cotejo de uma tese com outras, trate-se de normas, de fatos ou de verdades” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 469). Sua representação se dá pelo par aparência e realidade, desde modo:

⁷³ *First, if you have no family, after you have provided for yourself, give away all that remains; so that each Christmas your accounts may clear, And wind your bottom round the year. This was the practice of all the young men at Oxford who were called Methodists.*

⁷⁴ Pregador do século XVI

Aparência

Realidade

O *Termo I*, acima, representa a *Aparência*, aquilo que é imediato e comumente aceito, e o *Termo II*, abaixo, a *Realidade*, pautado em normas, regras que tentam desqualificar o *Termo I* para provar que ele é aparente, ilusório. A partir desse movimento argumentativo, hierarquizam-se conceitos e práticas, afirmam os teóricos, os quais denominam de pares filosóficos que podem vir constituídos de termos que se opõem. Daí a argumentação por pares antitéticos.

No sermão *Os Sinais do Novo Nascimento*, Wesley apresenta os sinais que indicam uma pessoa ser nascida do Espírito: fé, esperança e amor. Para fazer isso, argumenta pela dissociação das noções, como neste trecho:

Mas os apóstolos não se referem a uma fé meramente conceitual ou especulativa. [...] Não se trata de mero assentimento à verdade divina... porque os demônios também ouvem as palavras que saem da boca de Deus e sabem que são fiéis e verdadeiras [...] Pois tudo isso não passa, na realidade, de uma fé morta. [...] A verdadeira e viva fé cristã, que toda pessoa nascida de Deus possui, não é mero assentimento... mas uma disposição forjada por Deus em seu coração. (Wesley, 2021 [1748], p. 95)

O *Termo 2* representa a *Realidade* – fé verdadeira, viva, penetrada no coração – em oposição ao *Termo 1*, *Aparência* – fé conceitual, especulativa, mero assentimento, morta. O mesmo ocorre quando o orador fala da esperança (morta/viva) e do amor (obra exterior/disposição da alma).

A argumentação ocorre também por meio das **figuras retóricas**. Reboul (2000) faz uma analogia interessante ao dizer que se o argumento é o prego, a figura é o modo de pregá-lo, isto é, de acordo com a forma em que a figura é empregada, tem força de argumento. Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014) reconhecem essa função argumentativa em um discurso, no entanto, consideram figura argumentativa nestes termos:

Acarretando uma mudança de perspectiva, seu emprego parece normal em relação à nova situação sugerida. Se, em contrapartida, o discurso não acarretar adesão do ouvinte a essa forma argumentativa, a figura será percebida como ornamento, como figura de estilo. (p. 192)

Os teóricos classificam-nas em três categorias: as figuras da escolha, da presença e da comunhão, no sentido de “impor ou sugerir uma escolha, aumentar a presença ou realizar a comunhão com o auditório” (p. 195). A definição oratória, a perífrase, que pode vir em forma de sinédoque, metonímia, a metáfora e a retificação

são exemplos de figuras da escolha; a repetição, em seu sentido literal ou por meio da amplificação, e o pseudodiscurso direto são os da presença; e a alusão e a interrogação oratória, as da comunhão, para citar algumas.

Fiorin (2014), por sua vez, considera as figuras como “operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso” (p.10). Sem a pretensão de trazer à baila toda a classificação das figuras proposta pelo professor, destacam-se as figuras de troca: interrogação e exclamação. De acordo com o estudioso, quando o orador deseja acelerar o andamento do texto ou intensificar o seu sentido, em vez de afirmar, opta por exclamar e interrogar. Essa tipologia enquadra-se nas figuras de comunhão, conforme a classificação de Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014).

Decidido sobre as três provas retóricas e em qual delas recairá o caminho persuasivo, outro aspecto que o orador define na invenção é sobre as formas de **raciocínio**, pertencentes ao *logos*, os quais, de acordo com Fiorin (2015), classificam-se em apodítico, dialético (provável) e falacioso.

Raciocinar-se de forma apodítica (demonstrativa ou científica) significa dizer que o orador opera com premissas verdadeiras e com premissas que produzem efeitos de sentido de verdade. Trata-se de uma racionalidade imperativa e tem por característica a universalidade e a necessidade, nas palavras do professor Fiorin. Em sermões, por vezes, prevalece esse tipo de raciocínio, pois, como já visto e pontuado por Orlandi (1983), o orador fala em nome de Deus e, portanto, sua pregação é fundada numa verdade divina demonstrada pelas Escrituras e que, por conseguinte, se impõe a quem é dirigida.

Quando se opta pelo dialético (provável), parte-se de uma premissa provável, admitida por todos ou pela maioria do auditório, gera uma conclusão razoável, altamente provável, embora não absolutamente certa porque é produto da crença, opinião. Tal raciocínio conclama a razão, procura convencer. Fiorin (2015) afirma que o instrumento do raciocínio dialético é a argumentação, além de ser altamente persuasivo. Aparenta deixar ao leitor uma opção de escolha, mas indica claramente o roteiro a ser seguido, a partir de um apelo à racionalidade.

E, por fim, quando a preferência é pelo raciocínio falacioso, envolve argumentos logicamente inconsistentes, sem fundamentos válidos ou que falham na capacidade de provar eficazmente o que alegam (Fiorin, 2015). Mateus (2018) acrescenta que a falácia são argumentos deficitários que persuadem por terem aparência de verdade.

Interessante observar que Wesley tinha preferência por um sermão de caráter mais dialético (Outler, 1984) em que pudesse não impor aos seus seguidores uma fórmula doutrinária, mas edificá-los com a verdade cristã, de modo que eles, por meio de seus argumentos, pudessem se posicionar e perceber que a melhor escolha era seguir os preceitos de vida de arrependimento, fé e santidade. Incumbirá à análise revelar em que medida os sermões comprovam essa preferência do orador.

2.1.1.2 Disposição

Se na invenção o orador busca e seleciona argumentos, na disposição, trata da “ordenação desses argumentos, donde resultará a organização interna do discurso, seu plano” (Reboul, 2000, p. 43). É um lugar, um plano-tipo, afirma o autor. Broadus (1960), estudioso da Homilética, ao tratar da necessidade de uma boa disposição, acrescenta que o bom arranjo da matéria torna o sermão agradável (*delectare*) e mais persuasivo, uma vez que, quando o orador deseja mover a vontade do auditório e apelar para as emoções, obterá mais êxito se tiver cuidado da ordem do discurso, ou seja, tudo tem de estar em perfeita harmonia no interior e exterior do discurso. Em síntese, o autor afirma que dispor o discurso da maneira adequada é ser coerente com as leis naturais do pensamento.

Segundo Aristóteles (2012), esse plano textual é dividido em proêmio, exposição, provas e epílogo, correspondentes às terminologias latinas *exordium*, *argumentatio* e *peroratio*.

O filósofo ensina que a função do **proêmio/exórdio** é “pôr em evidência qual a finalidade daquilo sobre o que se desenvolve o discurso” (Aristóteles, 2012, p. 218) e Ferreira afirma que “é o momento em que o orador se vale de uma série de artifícios discursivos iniciais que conduzam às paixões do auditório (Ferreira, 2010, p. 112). Já Reboul (2000, p. 55) diz que é a parte que tem a função de tornar o auditório “dócil, atento e benevolente” (Reboul, 2000, p. 55), em situação de aprender e compreender.

Para Aristóteles (2012), se o assunto a ser tratado pelo orador for óbvio, pode-se dispensar o proêmio e já partir para a exposição, além disso, observa que o orador deve chamar a atenção do auditório não necessariamente no proêmio, visto que, no início, pressupõe-se que todos estejam atentos ao que está sendo dito, mas ao longo do discurso. Broadus (1960), por sua vez, discorre que, mesmo que um sermão não precise de uma introdução (proêmio), o auditório precisa para ter uma noção da jornada à qual embarcará junto com o pregador.

De acordo com o estudioso da Homilética, no sermão, o exórdio cumpre dois objetivos principais: captar o interesse dos ouvintes e prepará-los para o entendimento. É preciso despertar não somente o interesse intelectual, mas espiritual e prático, de modo que o auditório se conecte com o sentimento do orador e harmonize o espírito com o assunto que será tratado. Além disso, deve-se situar os ouvintes para o tema do sermão, mas com a precaução de não adiantar partes importantes do desenvolvimento (Broadus, 1960).

Na **exposição/narração**, o orador torna claro o partido que irá tomar e marca a escolha de uma posição que será defendida nas demais partes. Conforme Ferreira (2010), ressalta-se o *logos*, pois há a demonstração das provas, visto que num discurso judiciário, enuncia-se o fato com suas causas; no deliberativo, são apresentados exemplos; e, no epidíctico, amplifica-se para mostrar que os fatos são belos e úteis, em consonância com Aristóteles (2012). Broadus (1960) lembra que o orador do sermão não deve nunca perder de vista o movimento progressivo que levará ao fim prático previsto, logo, deve zelar para não incidir em um movimento circular.

A **confirmação** é a “parte mais densa do discurso, por concentrar as provas. Defende-se os próprios pontos de vista e refutam-se os argumentos adversários” (Ferreira, 2010, p. 114). É o ponto em que o *logos* se faz mais presente, uma vez que o orador empreende a tarefa de ordenar os argumentos entre fortes e fracos, conforme seu projeto persuasivo pretendido.

Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014) afirmam que a força de um argumento se manifesta tanto pela dificuldade de refutá-lo quanto pela sua qualidade e, ainda, o orador, para determinar se um argumento é mais forte ou mais fraco, precisa ter em mente o auditório, bem como as teses que são por ele admitidas e a intensidade dessa adesão, além, claro, do objetivo da argumentação. Em um sermão, que prega as verdades bíblicas e que se pauta, sobretudo, em argumentos que se revestem da denegação (negação da negação – Deus/Diabo, divino/profano, salvação/perdição), cumpre ao pregador, no momento de elaborar o plano de seu discurso, atentar-se para uma ordem que conduza ao assentimento daquilo que julga ser mais adequado à correta vida cristã.

Por fim, chega-se ao **epílogo/peroração**, ou seja, à conclusão do discurso. Aristóteles (2012) afirma que tal parte é composta de quatro elementos: “tornar o orador favorável à causa do orador e desfavorável à do adversário; amplificar ou minimizar; dispor o ouvinte a um comportamento emocional; recapitular” (Aristóteles,

2012, p. 234). Broadus (1960), ao remeter-se aos oradores gregos e romanos, aponta que a conclusão do discurso corresponde à batalha final que decidirá a guerra. É neste momento que as técnicas argumentativas persuasivas devem se concentrar mais para mobilizar o auditório, com nesta passagem de *Viver sem Deus*, em que Wesley apela para o *pathos* no intento de “ganhar a guerra”:

Mas voltando ao texto. Permitam-me pedir a todos vocês que ainda estão "sem Deus no mundo" que considerem que, com toda a sua humanidade, benevolência e virtude, vocês ainda estão...fechados na escuridão e na sombra infernal. Meus caros amigos, vocês não veem Deus. Vocês não veem o Sol da justiça. Vocês não têm comunhão com o Pai, nem com Seu Filho, Jesus Cristo. Vocês nunca ouviram a voz que ressuscita os mortos. Não conhecem a voz do seu Pastor. Não receberam o Espírito Santo. Vocês não têm sentidos espirituais. Vocês têm suas velhas ideias, paixões, alegrias e temores naturais; não são novas criaturas. Clamem a Deus, para que ele rasgue o véu que ainda está sobre seus corações e que lhes dá ocasião para reclamar...⁷⁵ (Wesley, 1997c [1790], p. 395-396, tradução própria).

Ruiz de la Cierva (2012) aconselha que, na peroração, o orador aborde e destaque os argumentos mais eficazes e os pontos que mais impactaram o auditório de forma concisa e breve, sem recontar tudo o que foi dito, mas aquilo que considerar necessário lembrar para inserir na alma do ouvinte o que principalmente se pretendia com o sermão. O orador também pode lançar mão de perguntas e exclamações, completa a autora.

Para Orlandi (1983), o sermão pode se resumir em três grandes partes: exortação, enlevo e salvação, correspondentes ao exórdio, narração e interrogação/argumentação, e peroração, respectivamente. Na exortação, o orador se aproxima do auditório e já inicia seus argumentos ancorados na denegação; no desenvolvimento, são trazidos à tona os propósitos divinos e aqui o princípio de reversibilidade ganha espaço e, por fim, é feito o pedido, o apelo do pregador.

Merece atenção esse princípio de reversibilidade em que orador e ouvinte podem ocupar um o espaço do outro. No entanto, em se tratando do campo religioso, essa noção é ilusória, visto que o discurso tem natureza autoritária, cujo referente (Deus) está oculto no dizer, conforme Orlandi (1983). Assim, a partir da ideia de que

⁷⁵ *But to return to the text. Let me entreat all of you who are still "without God in the world," to consider with all your humanity, benevolence, virtue, you are still... Inclosed in darkness and infernal shade. My dear friends! you do not see God. You do not see the Sun of righteousness. You have no fellowship with the Father, or with his Son, Jesus Christ. You never heard the voice that raiseth the dead. Ye know not the voice of your Shepherd. Ye have not received the Holy Ghost. Ye have no spiritual senses. You have your old, natural ideas, passions, joys, and fears; you are not new creatures. O cry to God, that he may rend the veil which is still upon your hearts; and which gives you occasion to complain...*

Deus desce até o auditório, por meio do pregador, e compartilha com ele as suas qualidades divinas, dá-se a impressão de que o ouvinte pode transmutar de lugar com o pregador, quando, na verdade, eles pertencem a mundos diferentes e hierárquicos, em que espiritual domina o temporal, se considerado que quem fala é Deus ainda que através do pregador.

A partir do fato de que a argumentação tem um fim persuasivo, é salutar trazer as considerações de Quintiliano (2016, p. 179):

Pois não há apenas a ordenação das partes: nas mesmas existe um certo primeiro sentido, um segundo, um terceiro; é necessário cuidar que não só sejam postos por ordem; mas que sejam bem relacionados entre si e de tal modo entrelaçados que não permitam entrever as junturas; que seja um corpo; não junturas de membros.

As palavras do orador romano podem ser resumidas com os dizeres de Ferreira (2010) quando menciona que a ordenação das partes deve refletir na coerência global do discurso retórico, ou seja, todo o discurso deve fazer sentido e cumprir a função persuasiva almejada pelo orador.

Quintiliano (2016) amplia ao dizer que, em razão desses sentidos, o orador tem a prerrogativa de definir se é necessário ou não o proêmio, se é melhor trazer a exposição de forma contínua ou subdividi-la, se a refutação deve ser exposta em tópicos ou não e se o apelo às emoções deve ser reservado somente à peroração ou feito ao longo de todo o discurso. Entende-se, então, que a disposição não é estanque, e, sim, flexível a depender dos anseios persuasivos do orador para com o auditório ao qual se direciona.

2.1.1.3 Elocução

O orador selecionou o material a ser utilizado no discurso, definiu a melhor forma de dispô-los no texto e, agora, precisa pensar no embelezamento do discurso, cujas palavras devem ser escritas para que causem no auditório o efeito pretendido.

Quintiliano (2016, p. 207) defende que “sem dúvida, as palavras devem proporcionar um discurso que cause admiração e prazer” e que o orador deve preocupar-se para que nada falte ou seja supérfluo no discurso, de modo que se torne, assim, “aprovável pelos entendidos e compreensível para os leigos” (Quintiliano, 2016, p. 221).

Em retórica, as palavras desempenham um papel preponderante na eficácia persuasiva e, nas declarações de Quintiliano, elas devem provocar admiração nos

ouvintes. Além disso, cada gênero oratório requer ornamentos específicos, pois, embora algumas palavras tenham o mesmo significado, “há algumas que são mais nobres, mais sublimes, mais transparentes, mais agradáveis e mais sonoras que outras” (Quintiliano, 2016, p. 231). Vale sublinhar que mesmo as palavras simples podem conferir êxito ao discurso. Como já visto, Wesley preferiu, na maioria de seus escritos, renunciar aos ornamentos e apostou em uma linguagem acessível aos seus mais diversos auditórios.

Os dizeres de Quintiliano podem ser associados à regra da conveniência do estilo, defendida por Reboul (2000), e ao que afirma Aristóteles (2012): “o estilo apropriado torna o assunto convincente, pois, por paralogismo, o espírito do ouvinte é levado a pensar que aquele que está falando diz a verdade” (p. 191). Para Broadus (1960, p. 77), “coisas insípidas, muito embora revestidas de aprimorada linguagem não devem ocupar espaço no sermão”, o que reforça as preferências de Wesley pelo estilo simples. O autor ainda assevera que a escolha do estilo deve estar de acordo com a ocasião do sermão, o caráter do auditório e a natureza do assunto.

No momento da análise de um discurso, é importante “notar se o orador, por uma razão ou outra, reforça, pelas metáforas, impressões ideológicas, concepções filosóficas do existir, artimanhas políticas”, conforme instrui Ferreira (2010, p. 134), elementos que estarão impressos nas escolhas lexicais do orador, isto é, na elocução.

Para finalizar esta subseção, vale citar as ponderações de Moraes (2022b, p. 106), que assegura ser o sermão eloquente aquele cujo discurso é capaz de manter os ouvintes atraídos e atentos, para, com seriedade e, ao mesmo tempo, brandura, comunicar-lhes a verdade bíblica com vivacidade e sensibilidade para confortar os necessitados e provocar os acomodados. O autor finaliza que é “a mensagem que faz a diferença na vida dos ouvintes, da igreja e da sociedade” (p. 106), ou seja, o efeito persuasivo não reside no orador, que pode se mostrar muito bem-preparado, mas, sim, no dizer, nas palavras, ou melhor, no discurso, como bem orienta a retórica aristotélica.,

Após verificar todos esses pontos que podem ser identificados em um sermão, materializado pelo sermão, é apropriado tomar conhecimento da observação que faz Ramirez-Navas (2012, p. 17):

A ordem é primordial, mas para abundar em frutos, o pregador além de uma vida disciplinada e organizada requer uma comunhão especial que inclua o poder ou fogo do Espírito Santo, que nem sempre é o fogo do entusiasmo

humano expresso com gestos enérgicos e gritos altos, mas sim aquela unção divina que dá ao sermão algo inexplicável que não é adquirido por meios humanos, mas que toca o coração dos ouvintes com a impressão de que a mensagem é de Deus, pois é Deus mesmo se revelando ao coração de quem ouve a Palavra.⁷⁶ (p. 17)

A citação ratifica os apontamentos feitos acerca do discurso retórico-argumentativo, especialmente de cunho religioso, o qual, para persuadir e conduzir o auditório à prática da ação (ser abundante em frutos), requer que haja uma ordem lógica (*logos*, disposição), que o orador inspire confiança no auditório (*ethos*) e dê testemunho de vida, e que toque os corações dos ouvintes (*pathos*) da mesma forma como Wesley sentiu o seu coração abrasado, em Aldergaste, sem necessidade de performance, mas com argumentos que provem ser a Palavra inspirada por Deus.

Isso posto, conforme definido, um dos objetivos desta tese é mostrar a relação direta entre os pressupostos teóricos da Retórica e da Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO), que estão fundadas no texto, assim, a próxima subseção traz o aporte necessário para compreender como esse diálogo é estabelecido.

2.2 Análise do Discurso Textualmente Orientada (ADTO)

Após revisitar teorias consagradas não-críticas, como a Análise da Conversação e outras, e críticas, como a Linguística Crítica e a Análise do Discurso (AD), Norman Fairclough propôs uma análise crítica tridimensional do discurso, pois, segundo o autor, pelas limitações e negligenciamentos, tais postulados não deram conta da concepção de que a análise do discurso cuida do seu funcionamento na transformação criativa de ideologias e práticas, bem como do funcionamento que garante a sua produção (Fairclough, 2001).

A partir, então, dessas releituras, o autor propõe uma Teoria do Discurso Textualmente (e linguisticamente) Orientada (ATDO), que estabelece relação entre texto, discurso e prática social. Tal teoria se apropria, no que concerne, de contribuições da análise do discurso foucaultiana, visto que ela tem contribuições importantes para a teoria social do discurso “em áreas como a relação entre discurso

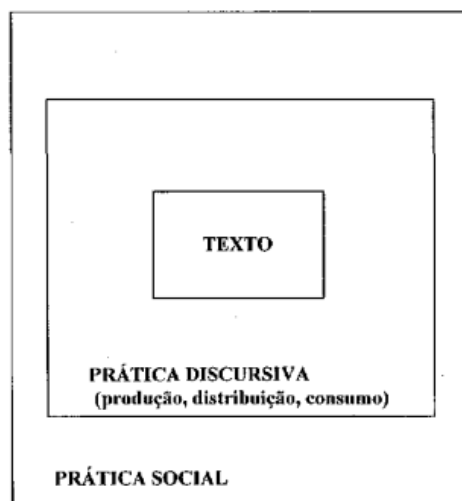
⁷⁶ *El orden es primordial, pero para abundar en frutos, el predicador además de una vida disciplinada y ordenada requiere de una comunión especial que incluya el poder o fuego del Espíritu Santo, que no siempre es el fuego del entusiasmo humano que se expresa con enérgicos gestos y grandes gritos, sino aquella unción de lo Alto que da al sermón ese algo inexplicable que no se adquiere por medios humanos pero lleva al corazón de los oyentes la impresión de que el mensaje es de Dios, porque es Dios mismo revelándose al corazón del que escucha la Palabra.*

e poder, a construção discursiva de sujeitos sociais e do conhecimento e o funcionamento do discurso na mudança social” (Fairclough, 2001, p. 62).

A respeito do discurso, Fairclough (2001) faz alguns apontamentos importantes: é um modo de agir sobre os outros e de representar e significar o mundo; implica numa relação dialética com a estrutura social, portanto, é moldado e restringido por todas as dimensões dessa; e contribui para a construção de identidades sociais, de relações sociais e de sistemas de conhecimento e crença, ou seja, para a função identitária, a função relacional e a função ideacional, respectivamente.

A Figura 4 representa graficamente a teoria tridimensional do discurso faircloughiana:

Figura 3 - Concepção tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2000, p. 101)

Em suas argumentações, Fairclough (2001) sustenta que os procedimentos que dizem respeito ao **texto** são heterogêneos e contraditórios e variam de sujeito para sujeito. Além disso, suas **práticas discursivas** têm efeito sobre as estruturas sociais, relação e lutas sociais por ela circundadas. que os membros da comunidade que produzem seus discursos estão moldados pelas estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da **prática social** em que estão envolvidos, assim, suas práticas podem estar baseadas em política e ideologia. Fato é que toda produção discursiva reflete e causa efeitos no meio social em que são produzidos, distribuídos e consumidos, em modos faircloughianos.

O Quadro 7 apresenta os elementos que compõem cada uma das dimensões, as quais serão detalhadas a seguir.

Quadro 7 - Elementos da concepção tridimensional do discurso

Análise textual (descrição)	Vocabulário
	Gramática
	Coesão
	Estrutura textual
Prática discursiva (interpretação)	Produção
	Distribuição
	Consumo
Prática social (interpretação)	Ideologia
	Hegemonia

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Fairclough (2000)

Esta tese interessa pela análise textual e pela prática discursiva, com ênfase na mudança discursiva presentificada por meio dos domínios da democratização, comodificação e tecnologização discursivas que, em certa medida, atravessam a prática social.

A **análise textual**, de caráter descritivo, está no nível de microanálise e nela são examinadas questões de forma e questões de significado simultaneamente. Nesse aspecto são avaliados o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual.

Vocabulário: analisa as palavras individualmente e pode ser investigado sobre alguns focos: lexicalizações alternativas e sua significância política e ideológica; sentido das palavras e metáforas.

Gramática: lança olhar sobre as palavras combinadas em orações e frases. Fairclough (2001) entende a oração como unidade principal da gramática e a caracteriza como multifuncional, visto que é uma “combinação de **significados ideacionais, interpessoais**, (identitários e relacionais) e **textuais**” (p. 104). Na concepção do teórico, as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações intencionadas em imprimir significado de identidades sociais, relações sociais, conhecimento e crença.

Coesão: diz respeito à ligação entre orações e frases que se dão da seguinte forma: por uso de vocabulário de um campo semântico comum, repetição de palavras, uso de sinônimos próximos; por mecanismos de referências e substituições (pronomes, artigos, por exemplo), mediante o uso de conjunções. Em suma, corresponde à estrutura argumentativa do texto, que varia entre os tipos de discursos.

Estrutura textual: são propriedades organizacionais de larga escala dos textos. Refere-se à arquitetura dos textos. “Tais convenções de estruturação podem ampliar a percepção dos sistemas de conhecimento e crença e dos pressupostos sobre as relações sociais que estão embutidos nas convenções dos tipos de textos” (Fairclough, 2000, p. 106).

Já a **prática discursiva**, de caráter interpretativo, está no nível de macroanálise e processos textuais de produção, distribuição e consumo.

Produção: os textos são produzidos de formas particulares e/ou coletivas em contextos sociais específicos, portanto, refletem a posição da pessoa (editor, animador, redator). Nesse processamento de produção e interpretação textuais, outros elementos, que pertencem também à análise textual, mas que aqui exercem essencial função hermenêutica, são relevantes, como a) força dos enunciados, b) coerência e c) intertextualidade.

a) Força do enunciado: é um componente de uma ação que pode ser uma ordem, uma pergunta, uma ameaça etc. Fairclough (2000, p. 111) afirma que “as partes do texto são tipicamente ambivalentes em termos de força” e que o contexto é muito importante para reduzir essa ambivalência, tanto o sequencial (posição em que o enunciado está disposto no texto) quanto o social, em que o texto foi produzido. Quando, em *Sobre Visitar o Enfermo*, Wesley quis persuadir o auditório acerca do dever de visitar os enfermos, o fez em tom amedrontador: “Todos, portanto, que desejam escapar do fogo eterno e herdar o reino eterno, estão igualmente interessados, de acordo com sua capacidade, em praticar esse importante dever⁷⁷” (Wesley, 1997c [1786], p. 145, tradução própria).

b) Coerência: diz respeito ao sentido que um texto tem para alguém que o lê e o interpreta. Essas interpretações são apoiadas nos pressupostos ideológicos dos intérpretes, nas posições dos sujeitos.

c) Intertextualidade: refere-se à capacidade de os textos serem repletos de fragmentos de outros textos delimitados explicitamente ou mesclados. Em termos de produção, refere-se à historicidade dos textos; de distribuição, à transformação que os textos sofrem; e de consumo, ao conjunto de outros textos que os intérpretes trazem para o processo de interpretação. Segundo Fairclough (2000), são divididas em dois tipos: Intertextualidade manifesta (aquela que é explícita); e

⁷⁷ All, therefore, who desire to escape everlasting fire, and to inherit the everlasting kingdom, are equally concerned, according to their power, to practise this important duty.

Interdiscursividade ou intertextualidade constituída: constituição heterogênea de textos por meio de elementos (tipos de convenção) das ordens do discurso (interdiscursividade), de caráter implícito. Em *Sobre a Consciência*, há um exemplo de intertextualidade explícita: “Não posso concluir este discurso melhor do que com um extrato do sermão do Dr. Annesley sobre “Conscienciosidade Universal”⁷⁸. (Wesley, 1997c [1788], p. 221, tradução própria)

Uma das características do discurso religioso é o uso do intertexto, que, no caso, remete ao discurso bíblico, o qual “não é alvo de discussão, pois locutor e ouvinte aceitam-no, fazem-se cúmplices, unindo-se no processo de comunicação”, conforme aponta Nascimento (1993, p. 77). Terrones del Caño citado por Ruiz de la Cierva (2012) demonstra compartilhar dessa colocação e adverte que, como a pregação tem por intuito ensinar a palavra de Deus, o orador precisa embasar-se muito bem das passagens bíblicas e mais do que isso debruçar-se sobre elas para efetuar uma interpretação com o devido rigor e fidelidade. A propósito, os sermões de Wesley são recheados de excertos das Escrituras, haja vista serem elas um dos eixos do seu quadrilátero.

Distribuição: os textos podem ter distribuições simples ou complexas: antecipam os receptores (aqueles a quem ele se dirige diretamente – auditório), os ouvintes (aqueles a quem o texto não se dirige, mas são incluídos entre os leitores) e os destinatários (aqueles que não constituem parte dos leitores oficiais, mas são conhecidos como consumidores de fato).

Consumo: os textos são consumidos individual ou coletivamente de modos diferentes em contextos sociais diversos, a depender do trabalho interpretativo que neles se aplica, que pode ser minucioso ou concorrer com outras atividades, e com os modos de interpretação disponíveis, como por exemplo, efetuar uma leitura sob a ótica da retórica. De acordo com o autor, há textos que levam à mudança de atitudes, crenças ou as práticas das pessoas, como os sermões. (Fairclough, 2001).

Por fim, há a **prática social** que inclui ideologia e hegemonia. Esta tese não faz abordagens desses dois pontos especificamente, mas se interessa pelos três domínios apresentados por Fairclough (2001), que estão ligados à mudança discursiva ou às ordens do discurso, ou seja, estão incorporados à prática discursiva,

⁷⁸ I cannot conclude this discourse better, than with an extract from Dr. Annesley's sermon on "Universal Conscientiousness."

mas que atravessam a prática social. São eles: a) democratização, b) comodificação e c) tecnologização.

a) Democratização

O autor entende a democratização do discurso como “a retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas” (p. 248), que envolve cinco áreas: relação entre línguas e dialetos sociais, acesso a tipos de discurso de prestígio, eliminação de marcadores explícitos de poder em tipos de discursos institucionais com relações desiguais de poder e mudanças nas práticas referentes ao gênero na linguagem.

Nesse sentido, o domínio da democratização do discurso refere-se ao enfraquecimento do controle exercido sobre os discursos. No contexto desta tese, tem-se que, durante sua vida missionária, Wesley atuou como um exegeta, uma vez que interpretou as Escrituras e se preocupou em tornar os ensinamentos bíblicos e de outras áreas em uma linguagem acessível às massas que não tinham acesso ou não compreendiam os discursos prestigiosos. Assim, democratizou o acesso aos discursos.

b) Comodificação

De acordo com Fairclough (2001, p. 255), refere-se ao “processo pelo qual os domínios e as instituições sociais, cujo propósito não seja produzir mercadorias no sentido econômico restrito de artigos para venda, vêm não obstante a ser organizados e definidos em termos de produção, distribuição e consumo de mercadorias”.

Nesse caso, em vez de enfraquecimento, há o fortalecimento do controle no sentido de implementar uma reestruturação do discurso para que se torne um produto (mercadoria) que atenda aos interesses dos consumidores. O autor exemplifica com a área da educação, em que os materiais voltados a esse campo passaram a incorporar termos como competências e habilidades para ser condizentes com a exigência e o discurso do mercado. Para os dias atuais, poder-se-ia acrescentar nesse discurso expressões como metodologias ativas, competências socioemocionais que configuram na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para o foco desta tese, convém pensar em como os discursos de Wesley eram produzidos ou reestruturados com o objetivo de angariar mais fiéis, consolidar a fé e ampliar o Movimento Metodista do século XVIII.

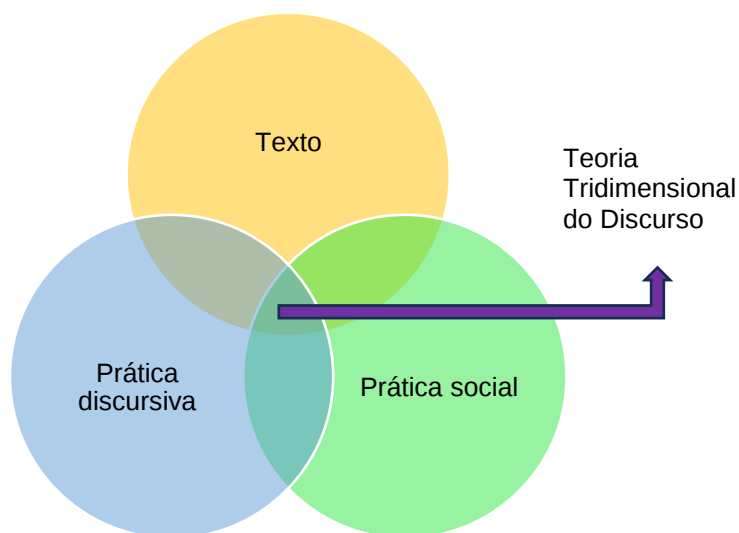
c) Tecnologização

As tecnologias do discurso têm relação estreita com os domínios anteriores, pois se trata de encontrar novos meios de propagação do discurso seja oral ou escrito e, além disso, das estratégias mais adequadas para o momento. São planejadas conscientemente e preveem os efeitos antecipados causados pelas escolhas linguísticas no vocabulário, na gramática, na entonação, na organização do diálogo, expressão facial, gesto, postura e movimentos corporais (Fairclough, 2001).

No campo religioso, quando se adapta os princípios cristãos do Evangelho para os princípios doutrinários da religião, pratica-se uma adaptação da linguagem, assim ocorre o processo de tecnologização. Wesley fez esse movimento durante toda a sua trajetória cristã. Seu objetivo era mostrar o caminho para céu por meio das três doutrinas bíblicas – Arrependimento, Fé e Santidade – e, para tanto, baseava-se em passagens das Escrituras para explicar, de modo mais simples, tais ensinamentos no contexto do que acreditava o Movimento Metodista, de modo sempre a converter os incrédulos e manter a fé dos convertidos.

Pela teoria faircloughiana aqui apresentada, o que se percebe é que o quadro tridimensional pode ser representado em forma de um Diagrama de Venn, conforme a Figura 5:

Figura 4 - Dimensões do discurso da ADTO



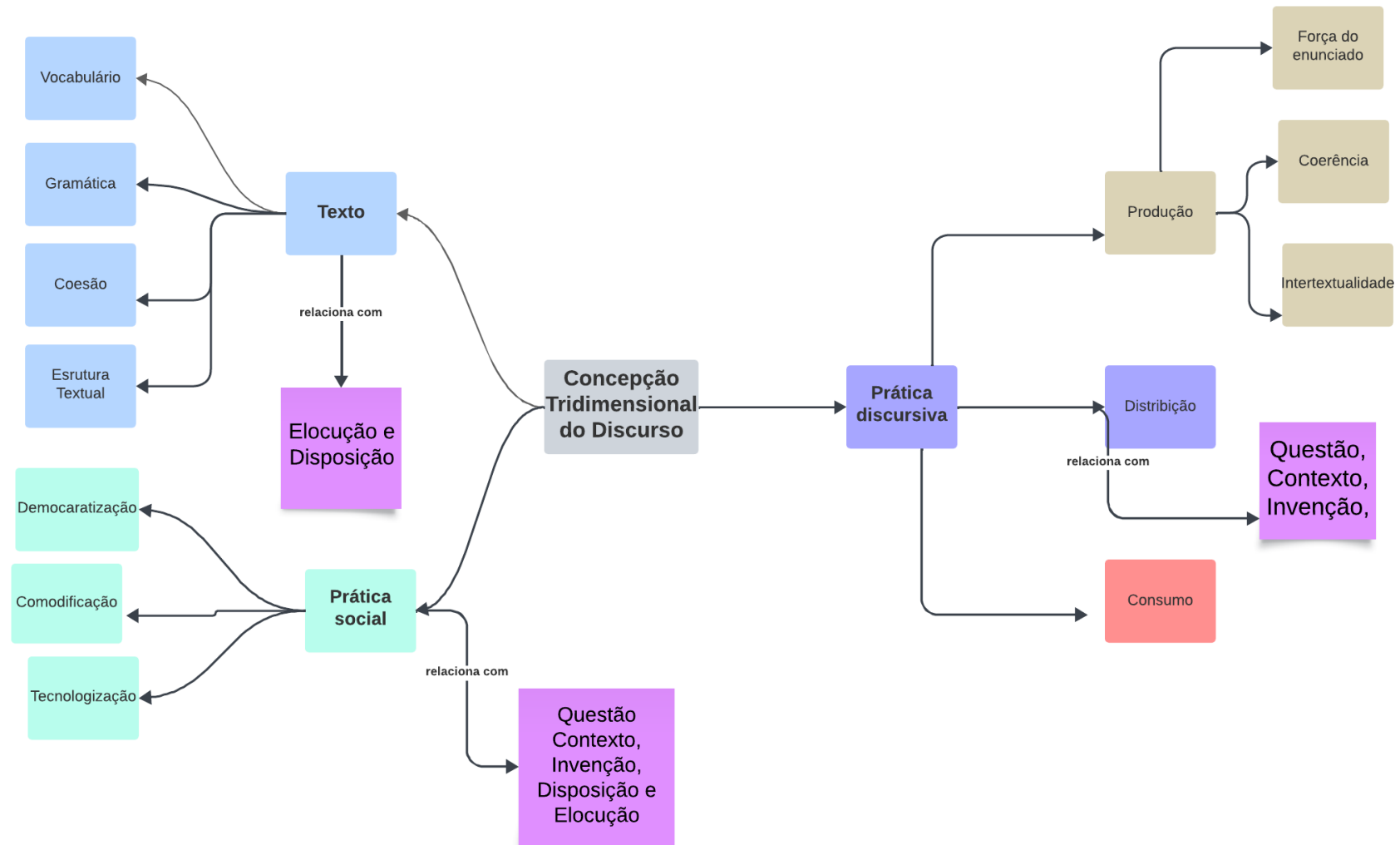
Fonte: Elaborado pelo autor (2023), adaptado de Fairclough (2001)

A proposta se justifica pela interconexão que existe entre as três dimensões, visto que, quando um orador faz a escolha do léxico para seu discurso, leva em

consideração o auditório ao qual vai se dirigir direta ou indiretamente, bem como o contexto social em que tal texto está sendo produzido, de modo que estão aí imbricados o texto, a prática discursiva e a prática social, conforme a teoria faircloughiana apregoa.

A partir das descrições de cada item da teoria faircloughiana, é possível enxergar traços dos pressupostos teóricos da retórica e argumentação, conforme propõe a Figura 5:

Figura 5: Relação entre a ADTO e a Retórica/Argumentação



Fonte: Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Desse modo, é possível perceber que a **prática discursiva** tem proximidade com a questão (*quaestio*), contexto retórico e invenção, uma vez que trata da produção, distribuição e consumo dos textos, o que está muito relacionado com o momento em que o orador, no enquadramento desta tese, pregador, define uma questão a ser tratada no sermão – acúmulo de riquezas, por exemplo – e parte para as escolhas que considera mais adequadas para a produção do seu discurso (invenção). Nesse ato, ele já leva em conta também como esse discurso será distribuído e, principalmente, por quem será consumido, ou seja, não são definições a seu bel-prazer, mas fundadas em um objetivo persuasivo arquitetado.

Para uma demonstração mais clara de aproximações teóricas, força do enunciado, por exemplo, um dos elementos da produção, compatibiliza com os argumentos fundados na estrutura do real - pragmático, do desperdício, da direção, da superação e de autoridade – que, na disposição retórica, conferem robustez ao enunciado e certificam a aparência de verdade do que está presente no discurso.

No que se refere às provas retóricas intrínsecas, pode-se afirmar que a produção recai mais sobre o *logos*, pois se está pensando em argumentos; quando da distribuição, características do *ethos* se sobressairão, uma vez que o discurso será distribuído a auditórios (a quem, de fato, o discurso se dirige; aos leitores que apreciam o gênero; e aos que de forma ou de outra terão acesso a tal produção) e, para tanto, vale imprimir um caráter que inspire confiança nesses consumidores do discurso. Além disso, por detrás dessa elaboração, há uma intenção persuasiva, sobretudo, em um sermão, assim, tem lugar o *pathos*, afinal, que paixões o orador pode querer suscitar em seus auditórios para que sua mensagem seja recebida da forma como deseja?

As escolhas que estão no nível **textual**, como vocabulário, gramática e coesão têm correlação direta com a elocução e a estrutura em si com a disposição, isto é, conforme as condições de produção, distribuição e consumo, o orador vai decidir o que é mais conveniente para seu texto; o que é mais persuasivo; é interessante dispor argumentos fortes primeiro ou deixá-los para a peroração do sermão; vale ou não trazer um exórdio mais elaborado ou basta uma pergunta que desperte a atenção dos ouvintes.

Por fim, a **prática social**, atravessada pela mudança discursiva proveniente dos processos de democratização, comodificação e tecnologização, repousa da *quaestio* à elocução, isto é, por todo o percurso que o orador cumpre quando coloca

à disposição o seu discurso. O problema a ser debatido, o léxico, os argumentos, a forma de apresentação do texto, tudo é planejado para ser mais acessível e adaptável e, conseqüentemente, consumido pelo maior número de interessados possível. O texto expõe esses revestimentos.

A partir desses pressupostos, é possível perceber o quanto a ADTO se aproxima dos aspectos que envolvem os cânones retóricos – invenção, disposição e elocução – afinal, tanto uma teoria quanto a outra revelam estratégias discursivas empreendidas pelo orador de acordo com sua intencionalidade comunicativa.

Expostas as convergências das teorias, parte-se para o Capítulo III, composto pela aplicação dos pressupostos ao *corpus* escolhido, constituído pelos sermões *A circuncisão do coração*, de 1733; *O arrependimento dos crentes*, de 1767⁷⁹; e *Sobre a Fé*⁸⁰, de 1791. As versões completas dos discursos encontram-se nos Anexos B, C e D, respectivamente.

⁷⁹ Estes dois primeiros sermões compõem o grupo dos “Sermões Padrão” ou “Sermões em Várias ocasiões”, cujas traduções encontram-se publicadas na obra “Sermões de John Wesley”, em 2021, pela Editora Reflexão e referenciada nesta tese.

⁸⁰ Este sermão não faz parte do grupo anterior e, por não ter tradução disponível, consta no Anexo com a versão em inglês extraída de: *The Complete Works Of John Wesley*, vol. 7, disponível em: https://media.sabda.org/alkitab-10/LIBRARY/COLLECT/WESLEY_C/WES_WW07.PDF . Acesso em: 5 out. 2023.

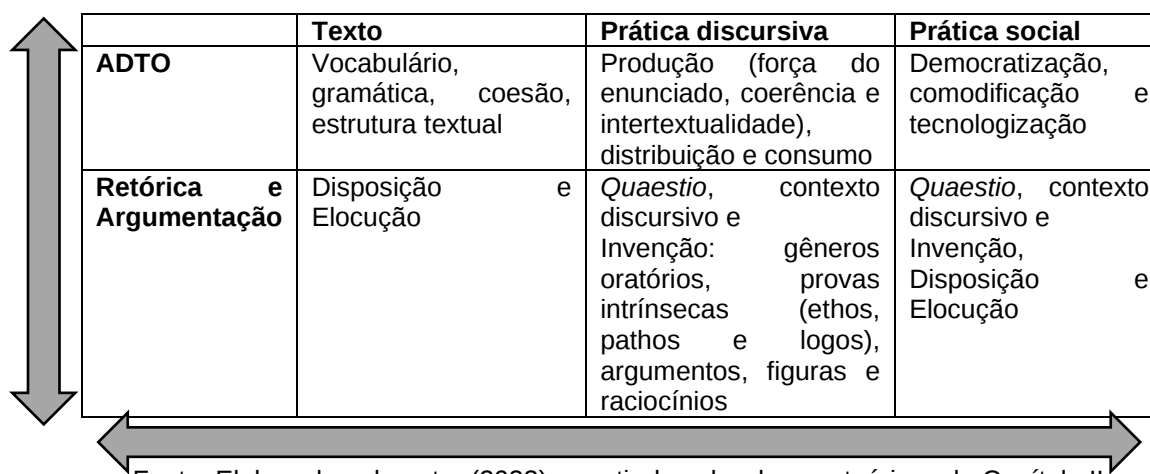
3 SANTIDADE, ARREPENDIMENTO E FÉ EM UMA ANÁLISE RETÓRICO-DISCURSIVA

É preciso, porém, que o epíscopo seja irrepreensível... sóbrio, cheio de bom senso, simples no vestir... competente no ensino. [...] Além disso, é preciso que os de fora lhe deem bom testemunho, para não cair no descrédito e nos laços do diabo⁸¹.

1Tm 3: 2, 6

A partir das teorias apresentadas no Capítulo 2, extraíram-se as categorias de análise para serem aplicadas no *corpus* escolhido. O Quadro 8, com base na concepção tridimensional do discurso de Fairclough e nos três cânones retóricos, apresenta-as com a ideia de entrecruzamento entre teorias (seta bidirecional), conforme exibido na Figura 5 do capítulo anterior.

Quadro 8 - Categorias de análise retórico-discursiva



	Texto	Prática discursiva	Prática social
ADTO	Vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual	Produção (força do enunciado, coerência e intertextualidade), distribuição e consumo	Democratização, comodificação e tecnologização
Retórica e Argumentação	Disposição e Elocução	<i>Quaestio</i> , contexto discursivo e Invenção: gêneros oratórios, provas intrínsecas (ethos, pathos e logos), argumentos, figuras e raciocínios	<i>Quaestio</i> , contexto discursivo e Invenção, Disposição e Elocução

Fonte: Elaborado pelo autor (2023) a partir das abordagens teóricas do Capítulo II.

Na sequência, com base nesses elementos do Quadro 8, são apresentadas as análises que mostram em que os discursos de Wesley sobre a Santidade, Arrependimento e Fé são persuasivos, quais as estratégias argumentativas são empreendidas pelo orador, como ele se mostra no texto, quais as marcas da sua prática discursiva e social, direcionamentos, que, conforme Reboul (2000), Fairclough (2001), Ferreira (2010) e Azevedo; Damasceno-Morais (2022), conduzem o analista em sua tarefa.

Cabe esclarecer que a análise leva em consideração toda a materialidade linguística dos sermões, do exórdio à peroração, porém, como os discursos são

⁸¹ Bíblia de Jerusalém, 2016, p. 2070-2071.

extensos, convencionou-se lançar um olhar que parte do específico para o geral. Desse modo, primeiro, serão aplicadas as categorias de análise a cada um dos sermões para, depois, dispô-los lado a lado em um quadro-síntese comparativo com a finalidade de, em conjunto, tecer comentários analíticos.

Outro ponto importante é que, no caso da ADTO, será aplicada a concepção tridimensional do discurso da seguinte forma: a prática soical será submetida ao sermão *A Circuncisão do Coração*, por o sermonista tomar a iniciativa de reunir seus sermões, a fim de disponibilizá-los aos pregadores como padrão; a prática discursiva será vista nem *O Arrependimento dos Crentes*, pois o pregador tem um foco específico no auditório a que se dirige; e o texto será examinado em *Sobre a Fé*, pelo fato de o orador fixar um direcionamento temático e nele se aprofundar na medida em que o discurso se desenvolve, sem perder a linha unitária da coesão.

Ainda, nas análises, as categorias são sinalizadas em **negrito** e seus desdobramentos sublinhados, com vistas a facilitar a identificação da aplicação; além dos grifos em **negrito** presentes nos excertos extraídos do prefácio ou sermões.

3.1 A Circuncisão⁸² do Coração

a) Questão

Para tratar sobre o tema Santidade, considerado por Wesley como a própria religião, o orador parte de uma questão retórica que, de acordo com os autores Campbell; Human; Burkholder (2015), Ferreira (2021) e Lago (2021), define o ato oratório. No caso, o orador deixa claro, já no exórdio, qual é a questão a ser desenvolvida no sermão: “Assim, pretendo, primeiro, investigar particularmente em que consiste essa circuncisão do coração; e, em segundo lugar, apresentar algumas reflexões que naturalmente vêm à tona durante tal investigação” (Wesley, 2021, p. 81). Dessa fala surge a seguinte questão: *O que é necessário para ser um homem perfeito e atingir a santidade?*, classificada como de valor, uma vez que o orador mostra quais são as virtudes necessárias para se viver totalmente voltado para a glória de Deus, considerado o fim da vida cristã, na teologia wesleyana.

⁸² Circuncisão, no campo da Medicina, corresponde à remoção do prepúcio. Na tradição judaica, a criança é circuncidada aos oito anos de idade. Os Apóstolos Pedro e Paulo imprimiram outro sentido ao termo, pois criam que não adiantava ter a circuncisão da carne se a alma era pecadora, assim, o termo circuncisão do coração passou a representar a remoção de todos os pecados (Pereira et al., 2013). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/13773>

b) Contexto retórico-discursivo

Cumpra-se conhecer o contexto em que se circunscreve o ato retórico (Campbell; Human; Burkholder (2015), Ferreira (2021), Azevedo; Damasceno-Morais, 2022), que inclui aspectos históricos e sociais.

Outler (1984) afirma que, dado o crescimento do Movimento Metodista, houve necessidade de que o evangelista e diretor espiritual Jonh Wesley, logo após a sua conversão em Aldergaste, em 1738, fornecesse subsídios aos seus pregadores leigos assistentes. Assim, ele não organizou um tratado ou um credo, mas um conjunto de 52 sermões, ao qual intitulou de *Sermões em Várias Ocasões*, para que fossem estudados e discutidos pelos metodistas. A primeira publicação desse material ocorreu em 1746 e a segunda, em 1771.

São textos que tratam da vida santa como fruto da fé justificadora, de acordo com Outler (1984), que incluem dois dos sermões selecionados para esta tese: este, no qual se efetua esta análise, e o próximo - *O Arrependimento dos Crentes*. O autor ainda afirma que o título do conjunto – *Sermões em Várias Ocasões* - foi uma ironia de Wesley para criticar os dignitários eclesiásticos que pregavam somente nas ocasiões especiais dos palácios e catedrais, ao passo que ele se servia de momentos simples e de uma pregação itinerante.

Essa ideia de publicar um agrupamento de sermões vem diretamente ao encontro da democratização, comodificação e tecnologização que compõem a dimensão prática social do discurso, segundo a teoria de Fairclough (2001). Durante muitos anos, Wesley escreveu diversos documentos de forma fragmentada e alguns desses escritos foram perdidos, atestam estudiosos. Quando ele teve a iniciativa de reunir sermões e publicá-los, democratizou o acesso. Ao fazer a escolha daqueles que julgou serem os mais relevantes para a prática cristã, organizou em forma de um produto que pudesse ser consumido pelos seus pregadores, como fonte base para suas prédicas, ou seja, comodificou o discurso. E ao pensar na melhor forma de fazer circular seus escritos, com uma linguagem do Movimento Metodista, usou de um processo correspondente à tecnologização.

Especificamente, o sermão *A Circuncisão do Coração* foi pregado, pela primeira vez, por John Wesley, em 1º de janeiro de 1733, na Igreja de Santa Maria, perante a Universidade de Oxford, Inglaterra. Em suas notas introdutórias, Barcala (2021) informa que, mais tarde, o pregador, em novas oportunidades, veio a acrescentar algumas frases, sem alterar a essência de seus argumentos, “sendo boas

amostras de como Wesley se mantinha coerente com suas convicções mais antigas, sem, contudo, aferrar-se a elas. [...] Sua teologia acompanha a vida. A vida matiza sua teologia.” (p. 93). Tem-se aqui uma confirmação do elemento Tradição e da Experiência do Quadrilátero Wesleyano, proposto por Outler (1985).

Em obra do ano anterior, o autor testifica que esse foi o segundo sermão universitário do pregador anglicano e considerado, pelo próprio Wesley, como um dos seus melhores textos, conforme expõe neste trecho “Não sei se posso [mesmo agora] escrever um [sermão] melhor sobre a circuncisão do coração do que escrevi há cinco e quarenta anos”⁸³ (Wesley, 1771 citado por Outler, 1984, p.34, tradução própria).

A partir desse contexto, pode-se afirmar que o orador conhecia seu auditório composto, naquele momento, por universitários, portanto, um auditório particular. No entanto, é interessante observar que como esse sermão faz parte da coleção “Sermões em várias Ocasões”, conforme já dito, depreende-se que, na concepção do mesmo orador, tal discurso, também, serviria para ser pregado a diferentes auditórios, ou seja, ele compõe-se de premissas que são aceitas universalmente (Perelman; Olbrechts-Tytec, 2014) ou que estão no campo da *endoxa* (Aristóteles, 2012) afinal, pela temática, pressupõe-se que, para alcançar a santidade, se faz necessário ter um coração limpo [circuncidado].

Tem-se, então, um orador, um auditório e um discurso centrados na **Santidade**, que, segundo o *spiritus rector*, pode ser alcançada por meio da circuncisão do coração. Durante o discurso, Wesley firma-se no verso 29 do capítulo 2 da Carta do Apóstolo Paulo aos Romanos, que assim diz: “mas é judeu aquele que o é no interior e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e **não segundo a letra...**” (Bíblia de Jerusalém, 2016, p. 1969, grifo nosso). Aqui, infere-se que letra é a lei dada por Deus, pois tanto o capítulo quanto o sermão tratam que ela pode ser infringida, o que seria incircuncisão, conforme afirma o Apóstolo em Rom. 2:25. (Bíblia de Jerusalém, 2016. p. 2116). Ao pregar sobre o tema, Wesley mostra sua filiação para o sentido jurídico da culpabilidade do pecado, dos antigos teólogos gregos (Maddox, 2019).

c) Invenção, disposição e elocução

Conhecida a questão retórica e o contexto em que o ato retórico se desenvolve,

⁸³ *I know not that I can [even now] write a better [sermon] on The Circumcision of the Hearth, than I did five-and-forty years old*

é o momento de investigar quais foram os argumentos e os demais meios de persuasão escolhidos pelo orador (Aristóteles, 2012; Ferreira, 2010, Mateus, 2018). Também, como o discurso está organizado e em que estilo e léxico (Quintiliano, 2016, Reboul, 2000). Todo esse caminho é atravessado pela prática social do discurso, em conformidade com Fairclough (2001).

Consta nos diários de Wesley que ele passou boa parte de um mês preparando esse sermão, aponta Outler (1984). Pode-se afirmar que o orador cuidou com zelo da **invenção**, assim foi buscar no armazém dos argumentos [e demais meios de persuasão como os gêneros retóricos, os lugares-comuns, as provas intrínsecas (*ethos*, *pathos* e *logos*), as figuras e os raciocínios] aqueles que pudessem explicar de forma clara, simples e persuasiva quais são as virtudes mais adequadas para se ter o coração circuncidado. Cumpriu, por assim dizer, a finalidade da Homilética: adaptação da retórica às finalidades especiais, de acordo com Broadus (1960).

Pela finalidade do sermão – persuadir o auditório sobre as virtudes e dissuadir acerca dos vícios, a fim de que se atinja a perfeição – o orador condiciona os ouvintes a uma postura de assembleia, de modo que possam avaliar se a questão que está sendo posta para assentimento é útil ou nociva para suas vidas (Reboul, 2000; Ferreira, 2010). Portanto, o discurso se pauta, majoritariamente no gênero deliberativo. Isso fica bastante evidente quando, após explicar sobre as três virtudes que implicam na circuncisão do coração – humildade, fé, esperança – ele aconselha: “Se você deseja ser perfeito, acrescenta em tudo isso a caridade; acrescente o amor e você terá a circuncisão do coração” (Wesley, 2021, p.86). Esse movimento também tem bastante da retórica epidíctica, pois Aristóteles (2012) assegura que ao aconselhar o que é bom e conveniente, olha-se para o que digno de elogio.

Quanto às provas retóricas intrínsecas, o orador privilegia o *pathos* em todas as estratégias argumentativas entremeadas no discurso (*logos*). Apelo às emoções é bastante acentuado em discursos deliberativos, pontua Ferreira (2021). Marcadamente, ela se evidencia quando, logo no início do sermão, o orador conceitua a circuncisão do coração como “disposição habitual de alma” (Wesley, 2021, p. 81). A partir desse conceito, pode-se fazer uma aproximação das virtudes com as paixões aristotélicas, a saber: **humildade** implica no convencimento de que se vive em pecado e vaidade, assim, uma pessoa, quando tomada desse sentimento, pode sentir **vergonha** [“caracteriza a inferioridade que sentimos em relação ao outro” (Figueiredo, 2016, p. 37)] diante de Deus ou de outrem, dessa vida pecaminosa; **fé**, que, segundo

Wesley, é “o melhor guia de cego, a luz mais segura para os que estão em trevas” (p.83)... está para a paixão da **confiança**, que significa ter segurança; **esperança** e **amor** assciam-se às paixões aristotélicas de mesmos nomes. Além disso, ao mencionar paixões irracionais, terrenas, sensuais e diabólicas, pode suscitar outras emoções como o temor e a vergonha e amendrontar o auditório com o seu dizer (Ferreira, 2021).

Outra porção textual ilustrativa é quando o orador aborda as virtudes e os vícios com a mesma intensidade, conforme este excerto:

O amor, que corta os desejos da carne, os desejos dos olhos e a soberba da vida; que empenha todo o ser humano – corpo, alma e espírito – na ardente busca daquele único objetivo; é tão essencial a um filho ou filha de Deus que, sem ele, embora viva, qualquer pessoa é reputada como **morta diante do Senhor** (Wesley, 2021 [1733], p. 91, grifo nosso).

Ao tratar do amor, o orador persuade o auditório a dotar-se dele e faz isso com apelo ao *pathos*, pois, caso contrário estará morto para Deus. A expressão em destaque desperta também o temor, assim, por essa disposição de ânimo, há mais chances de o auditório seguir os conselhos do orador. Isso tudo prova, mais uma vez, que o orador, em coerência com o título do sermão, tem um discurso que recai essencialmente no *pathos*.

Além do apelo às emoções, o orador também se vale do *ethos*, assim, intenciona persuadir o auditório por meio de um discurso que inspira confiança e passa a impressão de que é digno de fé, nos dizeres de Aristóteles (2012), afinal, para que o ouvinte aceite um conselho, é preciso que o orador fale com prudência (*phrónesis*), virtude (*areté*) e benevolência (*eunoia*).

Em diversos momentos do discurso, Wesley mostrou-se ao auditório dessas formas, entretanto, quando cumpre o seu segundo intento do sermão – tecer reflexões a partir do que disse sobre as quatro virtudes - tornam mais evidentes algumas características de seu *ethos*, conforme Quadro 3, baseado no levantamento feito pelo Grupo ERA, disposto no Capítulo 2. Seguem alguns trechos que comprovam:

Ninguém, reafirmo, possui qualquer título que agrade a Deus, até que sinta falta de Deus. [...] podemos aprender em terceiro lugar que ninguém é verdadeiramente guiado pelo Espírito... a não ser que contemple o prêmio e a coroa diante de si e se glorie na esperança da glória de Deus. [...] Que sua alma seja cheia de amor por Ele... [...] Pois então, e somente então, haverá em nós aquela mente que havia também em Cristo (Wesley, 2021 [1733], pp. 88, 90, 92).

Assim, ao dizer que reafirma e que seus postulados até então são um

aprendizado para os ouvintes, mostra competência, racionalidade, credibilidade no dizer, atributos que pertencem ao campo da *phrónesis*; ao expressar-se com “a não ser que”, revela franqueza, sinceridade (*eunóia*); e, ao manifestar desejo para com o auditório e se incluir por meio do pronome *nós*, o orador se solidariza. Reitera-se, em todo o discurso, o orador transparece que também detém tais virtudes, sobretudo, quando fala na terceira pessoa do plural como em “convence-nos”, “estamos convencidos”, “somos capazes”. É oportuno dizer que essa estratégia argumentativa diminui a distância entre orador e auditório, conforme teoriza Meyer (2007).

Por tratar-se de um sermão que enaltece virtudes e desqualifica os vícios, o orador opta pelo lugar da qualidade, quando fala, por exemplo, da humildade e da fé.

A humildade, uma correta apreciação de nós mesmos, purifica nossas mentes daqueles elevados conceitos de nossa própria perfeição...[...] O melhor guia de cego, a luz mais segura para os que estão em trevas, o mestre mais perfeito para os tolos é a fé (Wesley, 2021 [1733], p. 81-83).

De acordo com Perelman; Tyteca (2014), argumenta-se pelo lugar da qualidade quando se tem a intenção de dizer que algo é preferível por ser único em oposição ao que é normal. Wesley, ao traçar uma marca de separação entre o “homem natural, que está vivo para o mundo, mas morto para Deus” (Wesley, 2021, p. 80) e aquele que deseja ser governado pelo Altíssimo, discorre respaldado no lugar da qualidade, presentificado em todo o discurso pelo par virtude/vício.

No que se refere aos argumentos, uma primeira observação importante é que, com base no auditório e na questão eleita para ser apresentada no sermão, o orador desenvolve toda a sua argumentação fundada nos argumentos de dissociação, especificamente, os pares antitéticos (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) para opor, em um nível macro, duas premissas: as marcas distintivas de alguém que verdadeiramente segue a Cristo e as marcas distintivas de quem não deseja ser guiado por Ele. Assim, em nível micro, pares de Aparência/Realidade como espírito do mundo/ Espírito de Cristo, vivo para o mundo/morto para Deus, desejos dos olhos e da carne/desejos do Espírito, paixão e temperamento segundo a carne/segundo o Espírito, vontade própria/vontade de Deus permeiam todo o discurso. Essas adaptações que Wesley usa para falar de virtudes e vícios conectam-se, também, com a comodificação da linguagem (Fairclough, 2001).

O discurso apresenta também figuras e, especificamente, uma da escolha (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). Neste sermão já traz a metáfora no seu título,

visto que a cicuncisão, no sentido medicinal, implica em corte e aqui está empregada com a ideia de remoção dos pecados do coração, de todos os vícios supracitados. Não é forçoso dizer que, ao intitular um sermão com uma metáfora com forte valor argumentativo, o autor tenha pensado no quanto poderia chamar a atenção dos consumidores desse discurso – processo de comodificação (Fairclough, 2001). No meio do discurso, o orador demonstra predileção pela metáfora, muitas vezes extraídas de excertos das Escrituras, tais como: lutador que golpeia o vento e fé como melhor guia de cego, [...] “glorificar a Deus, que o comprou por preço tão elevado” (Wesley, 2021 [1733], p. 83).

Fiorin (2015) diz que o raciocínio dialético é aquele que causa a impressão de de que o ouvinte tem uma opção de escolha, quando, na verdade, indica claramente o caminho a ser seguido, a partir de uma convocação à racionalidade (característica da *phrónesis*). Assim, ao aconselhar o auditório para que adote as virtudes para suas vidas que levam à santidade, o orador, por meio da argumentação com pares antitéticos, encaminha os ouvintes a uma decisão em favor da sua tese, por isso, neste sermão, o raciocínio predominante é o dialético. Entretanto, neste conselho em específico, o orador, pelo uso do imperativo, adota um tom apodítico: “Seja o que for que você deseje ou tema, procure ou evite, pense, fale ou faça, que seja com o propósito de sua felicidade em Deus, o único Fim... [...] Não tenha um objetivo final, nenhum fim último, senão Deus.” (Wesley, 2021 [1733], p. 87). Esse modo de dizer é comum em oradores do discurso religioso quando desejam ser mais incisivos em alguns pontos e convencer os ouvintes e cumprirem o que tem de ser feito (Agostinho, 2012).

Compreendido quais os meios de persuasão o orador buscou, avaliou e selecionou para sua argumentação, cabe verificar como esse discurso está organizado.

A **disposição** do sermão divide-se em exórdio, confirmação e peroração. Eis o exórdio:

§1A triste observação do **homem sensato** é que, hoje, **o que prega os deveres essenciais do Cristianismo corre o risco de ser tido, por parte de seus ouvintes, na conta de “divulgador de doutrinas novas”** [...]. §2 Dura palavra, esta, para o **homem natural**, que está vivo para o mundo e morto para Deus! Palavra que o tal não receberá facilmente como verdade divina, uma vez que ela é tão insusceptível de interpretação, **que lhe parece nenhuma utilidade ou significação possuir**. [...] Por falta dessa sensibilidade o pecador rejeita como **ociosa fantasia dos homens** aquilo que na realidade é sabedoria e “poder de Deus”. §3 Que “a circuncisão é a

do coração, no espírito, e não na letra”, que as marcas distintivas do verdadeiro seguidor de Cristo [...] **Assim, pretendo, primeiro, investigar particularmente em que consiste essa circuncisão do coração**; e, em segundo lugar, apresentar algumas reflexões que naturalmente vêm à tona durante tal investigação (Wesley, 2021 [1733], p. 80-81, grifos nossos).

Esse início cumpre um papel importante do discurso, haja vista que põe em evidência qual a sua finalidade, o que contribui para que o auditório fique atento, em situação de aprender, assinalam Aristóteles (2012) e Reboul (2000). Conforme já registrado, o orador explicita a questão de valor que norteia toda a sua prédica.

Decorrente das suas intenções evidenciadas no final do exórdio, o orador divide o sermão em *Parte I* e *Parte II*. Na primeira, esclarece/expõe no que consiste a circuncisão do coração. Na segunda, tece algumas reflexões acerca das virtudes elencadas na primeira parte - refere-se à confirmação, ou enlevo, segundo Orlandi (1983). O orador, por conveniência, opta por renunciar à exposição/narração e parte direto para a confirmação, atitude que é plausível, segundo Quintiliano (2016), afinal, o importante é que, de acordo com o auditório e a questão, o orador decida a melhor divisão das partes, sem perder de vista seu objetivo. Logo, *Parte I* e *Parte II* são recheadas com argumentos e meios de persuasão com vistas a defender os pontos de vista (Ferreira, 2010) do pregador acerca da necessidade de, para alcançar a santidade, ter o coração circuncidado.

Algumas pistas que evidenciam que o orador tem preferência por uma ordem do discurso está nesta enumeração presente na *Parte II*:

em primeiro lugar, nenhum homem tem o mérito do **louvor** de Deus a não que seu coração seja circuncidado pela humildade; **em segundo**, ninguém obtém a **honra** de Deus, se seu coração não for circuncidado pela fé; **em terceiro**, ninguém é verdadeiramente conduzido pelo Espírito, se não regozijar na esperança de Deus; e em **quarto lugar**, o homem sem um coração circuncidado pelo amor (caridade) está morto para Deus. (Wesley, 2021 [1733], p.89-91, grifos nossos)

Pela exposição do orador e menções a excertos bíblicos que revelam o amor, pode-se inferir que ele deseja incutir na mente dos ouvintes que, sem amor, de nada vale a circuncisão pela humildade, pela fé e pela esperança. Com essa sistemática de organização do discurso, Wesley demonstra seguir uma ordem lógica que coaduna com a Razão de seu Quadrilátero.

No § 10, da *Parte II*, o orador parte para a peroração, com uma frase inicial que condensa tudo que foi dito anteriormente: “Eis, pois, a síntese da lei perfeita; esta é a verdadeira circuncisão do coração” (p. 92). Dá sequência à finalização do discurso

com desejos marcados pelo verbo *ser* no presente do subjuntivo: “Que ele seja continuamente oferecido a Deus [...] Que nenhum outro objetivo ou desejo exista... [...] Que sua alma seja cheia de amor por Ele...” (p. 92). Dentre as funções que cumpre à peroração, de acordo com Aristóteles (2012), dispor o ouvinte a um comportamento emocional foi a intenção do pregador. Ao expor seus desejos positivos para o auditório, suscita, sobretudo, o amor, despertado quando se tem a sensação de que o outro tem zelo pelo seu semelhante, segundo Figueiredo; Santos Júnior (2020) e Magri (2020). Broadus (1960) diria que foi nesse momento que Wesley intencinou ganhar a guerra, por meio da mobilização do auditório pelo *pathos*.

Para completar a aplicação dos cânones retóricos, resta ainda expor qual tipo de **elocução** foi adotado no sermão. É no prefácio de *Sermões em Várias Ocasões* que o orador fornece os elementos que dizem respeito às suas preferências elocutivas:

Neste trecho do §2, o orador revela sua apreciação pelo estilo simples:

§2 Mas tenho plena consciência de que isso não é **proposto da maneira que alguns podem esperar**. Nada aqui aparece em uma roupagem elaborada, elegante ou oratória. Se fosse meu desejo ou projeto escrever assim, meu tempo livre não permitiria. Mas, na verdade, no momento, não planejei nada menos do que isso, **pois agora escrevo (como geralmente falo) ad populum: Para a maior parte da humanidade, para aqueles que não gostam nem entendem a arte de falar**: Mas que, não obstante, são **juízes competentes dessas verdades**, que são necessárias para a felicidade presente e futura. Menciono isso para que os **leitores curiosos possam se poupar do trabalho de procurar o que não encontrarão** (Wesley, 1997a [1746], p. 66, tradução própria)⁸⁴.

Sua intenção foi a de pregar a verdade simples [ou aparência dela], para pessoas simples, de modo que se afastava do vocabulário rebuscado e adotava escrita e fala **ad populum**. Nesse sentido, Wesley pregava uma religião do coração, popular, pública e empírica, portanto, faz sentido pensar que, durante toda a sua vida missionária, tenha optado por uma argumentação que sempre viesava despertar as emoções do povo, com ensinamentos práticos para sua vida cristã, com uma

⁸⁴ *But I am thoroughly sensible, these are not proposed in such a manner as some may expect. Nothing here appears in an elaborate, elegant, or oratorical dress. If it had been my desire or design to write thus, my leisure would not permit. But, in truth, I, at present, de signed nothing less; for I now write, as I generally speak, ad populum, — to the bulk of mankind, to those who neither relish nor understand the art of speaking; but who, notwithstanding, are competent judges of those truths which are necessary to present and future happiness. I mention this, that curious readers may spare themselves the labour of seeking for what they will not find.*

linguagem de fácil compreensão, pois é nisso que se baseia o argumento *ad populum*, segundo Fiorin (2015) e Gracio (2015).

No §3, ao ampliar o que foi dito no §2, fica mais comprovado, nas expressões grifadas, a elocução preferida pelo orador que, ao menos, se esforça para usar um estilo, um vocabulário e uma gramática que sejam acessíveis às pessoas, conforme se pode observar:

§3 Eu **pretendo a verdade simples para pessoas simples**. Portanto, com um propósito definido, **abstenho-me de todas as especulações filosóficas e agradáveis, de todos os raciocínios complexos e intrincados**; e, na medida do possível, até mesmo da demonstração de aprendizado, a menos que às vezes cite as escrituras originais. **Esforço-me para evitar todas as palavras que não são fáceis de serem entendidas, todas as que não são usadas na vida comum**: e, em particular, **aqueles tipos de termos técnicos, que tão frequentemente ocorrem em corpos de divindade, aqueles modos de falar com os quais os homens que leem estão intimamente familiarizados**, mas que para as pessoas comuns são uma língua desconhecida⁸⁵. (Wesley, 1997a [1746], p. 66)

Este trecho e o anterior tornam claro o papel de retor que Wesley assumiu, pois tratou sempre de democratizar, comidificar e tecnologizar, isto é, adaptou o discurso para que ele fosse compreendido por quem os consumia (auditório). Quando cita “corpos da divindade”, refere-se aos anti-metodistas conservadores que, conforme Lewis (2017), preservavam a linguagem rebuscada e criticavam a pregação itinerante *ad populum* adotada pelos líderes do Movimento.

A *Circuncisão do Coração* revela essa preferência do orador. Não constam no discurso palavras que sejam de difícil entendimento. E, também, a intertextualidade, bastante presente, refere-se sempre ao que foi o centro do seu Quadrilátero – as Escrituras. Apoiar-se nos excertos bíblicos é uma característica do discurso religioso e passa mais credibilidade ao auditório.

Por fim, pode-se afirmar que nesse sermão o orador ensinou sobre as virtudes necessárias para a circuncisão do coração; incutiu na mente do auditório reflexões para guiá-lo à ação e às práticas; usou de linguagem agradável, assim cumpriu as finalidades retóricas do *docere*, principal intento de um orador do discurso religioso (Agostinho, 2012), *moreve e delectare*, em consonância com os estudos de Ferreira

⁸⁵ *I design plain truth for plain people: Therefore, of set purpose, I abstain from all nice and philosophical speculations; from all perplexed and intricate reasonings; and, as far as possible, from even the show of learning, unless in sometimes citing the original Scripture. I labour to avoid all words which are not easy to be understood, all which are not used in common life; and, in particular, those kinds of technical terms that so frequently occur in Bodies of Divinity; those modes of speaking which men of reading are intimately acquainted with, but which to common people are an unknown tongue.*

(2010, 2021).

3.2 O Arrependimento dos Crentes

a) Questão

Enquanto no primeiro sermão, o orador lança uma questão vinculada às virtudes para se atingir a santidade, dentre elas a humildade, neste, embrenha-se no tema arrependimento, possível a partir do momento que o crente desencadeia o sentimento de humildade e se convence de que vive na natureza do pecado, como argumentado em *A Circuncisão do Coração*. A questão é apresentada, igualmente, no exórdio, conforme se observa neste excerto: **“Mas, em que sentido nós devemos nos arrepender e acreditar, depois de sermos justificados?”** Esta é uma importante questão”. (Wesley, 2021, p. 19, grifo nosso). O orador visa mostrar que o arrependimento não é somente necessário no início da jornada cristã, mas durante toda a trajetória, portanto, útil a todos os crentes. Traz para o auditório, mais uma vez, uma questão de valor que, reformulada, fica deste modo: *O crente deve continuar a se arrepender e a acreditar mesmo após ter sido justificado?*

b) Contexto retórico-discursivo

Conforme já exposto, este sermão também integra o grupo dos *Sermões em Várias Ocasões*. De acordo com Outler (1984), Wesley vinha tendo algumas inquietações devido a interpretações equivocadas de luteranos, calvinistas, moravianos, até mesmo de alguns de seus discípulos, que acreditavam e propagavam que os nascidos de Deus eram livres do pecado por meio do poder da graça cristã. Assim, em 1767, “depois da grande controvérsia sobre a perfeição cristã – e o anúncio de uma data do fim do mundo – difundidos pelos pregadores Thomas Maxfield e George Bell (Nogueira e Renders, 2021, p. 17), considerou conveniente pregar a respeito do assunto no sentido de esclarecer que o pecado não é extirpado dos corações dos crentes, mas permanece neles.

Uma vez que o sermão tinha como propósito reparar um equívoco, Wesley preparou, metodicamente, sua produção, distribuição e consumo (Fairclough, 2001). Ele estava em sua fase intermediária, em que a salvação era entendida como obra completa de Deus no indivíduo (justificação e santificação), então, ao produzir o discurso, assumiu um orador mais evangélico, segundo o que está disposto no Quadro 1 do Capítulo 1. Tinha ciência de como esse sermão deveria ser distribuído

(Fairclough, 2001): àqueles a quem ele se dirigia diretamente - luteranos, calvinistas, discípulos, que compunham o auditório particular; aos ouvintes que poderiam vir a assistir à pregação ou ler o sermão; e aos destinatários, que não constituíam parte dos leitores oficiais, mas são conhecidos como consumidores de fato, reconhecidos como auditório universal (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014). Wesley pretendeu levá-los à mudança de atitudes, crenças, sobretudo os primeiros, no sentido de não darem continuidade aos erros de interpretação que vinham cometendo atinentes à perfeição cristã.

c) Invenção, disposição e elocução

Procede-se, agora, à investigação para descobrir como foi o processo de **invenção** deste sermão que leva em conta a produção, a distribuição e o consumo – elementos da prática discursiva.

Neste segundo discurso, Wesley continua com os temas arrependimento e fé, virtudes consideradas no sermão anterior analisado. Desse modo, o orador refuta duas teses que vinham sendo apregoadas: o arrependimento e a fé são necessários apenas no começo da trajetória cristã e o crente está totalmente santificado quando é justificado. Ao longo do discurso, defende que tanto o arrependimento quanto a fé são necessários também após a justificação, pois, somente assim, o crente obterá a santificação completa.

Ao contrário do sermão precedente, neste, ganha relevo a retórica epidíctica ao passo que sua matéria discursiva são os vícios, objeto de quem censura, de acordo com Aristóteles (2012). O discurso é uma consistente amostra de que as questões já estão totalmente resolvidas e cabe ao espectador apenas refletir sobre o que é vil (Ferreira, 2021). Eis um trecho que ilustra alguns desses pontos:

[...] mas se for assim, eu não tenho escrúpulos em dizer que ele era apenas um homem nascido de uma mulher [...] então nós devemos ficar satisfeitos, tanto quanto for possível, de permanecermos cheios do pecado até a morte; e, sendo assim, devemos permanecer culpados até a morte, continuamente merecendo punição. [...] Se, entretanto, nós pensamos que estamos totalmente saudáveis, não existe espaço para buscar cura posterior. Sobre essa suposição é absurdo esperar algum livramento do pecado, mais tarde, se gradual ou instantâneo. [...] mas se tanto nossos corações, quanto nossas vidas, estão assim impuros, existe uma forma de culpa que nós estamos contraindo a todo momento. [...] (Wesley, 2021 [1767], p. 23).

Nessa porção textual, é possível perceber o tom de exortação que assume o discurso adotado pelo orador para cumprir a eficácia de seu ato retórico. Com essas

palavras, o auditório pode sentir ultrajado e vir a encolerizar-se, sensibilizar-se pelo medo, ser tomado pelo ódio. Há nesse extrato representação do momento de tensividade retórica do discurso (Ferreira, 2021) em que são acionadas as provas retóricas para o retor reivindicar o entendimento acerca da separação existente entre justificação e santificação.

Essa citação tem ainda mais força persuasiva, se, conforme Orlandi (1983), o auditório considerar que o locutor é Deus e não Wesley. O Grande Governador, como denominam os cristãos, está usando o ministro anglicano para dizer que se o auditório não se arrepender, permanecerá em pecado e culpa até a morte.

Como explica Aristóteles (2012), a censura aos vícios e o elogio às virtudes também podem vir expressados em forma de aconselhamento/desaconselhamento, que pertence à retórica deliberativa. É este caso:

De quantos pecados de omissão eles estão carregados! Nós conhecemos as palavras do Apóstolo: 'Aquele que sabe o que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando'. Mas eles conhecem os milhares de exemplos em que eles poderiam ter feito o bem aos inimigos, aos estranhos, para seus irmãos, tanto com respeito aos seus corpos ou almas e eles não o fizeram? (Wesley, 2021 [1967], p. 26).

O orador, parágrafo a parágrafo, vinha citando diversos pecados que persistem no coração dos justificados e incluiu aqueles de omissão. Há nessa passagem conselhos ao auditório para não deixar de fazer o bem, caso contrário, estarão em pecado. Aqui há um exemplo do que Agostinho (2012) pregava sobre os objetivos do orador: fazer com que o auditório cumpra o que sabe que tem de fazer.

Em relação às provas retóricas intrínsecas, não resta dúvida que o *pathos* se faz presente na argumentação. O apelo às emoções é manifestado por uma estratégia retórica importante: o orador, quando deseja reforçar a ideia da necessidade de arrependimento após justificação, lança mão de uma série de perguntas retóricas que não requerem uma resposta, mas intencionam a reflexão. De acordo com Fiorin (2015) e Grácio (2015), elas são comuns quando se apela ao povo (*argumentum ad populum*) e se deseja demonstrar que o que está sendo dito é recorrente e “comumente aceito como costume ou padrão” (Fiorin, 2015, p. 225). As perguntas a seguir servem de ilustração:

Quem, algumas vezes, não sente outros temperamentos ou movimentos interiores que ele sabe são contrários ao amor fraterno? [...] Nós nunca encontramos algum grau de ressentimento, quando nós estamos injuriados

ou somos afrontados, especialmente por aqueles a quem, particularmente, amamos e a quem nós temos mais trabalhado para ajudar ou obsequiado? A injustiça ou ingratidão nunca despertou em nós algum desejo de vingança? Algum desejo de pagar o mal com o mal? (Wesley, 2021 [1967], p. 23).

Por adotar uma argumentação *ad populum*, as perguntas retóricas eram recorrentes no sermônário wesleyano. No excerto, ao fazer uso delas, o sermonista empreendeu um meio de persuasão eficiente, pois, além de buscar encurtar a distância com o auditório, não somente porque se coloca em igualdade, por meio do pronome *nós*, foi perspicaz na seleção de perguntas, afinal, é possível pressupor que qualquer um dos ouvintes deve, em seu íntimo, ter se identificado com essas paixões, que, em situações iguais ou análogas, foram suscitadas em seus corações. A sequência de uma pergunta após a outra também imprime força na argumentação e vai ao encontro do que teorizam Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014) sobre o emprego de argumentos fortes no discurso e, de igual forma, com Fairclough (2001), quando expressa sobre a força do enunciado, que pode vir em forma de perguntas.

Embora Wesley não faça menção ao termo paixão/emoção, cita temperamentos, afeições, expressões que têm correspondência direta. No Quadro 9, há 24 menções feitas pelo *spiritus rector* em todo o sermão.

Quadro 9: Pecados que permanecem nos corações

orgulho	luxúria	inveja
vontade própria	assaltos da afeição desordenada	amargura
egoísmo	propensão em adorar e servir a criatura em lugar do Criador	cobiça
amor do mundo	temperamentos contrários ao amor fraterno	ambição
desejo da carne	temperamentos destrutivos	amor ao dinheiro
desejo dos olhos	desejo das coisas mundanas e prazerosas	ódio
soberba	desejo de vingança	vergonha
falso pudor	desejo e amor ao elogio	malícia

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Aristóteles, no *Livro II da Arte Retórica* distinguiu as 14 paixões em três aspectos (Quadro 5 – Capítulo 2): distinguiu em que estado de espírito se encontram, contra quem e em que circunstâncias as pessoas têm tais paixões despertadas. Portanto, quando Wesley atesta que, em algum momento, o crente terá despertado em seu coração algum dos sentimentos expostos no Quadro 9, tem-se similaridade com as circunstâncias em cada paixão é suscitada, de acordo com a teoria aristotélica. Por outra via, tais expressões também imprimem força nos argumentos e nos enunciados, por conseguinte, são altamente persuasivos.

Durante o discurso, há evidências de que o orador se apoia também no *ethos* e mostra-se confiante e determinado (eunóia - virtude) quando faz afirmações mais categóricas como em “É indubitavelmente verdade que existe um arrependimento e uma fé que são, mais especialmente necessárias no início...” (Wesley, 2021 [1767], p. 18); novamente benevolente por meio da amabilidade em “[...] Acredite, entretanto, que ele quer salvar você, hoje. Ele de boa vontade quer salvá-lo agora”. (p. 30). Inspirar confiança no auditório é premente, de acordo com o pensamento dos estudiosos da Homilética, como Broadus (1960) e Ramirez-Navas (2012).

Terrano del Cano (1960) em Ruiz de la Cierva (2012) vai além e diz que dissuadir vícios é uma questão de ordem moral, por isso há necessidade de o pregador passar a impressão para o auditório de que ele ama o bem e odeia o mal, ou seja, para mover é preciso estar movido, afirma o teólogo. Em termos retóricos, *ethos* pressupõe o *páthos* e o *logos* (Magalhães, 2019), assim, no discurso, estão em constante articulação.

Neste sermão, para persuadir o auditório, o orador reafirma a todo momento que os pecados (Quadro 9), embora não reinem, permanecem nos corações dos crentes até a morte e, como refletem nas suas palavras e ações, aumentam: “Mais do que isto, na justiça rigorosa, todos nós pensamos, falamos, agimos, aumentando todos eles continuamente” (Wesley, 2021, p. 29). Com essa afirmação e com base em toda a intensidade presente no sermão, pode-se afirmar que o orador sustenta sua argumentação pelo lugar da quantidade. Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014) asseguram que essa superioridade do que é duradouro pode ser tanto positiva quanto negativa, como é o caso empreendido por ministro anglicano.

O auditório de *O Arrependimento dos Crentes* são aquelas pessoas que já aceitaram a Cristo, enumerados no contexto discursivo, portanto, admitem o arrependimento e a fé, ainda que considerem serem necessários somente antes da trajetória cristã. Com nisso, o orador fundamenta especialmente sua argumentação nos argumentos baseados na estrutura do real, pois, de acordo com Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014), eles são úteis quando se deseja estabelecer solidariedade entre o admitido e o que se quer promover, intento que pode ser realizado por meio dos argumentos de ligação de sucessão, exemplificados no Quadro 10.

Quadro 10: Argumentos de ligações de sucessão

Argumentos	Excertos
Pragmático (avaliação de ato em razão das consequências)	“Existe também um arrependimento e uma fé que são requisitados depois de termos acreditado no Evangelho; e em cada estágio subsequente de nossa trajetória cristã, ou não poderemos correr com perseverança a carreira que nos está proposta” (Wesley, 2021 [1767], p. 19)
Desperdício (seguimento para evitar perda de sacrifícios)	“E esse arrependimento e fé são tão necessários, com o objetivo de nossa continuidade e crescimento na graça...” (p. 21)
Direção (relação causal entre fins e meios)	“Se ela não vigiar e orar continuamente, poderá encontrar a luxúria reavivando-se” (p. 21)
Superação (sequência ilimitada)	“Continue a acreditar nele... salvou você de toda condenação, através de seu sangue continuamente consagrado. Assim é que nós continuamos em um estado justificado” (p. 21)
Autoridade (apoio como prova para tese)	“Desse modo, ele limpa os pensamentos de seus corações, através da inspiração do seu Espírito Santo” (p. 32)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Os recortes do quadro sugerem que as falas do orador partem de premissas admitidas pelo crente, para acrescentar outras. Logo, o orador mostra as consequências, indica seguimento ou não de ação, incentiva a superação e reforça o seu dizer com base na autoridade das Escrituras. Tudo isso, com a intenção de inculcar na mente dos crentes a necessidade do arrependimento e fé pós justificação.

A respeito dos argumentos, é apropriado mostrar uma passagem em que, para persuadir o auditório a acreditar em Jesus Cristo, a ter fé, o orador usa de um argumento com forte apelo emocional.

Porque, através dessa fé na vida, morte e intercessão Dele por nós, renovadas a todo momento, nós estamos limpos, e, não apenas, não existe condenação alguma para nós, mas também, o tal deserto da punição, como havia antes, já que o Senhor limpou nossos corações e nossas vidas (Wesley, 2021 [1767], p. 32).

Depois que Wesley disserta sobre a necessidade do arrependimento em razão de os pecados perdurarem nos corações dos crentes e se estenderem para as palavras e as ações e, ainda, citar os pecados de omissão, argumenta pela figura retórica de comunhão - a repetição (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) - para frisar que arrependimento e fé respondem um ao outro:

Pelo arrependimento, nós sentimos o pecado, permanecendo em nossos corações e aderido às nossas palavras e ações: **pela fé**, nós recebemos o Poder de Deus em Cristo, purificando nossos corações e limpando nossas mãos. **Pelo arrependimento** nós ainda estamos sensíveis de merecemos punição, por todos os nossos temperamentos, **pela fé**, nós estamos côncios que temos um Advogado junto ao Pai. [...] **O arrependimento diz**: ‘sem ele, eu não posso fazer coisa alguma’: **a fé diz**: ‘tudo posso naquele que me fortalece’ (Wesley, 2021 [1767], p. 32-33, grifos nossos).

Quando, na *Parte II*, dedica-se a defender porque os crentes devem acreditar no Evangelho continua valendo-se da repetição:

Acreditar que **Ele é capaz de salvar você de todo o pecado** que ainda permanece em seu coração. **Ele é capaz de salvar você de todo o pecado** que adere a todas as suas palavras e ações. **Ele é capaz de salvar você de todo o pecado** da omissão e substituir o que quer que seja necessário em você” (Wesley, 2021 [1767], p. 30, grifos nossos).

Por fim, o orador desempenha todo o seu ato oratório a partir de um raciocínio apodítico, sem dar opção de escolha aos ouvintes, justificável por ser uma exortação: “Mas se não houver segunda chance.... nós devemos ficar satisfeitos de permanecermos cheios de pecado até a morte e...continuamente merecendo punição” (Wesley, 2021, p. 29). Ao argumentar dessa maneira, o auditório ficará temeroso, pois não terá a vida eterna, almejada por aqueles que desejam alcançar a santificação.

Compreendido quais os meios de persuasão o orador buscou, avaliou e selecionou para sua argumentação, cabe verificar como esse discurso está organizado.

A respeito da **disposição**, identifica-se que o orador não dispensa o exórdio, como sugere Aristóteles (2012) para discursos deliberativos, visto que o auditório tem conhecimento do assunto. Pelo contrário, foi benevolente ao considerar que auditório precisava dessa introdução, ato defendido por Broadus (1960) ao dissertar sobre a disposição.

Assim diz o orador: “Supõe-se, geralmente, que o arrependimento e a fé são apenas o portal da religião; que eles são necessários apenas no começo de nossa trajetória cristã. [...] Mas em que sentido nós devemos nos arrepender e acreditar, depois de sermos justificados? **Essa é uma importante questão. E vale a pena ser considerada com muita atenção**”. (Wesley, 2021 [1767], p. 19, grifos nossos). Nesse caso, apesar de o crente já conhecer sobre arrependimento e fé, o orador optou por trazer um exórdio, pois, o auditório ainda não dá importância ao assunto como deveria, havendo a necessidade de ampliá-lo, conforme Aristóteles (2012). Também, os períodos em destaque colaboram para despertar a atenção e reforçam a necessidade de combater a controvérsia que gerou a necessidade desse discurso, exprimida no contexto retórico-discursivo.

Já o restante do discurso é reservado à confirmação pautada na refutação. Assim, o pregador anglicano adota o mesmo procedimento de uma divisão lógica do sermão e separa a **refutação** em duas partes: a *Parte I* mostra porque o crente precisa

se arrepender após a justificação e, para isso, incumbe em apresentar ao auditório que, em seus corações, existe uma série de temperamentos destrutivos (Quadro 9); já, na *Parte II*, eleva os motivos pelos quais o crente deve continuar a acreditar no Evangelho, em outras palavras, manter viva aquela fé de quando ele foi justificado.

A **peroração** encontra-se na *Parte III* do sermão:

Do contrário, uma **convicção profunda de que não estamos ainda inteiros... [...] de nosso demérito... [...] e de nossa extrema impotência...** [...] quando nós, assim como antes, abandonamos nós mesmos, a fim de **sermos tragados Nele...** [...] quando mergulhamos no nada, **para que Ele pudesse ser tudo, todo temperamento, pensamento, palavra e obra** são 'levados à obediência de Cristo' (Wesley, 2021[1767], p. 34-36).

No fragmento, o orador cumpre algumas funções da peroração/epílogo, conforme dispõe Aristóteles (2012): recapitula as convicções assentadas, sobretudo na Parte I, mas não todas dispostas no sermão, apenas as que considerou necessárias serem lembradas (Ruiz de la Cierva (2012); dispõe os ouvintes a um comportamento emocional, no caso, calma e esperança; e resume os principais tópicos tratados em todo o sermão (temperamento, pensamento, palavra e obra), a fim de que fiquem retidos na memória do auditório.

Para argumentar sobre os assuntos expostos no exórdio, o orador adota as mesmas preferências de **elocução** de *A Circuncisão do Coração*, portanto, dispensa o revestimento da linguagem e opta pelo estilo simples, sem deixar faltar ou sobrar, de modo a ser aprovado pelos entendidos e compreendido pelos leigos, como afirma Quintiliano (2016). Ao revestir o sermão assim, o orador mostra-se convincente e causa a impressão de falar a verdade (Aristóteles, 2012) sobre arrependimento e fé, princípio da verossimilhança.

Ainda, há duas características da ADTO pertencentes ao texto, mas que Fairclough (2001) associa à prática discursiva, que são convergentes com a elocução: intertextualidade e coerência. Em *O Arrepedimento dos Crentes*, do exórdio à peroração, a intertextualidade é repleta de extratos bíblicos, usados para compor frases e robustecer os argumentos, como em: “naquele momento nós experimentamos aquela mudança interior ‘das trevas para a sua maravilhosa luz’” (Wesley, 2021, p.34). O trecho sublinhado refere-se a 1 Pd. 2.9: “Mas sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa” (Bíblia de Jerusalém, 2016, p. 2115).

Quando Fairclough (2001) remete à coerência na dimensão da prática discursiva, o faz no sentido de como os sujeitos leitores interpretam o discurso. Desse modo, quando Wesley se propôs a mover o auditório para mudar um posicionamento errôneo no tocante à justificação e santificação, procurou organizar o texto de modo que os leitores e/ou ouvintes pudessem fazer uma leitura coerente e fossem favoráveis às suas causas e, mais do que isso, cumprissem o que sabiam que tinham de cumprir, nas expressões de Santo Agostinho (2002).

3.3 Sobre a Fé⁸⁶

a) Questão

O sermão é baseado no excerto bíblico de Hebreus 11:1 – “a fé é a garantia dos bens que se esperam, a prova das realidades que não se veem”. (Bíblia de Jerusalém, 2016, p. 2.097) e se desenvolve guiado, assim como os anteriores, por uma questão de valor presentificada no exórdio, em seu §1:

A fé é, em um sentido da palavra, uma convicção divina de Deus e das coisas de Deus; em outro (quase relacionado, mas não totalmente o mesmo), é uma convicção divina do mundo invisível e eterno. **Nesse sentido, gostaria de considerar agora** (Wesley, 1997c [1791], p. 365, grifos nossos, tradução própria)⁸⁷.

A partir do fragmento, pode-se formular a seguinte questão retórica de valor: *Como é possível crer nas coisas invisíveis?*. Percebe-se que o orador se mantém nessa tematização do início ao fim, de modo que preza pela coerência textual, aqui empregada no sentido textual, em toda a produção discursiva (Fairclough, 2001). Observa-se que, neste sermão, o orador aprofunda um pouco mais em uma das virtudes que apresentou tanto em *A Circuncisão do Coração* quanto em *O Arrependimento dos Crentes*, a fé, no sentido que expôs no exórdio.

b) Contexto retórico-discursivo

Sobre a Fé foi escrito em 17 de janeiro de 1791, segundo Outler (1984). Wesley faleceu em 2 de março de 1791. É provável, então, que esse tenha sido seu último sermão, informação que aparece, ao final do discurso, na publicação em inglês:

⁸⁶ Por ser um sermão que ainda não tem publicação em português, todo excerto utilizado nesta análise é uma tradução própria do autor.

⁸⁷ *Faith is, in one sense of the word, a divine conviction of God and of the things of God; in another, (nearly related to, yet not altogether the same,) it is a divine conviction of the invisible and eternal world. In this sense I would now consider.*

“Londres, 17 de janeiro de 1791 [provavelmente o último sermão de Wesley]⁸⁸” (Wesley Center Online, 2011 [1791], s.p., tradução própria). No início do discurso, o pregador deixa transparecer que sentia seu fim na vida terrena. Isso pode ser comprovado nestas palavras: “Agora sou um espírito imortal, estranhamente ligado a uma pequena porção de terra; mas isso é apenas por um tempo: **Em breve** deixarei abandonar este invólucro de argila e passar para outro estado⁸⁹” (Wesley, 1997c [1791], p. 365, grifo nosso). Tal declaração pode servir de prova de que esse foi seu último sermão.

Conforme Quadro 1 do Capítulo 2, durante seu ministério, Wesley escreveu ao menos mais seis sermões sobre a Fé, o que corrobora com o que disse no início do sermão: “Muitas vezes, eu tenho pensado; muitas vezes, eu tenho falado; muitas vezes, eu tenho escrito essas palavras⁹⁰” (Wesley, 1997c [1791], p.365, tradução própria). Inclusive dois deles com o mesmo título – *Sobre a Fé*: um, em abril de 1788, e este, quase três anos depois, em janeiro de 1791. No primeiro, ele traz o conceito de fé a partir da divina convicção de Deus e das coisas de Deus e, neste, amplia e disserta em outro sentido – divina convicção do mundo invisível e eterno. Nesse contexto, depreende-se que um é complementar ao outro.

Em termos de auditório e pelo sentido em que se desenvolve o sermão, é possível inferir que é formado por aqueles que já conhecem a Palavra, mas que precisam ser persuadidos a, por meio da fé, crerem que existe um mundo após a morte.

c) Invenção, disposição e elocução

Após já ter discorrido sobre a fé nos dois sermões anteriores e em outros, conforme já exposto, haveria ainda argumentos no armazém do clérigo anglicano suficientes para dissertar sobre mais um sermão acerca desse assunto? Se levada em consideração a afirmação de Barthes (1975), sim, afinal, tudo já está pronto e nada precisa ser criado.

A começar pelo gênero oratório, já no exórdio, o orador, por meio de várias questões retóricas lançadas, deixa evidente que fala de um tempo futuro, de um

⁸⁸ London, Jan. 17, 1791 [probably Wesley's last sermon]. Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-122-on-faith/>. Acesso em: 5 out. 2023.

⁸⁹ I am now an immortal spirit, strangely connected with a little portion of earth; but this is only for a while: In a short time I am to quit this tenement of clay, and to remove into another state..

⁹⁰ Many times have I thought, many times have I spoke, many times have I wrote upon these words

mundo que irá descortinar diante dos olhos do auditório quando a alma se desprender dos espíritos revestidos do corpo e do sangue:

Em que tipo de existência devo entrar quando meu espírito sair do corpo? Como sentirei a mim mesmo, - como perceberei meu próprio ser? Como poderei discernir as coisas que estão ao meu redor, sejam objetos materiais ou espirituais? Quando meus olhos não mais transmitirem os raios de luz, como o espírito nu verá? Quando os órgãos da audição se transformarem em pó, de que maneira ouvirei? Quando o cérebro não tiver mais utilidade, que meios de pensar terei? Quando todo o meu corpo se transformar em terra sem sentido, que meios terei de adquirir conhecimento?⁹¹ (Wesley, 1997c [1791], p. 365, tradução própria).

Assim, não foge à regra dos outros dois sermões e se ampara, proeminentemente, pela segunda vez, no gênero deliberativo, para persuadir o auditório a crer naquilo que não vê, de modo que, durante toda a pregação, o aconselhará a acreditar, ainda que com poucas evidências e muitos questionamentos referente ao lugar onde estão os mortos. No entanto, diferentemente do que vinha sendo uma prática nos sermões, as perguntas retóricas servem às premissas já no início do discurso, de modo que o orador prende a atenção do auditório a um assunto conhecido dos crentes – mundo invisível –, mas que gera curiosidade, temor, indagação, portanto, carece de mais esclarecimentos, que podem gerar mais interrogatividade, pois é assim a argumentatividade da linguagem, segundo Meyer (2007).

Para falar de fé, o orador optou por vincular seu discurso no plano do *pathos*, no sentido de mover o auditório à ação, que, no caso, é acreditar naquilo que não vê no sentido aqui trabalhado. A prova retórica intrínseca é percebida a partir das inúmeras perguntas retóricas que transpassam o discurso e conduzem o auditório à reflexão, estratégia muito peculiar do discurso religioso que, mediada pelo *logos*, conduz os ouvintes para o despertar das paixões, o qual não teve lugar somente na peroração, como normalmente ocorre, mas está distribuído pelas entranhas do discurso, prerrogativa que tem o orador, segundo Quintiliano (2016).

Durante o sermão, o orador caracteriza o lugar das almas santas, chamado

⁹¹*What kind of existence shall I then enter upon, when my spirit has launched out of the body? How shall I feel myself, — perceive my own being? How shall I discern the things that are round about me, either material or spiritual objects? When my eyes no longer transmit the rays of light, how will the naked spirit see? When the organs of hearing are mouldered into dust, in what manner shall I hear? When the brain is of no farther use, what means of thinking shall I have? When my whole body is resolved into senseless earth, what means shall I have of gaining knowledge?*

Paraíso, e o lugar das almas ímpias, denominado Inferno, conforme Quadro 11:

Quadro 11: Comparativo entre expressões do mundo das almas santas e das almas pecaminosas

Mundo santo	Mundo pecaminoso
Espíritos retos felizes	Espíritos retos infelizes
Lugar dos santos	Lugar dos impuros
Seio de Abraão	Estado de tormento
Paraíso	Inferno
Almas santas	Profundezas da terra
Espírito dos justos	Homens ricos
Todo bem	Todo mal
Servos de Deus	Morte, maldades de todos os tipos, homens que não conhecem a Deus
Temperamentos santos	Ações das almas ímpias: erguer tempestades, pelo mar e terra; lançar meteoros, através do espaço; ocasionar terremotos; e, de inúmeras maneiras, afligir com doenças
	Espíritos diabólicos
	Fogo eterno
	Anjos demoníacos

Fonte: Elaborado pelo autor (2023), a partir do Sermão *Sobre a Fé*

Todos os qualificadores da coluna da direita suscitam no auditório a paixão do medo, isto é, levam-no a acreditar que os espíritos diabólicos podem lhes causar mal bem como aos seus entes. Por outro lado, esse temor é suplantado pelo amor e esperança, por meio da convicção de que o mundo eterno e invisível também pode reservar um ambiente bom e agradável.

Considerado que, em sua fase final, Wesley estava preocupado com temas relativos à impecabilidade, justificação e santificação (compreendidas por ele como estados que não acontecem simultaneamente – Quadro 1 do Capítulo 1), conforme Maddox (2019) e Outler (1984), depreende-se aqui um objetivo secundário do sermão: persuadir o auditório a seguir um caminho reto, que inclui remissão dos pecados mesmo após a justificação para se obter a santificação, tema que ele imergiu nos Sermões *A Circuncisão do Coração* e *O Arrependimento dos Crentes*, em uma demonstração de interdiscursividade.

Em *Sobre a Fé*, tais tópicos ganham mais projeção, uma vez que nos discursos anteriores o dizer do orador limitava-se a contextualizar os dois processos até morte (“de permanecermos cheios de pecado até a morte... devemos permanecer culpados até a morte” – notas de *O Arrependimento dos Crentes*) e, aqui, ultrapassa essa fronteira e chega ao mundo invisível que nem Deus desejou descrever por completo,

como atesta o *spiritus rector* na pregação.

O Quadro 11 orienta, também, que o orador argumenta pelo lugar da qualidade. Em outros trechos, o lugar da quantidade aparece, como em “O que, então, podemos saber sobre os **inúmeros objetos** que pertencem propriamente ao mundo invisível.”⁹² (Wesley, 1997c [1791], p. 366) ou “Que cenas surpreendentes se descortinarão então para nossos sentidos recém-abertos! Provavelmente campos de éter, não apenas **dez vezes**, mas **dez mil** vezes ‘o comprimento desta terra’”⁹³ (Wesley, 1997c [1791], p. 368). A citação, além de usar o lugar da quantidade como força de argumento, imprime um tom laudatório para supor o mundo invisível.

Em um dos pontos do discurso, há evidência do lugar derivado da pessoa como em

Especialmente enquanto conversam sobre qualquer um desses assuntos, com os ilustres mortos da antiguidade! com Adão, o primeiro dos homens; com Noé, que viu tanto o mundo primitivo quanto o arruinado; com Abraão, o amigo de Deus; com Moisés, que teve a graça de falar com Deus, por assim dizer, “face a face”; com Jó, aperfeiçoado pelos sofrimentos; com Samuel, Davi, Salomão, Isaías, Daniel e todos os profetas; com os apóstolos, o nobre exército de Mártires...⁹⁴ (Wesley, 1997c [1791], p. 371, tradução própria).

Nesse trecho, o orador utiliza esse recurso retórico, que, de acordo com Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014), refere-se àquele que goza de dignidade e mérito, para destacar algumas almas santas e sábias que estão junto ao Pai, com as quais se pode obter sabedoria.

Quanto aos argumentos, logo no exórdio, o ministro anglicano enumera uma série de questionamentos que ele mesmo se faz sobre como será quando seu espírito se desprender do corpo, coloca-se como um caso particular que parte para a generalização, o que significa dizer que o orador, nesse momento, inicia uma argumentação pelo exemplo. O auditório poderá entender que o orador também se questiona, apesar de ser dotado de mais conhecimento e ocupar um lugar que difere daquele dos ouvintes, presume-se.

Por sua vez, a argumentação pela ilustração (Perelman; Tyteca, 2014;

⁹² *What then can we know of those innumerable objects which properly belong to the invisible world.*

⁹³ *What astonishing scenes will then discover themselves to our newly-opening senses! Probably fields of ether, not only ten fold, but ten thousand fold, “the length of this terrene*

⁹⁴ *Especially while they converse on any of these subjects, with the illustrious dead of ancient days! with Adam, first of men; with Noah, who saw both the primeval and the ruined world; with Abraham, the friend of God; with Moses, who was favoured to speak with God, as it were, “face to face;” with Job, perfected by sufferings; with Samuel, David, Solomon, Isaiah, Daniel, and all the Prophets; with the Apostles, the noble army of Martyrs*

Magalhães, 2016) foi a prioridade nesse discurso. Para expressar que existe um lugar dos mortos onde há tormento, cumpre o papel de um teórico-prático da Teologia, sua fase tardia e, conforme preconiza Broadus (1960), recorre a fontes específicas, como as Sagradas Escrituras, a Teologia Sistemática, a Literatura, a Filosofia, mas sem perder o tom prático, de um sermão que traz ensinamentos para a vida do crente.

Nesse sentido, faz menção à clássica parábola bíblica do Homem Rico e Lázaro, que consta em Lucas 16: 19-31; na sequência, cita a obra *The Doctrine of the Middle State between Death and the Resurrectio*⁹⁵ de Archibald Campbell, 1731, para refutar, com base nas Escrituras, que não há possibilidade de as almas pecaminosas se aperfeiçoarem no lugar de escuridão em que se encontram para transporem para uma mansão feliz; em outros momentos do sermão, para reforçar ideias sobre Paraíso e Inferno, o orador pincela o discurso com citações literárias de obras de poetas romanos como *Eneida* de Virgílio e *Satires* de Juvenal; trechos de hinos de seus contemporâneos como Isaac Watts, Bispo Thomas Ken, de seu irmão Wesley, como o fez na peroração ao mostrar que a fé descortina o mundo invisível aos olhos mortais.

Pode-se inferir que, como o orador se projeta no *pathos* para argumentar sobre a questão dada, tenha escolhido recheiar seu discurso com fragmentos bíblicos e literários que trazem afetividade ao auditório. A seguir, um exemplo dessas intertextualidade⁹⁶: “*Sit mihi fas audita loqui?* — “*May I be allowed to tell what I have heard?*” (Wesley, 1997c [1791], p. 373). Essa expressão encontra-se em *Eneida* de Virgílio: *Di, quibus imperium est animarum, umbraeque silentes / et Chaos et Phlegethon, loca nocte tacentia late, / sit mihi fas audita loqui*⁹⁷ (*Eneida*, Virgílio, VI, 264-266 In: Aubert, 2020, p. 67)⁹⁸.

Uma marca do orador que se sobressai no sermão são as 48 interrogações e as 38 exclamações. Assim, com o fim de acelerar o discurso e intensificar o sentido sobre as coisas do mundo invisível e convidar o auditório a ter fé para compreender aquilo que não se vê, o pregador anglicano, em vez de afirmar, preferiu valer-se das figuras de troca de interregogação e exclamação retóricas, como ensina Fiorin (2014) e que estabelecem comunhão com o auditório (Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014).

⁹⁵ A doutrina do estado intermediário entre a morte e a ressurreição.

⁹⁶ Posso contar o que ouvi?

⁹⁷ Deuses, a quem cabe o domínio das almas, e as sombras são silenciosas / e o Caos e o Flegetonte, lugares que são totalmente silenciosos na noite, / deixem-me ser ouvido falar

⁹⁸ Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/21968. Acesso em: 16 set. 2023.

Verifica-se, por fim, que o orador usa de racionalidade dialógica a fim de que o auditório exercite sua fé para compreender o mundo invisível, visto que nem Deus quis dele muito revelar, reitera-se. Assim, dialogicamente, desenvolve todo o seu raciocínio com base naquilo que acredita serem verdades divinas expostas nas Escrituras que, declara o pregador, são lâmpada para os pés e luz para os caminhos. Portanto, objetiva persuadir o auditório para também crer naquilo que tem para si como verdade, conforme Fiorin (2015).

Pelo exposto, vê-se que Wesley, após ter pregado mais de uma centena de sermões, ainda encontrou meios de persuasão para sua provável última prédica.

Ao contrário dos dois sermões anteriores, escolheu não dividir o *Sobre a Fé* em partes devidamente demarcadas como I, II ou III, entretanto, pela **disposição** dos 18 parágrafos, é possível identificar onde começam e terminam o exórdio, a narração, a confirmação e a peroração.

O orador inicia o exórdio assim:

Muitas vezes pensei, muitas vezes falei, muitas vezes escrevi sobre essas palavras; e, no entanto, parece haver uma profundidade nelas que não sou capaz de sondar. A fé é, em um sentido da palavra, uma convicção divina de Deus e das coisas de Deus; em outro (quase relacionado, mas não totalmente o mesmo), é uma convicção divina do mundo invisível e eterno. Nesse sentido, eu gostaria de considerar agora⁹⁹ (Wesley, 1997c [1791], p. 365, grifos nossos; tradução própria).

Por meio da figura retórica da repetição, representada pela anáfora, o orador deseja tornar o objeto do discurso – a fé – presente na mente do auditório, na concepção de Perelman; Olbrechts-Tyteca (2014), que, conforme já mencionado no contexto discursivo, agora, de modo ampliado e em outro sentido - *divina convicção do mundo invisível e eterno*. Os dizeres do pregador neste sermão convergem com as características de sua fase final, em que seu pensamento está amadurecido, não se preocupa com as críticas à sua teologia e coloca à disposição dos ouvintes um tema complexo que pode vir a gerar dúvidas.

Nesse momento inicial, também, o orador informa o auditório de que a temática sobre as coisas invisíveis é tão complexa que por mais que tenha escrito e pregado sobre ela ainda sente que há o que aprender. Apresenta-se como um pregador

⁹⁹ *Many times have I thought, many times have I spoke, many times have I wrote upon these words; and yet there appears to be a depth in them which I am in no wise able to fathom. Faith is, in one sense of the word, a divine conviction of God and of the things of God; in another, (nearly related to, yet not altogether the same,) it is a divine conviction of the invisible and eternal world. In this sense I would now consider*

humilde (*ethos*), que ainda carece de estudar mais acerca do assunto. Vale-se da *eunóia*, por meio de características da virtude como franqueza, honestidade, sinceridade (Quadro 3 – Grupo ERA, Capítulo 2).

Para encurtar a distância com os ouvintes, o *spiritus retor* se respalda de premissas comumente aceitas sobre como é a vida após a morte, representadas por meio de sete perguntas retóricas (citadas no começo desta análise) e mais uma série delas que, em alguma medida, no decorrer do discurso, conduzem o auditório à reflexão, convidam à adesão de sua tese sobre a fé e sensibilizam-no à causa do orador (Ferreira (2021), conforme segue:

Como aparecerão o sol, a lua e as estrelas? os céus sublunares? os céus planetários? Mas quem pode nos informar em que parte do universo está situado o hades, essa morada de espíritos felizes e infelizes, até que sejam reunidos a seus corpos? Sim, não seremos capazes de nos mover, rápidos como o pensamento, pelos vastos reinos da noite incriada? E o Pai dos espíritos não pode atribuir essa função conjuntamente aos anjos e aos espíritos humanos que estão esperando para serem aperfeiçoados?¹⁰⁰ (Wesley, 1997c [1791], p. 366, tradução própria).

Outra marca de aproximação observada nessa porção discursiva que rebervera pelo todo da pregação está presente no uso da primeira pessoa do singular e do plural, como fez nos dois sermões anteriores, o que coloca o orador na mesma posição do auditório, assim Wesley mostra que partilha das mesmas indagações que os ouvintes fazem quanto ao mundo invisível. Isso acontece por toda a extensão do sermão, de modo que o orador se mostra com *ethos* solidário ao auditório (*areté*). Assim, ele conduz o auditório para ser favorável à sua causa (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014; Meyer, 2007).

A narração está delimitada nos parágrafos §2 e 3:

§ 2 Agora sou um espírito imortal, estranhamente ligado a uma pequena porção de terra; mas isso é apenas por um tempo: Em pouco tempo, deixarei este apartamento de barro e me mudarei para outro estado... [...] § 3 Quão estranhos, quão incompreensíveis, são os meios pelos quais terei conhecimento até mesmo do mundo material! As coisas aparecerão então como aparecem agora, com o mesmo tamanho, forma e cor? a região das estrelas fixas? - como os campos de éter, que podemos conceber como estando milhões de quilômetros além deles? De tudo isso ainda não sabemos

¹⁰⁰ *How will the sun, moon, and stars appear? the sublunary heavens? the planetary heavens? But who can inform us in what part of the universe hades is situated, — this abode of both happy and unhappy spirits, till they are re-united to their bodies? Yea, shall we not be able to move, quick as thought, through the wide realms of uncreated night? And may not the Father of spirits allot this office jointly to angels, and human spirits waiting to be made perfect?*

nada. E, de fato, não precisamos saber nada¹⁰¹ (Wesley, 1997 [1791], p. 365, tradução própria).

Nos outros sermões analisados, o orador dispensou a narração, mas neste escolheu manter, ainda que breve, visto que aproveita o momento do discurso para apresentar as provas de que não se sabe muito sobre o outro lado, pós-morte, mas o que se tem de evidências é o pouco que está revelado nas Escrituras. Suprimir partes do discurso, como já ponderou Quintiliano (2016), é uma questão de conveniência, pois o importante é que o objetivo de ser persuasivo se cumpra para a eficácia retórica.

Na sequência, vem a **confirmação**, em que o orador começa a fazer referências sempre às Escrituras, por meio de versos bíblicos mais do Novo Testamento, e a outras obras literárias que leu durante sua vida, o que contraria, de certo modo, o que disse em seu prefácio aos *Sermões em Várias Ocasões* – e até mesmo como conduziu os sermões *A Circuncisão do Coração* e *O Arrependimento dos Crentes* - em que afirmou que, ao escrever um sermão, esquecia tudo o que tinha lido em termos de literatura, filosofia e centralizava somente na Bíblia, como se observou na Figura 2, Cap 1, que trata de seu Quadrilátero (Maddox, 2019; Heitzenter, 1999). As referências a porções literárias de poetas como Ovídio, Juvenal, John Milton, a outros clérigos como bispo Thomas Ken, Archibald Campbell e a trechos de hinos de seu irmão Charles Wesley demonstram o *ethos* manifestado pela *phrónesis* (competência, credibilidade) da fase do teólogo, em que organizou e publicou seus escritos, conforme observado no Quadro 1 do Capítulo I.

Outro aspecto que se pode observar nessa preferência do orador por incluir outros textos no seu discurso é acerca do auditório. Embora não se tenha a confirmação exata a qual auditório esse sermão, especificamente, se dirigiu e, tampouco, se foi apenas escrito e não pregado, haja vista a proximidade da morte de Wesley, pode-se inferir, pelo teor mais complexo da disposição e elocução, que pudesse ter pensado em um auditório particular, em termos perelmanianos, com conhecimento da primeira concepção de fé, presente em seu sermão escrito em 1788, cujo escopo é em estilo mais simples que este onde recai a análise.

¹⁰¹ §2 I am now an immortal spirit, strangely connected with a little portion of earth; but this is only for a while: In a short time I am to quit this tenement of clay, and to remove into another state...[...] § 3 How strange, how incomprehensible, are the means whereby I shall then take knowledge even of the material world! [...] Will things appear then as they do now, — of the same size, shape, and colour? [...] the region of the fixed stars? — how the fields of ether, which we may conceive to be millions of miles beyond them? Of all this we know nothing yet. And, indeed, we need to know nothing.

Na peroração, o orador não faz exatamente um apelo, como é recorrente nesse gênero textual, mas desperta emoções:

De modo geral, que agradecimento devemos dar a Deus, que concedeu essa "evidência das coisas invisíveis" aos pobres habitantes da Terra, que, de outra forma, deveriam ter permanecido em total escuridão com relação a elas! Quão inestimável é a dádiva dessa luz imperfeita para os filhos dos homens incautos! Que alívio para os defeitos de nossos sentidos e, conseqüentemente, de nosso entendimento, que não podem nos dar nenhuma informação sobre nada, a não ser o que é apresentado inicialmente pelos sentidos! Mas, por meio disso, um novo conjunto de sentidos (por assim dizer) é aberto em nossas almas; e, por esse meio,
 'As coisas desconhecidas ao fraco sentido,
 Não vistas pelo raio cintilante da razão,
 Com evidência forte e dominante,
 Sua origem celestial é exibida.
 A fé empresta sua luz realizadora:
 As nuvens se dispersam, as sombras voam;
 O invisível aparece à vista,
 E DEUS é visto pelos olhos mortais!'¹⁰² (Wesley, 1997c [1791], p. 374, tradução própria).

Após sintetizar tudo o que argumentou durante o sermão, em tom laudatório, finaliza o sermão com elogio à benevolência de Deus, sinalizada por sua obsequiosidade em fornecer aos homens "evidências das coisas invisíveis". Também, com as duas últimas estrofes do hino de seu irmão Charles – *The Work on Faith* desperta no auditório a esperança de compreender, por meio da fé, o mundo invisível.

No prefácio de *Sermões em Várias Ocasões*, Wesley afirma que sempre que possível evitar demonstrar conhecimento em seus sermões, advindo de todas as leituras que fez. Neste último sermão, ele não conseguiu escapar disso, como já foi referido. Assim, preferiu uma **elocução** com períodos que requerem do leitor ou do ouvinte conhecimento de literatura e filosofia, para entendimento completo do seu dizer.

De modo geral, Wesley concretiza o que defendeu desde sempre: preferência por um estilo simples para falar ao coração das pessoas, ou melhor, discursar *ad populum*. Neste discurso, apesar de tornar o discurso agradável (*delectare*) com algumas referências literárias, trechos de hinos que podem não ser do conhecimento

¹⁰² *Upon the whole, what thanks ought we to render to God, who has vouchsafed this "evidence of things unseen" to the poor inhabitants of earth, who otherwise must have remained in utter darkness concerning them! How invaluable a gift is even this imperfect light, to the benighted sons of men! What a relief is it to the defects of our senses, and consequently, of our understanding; which can give us no information of anything, but what is first presented by the senses! But hereby a new set of senses (so to speak) is opened in our souls; and, by this means, The things unknown to feeble sense,/Unseen by reason's glimmering ray,/ With strong, commanding evidence,/Their heavenly origin display./Faith lends its realizing light:/The clouds disperse, the shadows fly;/Invisible appears in sight,/And GOD is seen by mortal eye!*

de todo o auditório, prevalece, de modo geral, uma linguagem simples, sem figuras retóricas mais complexas que obscureçam o discurso ou vocabulário rebuscado que exijam do auditório uma capacidade maior de interpretação. Assim, prefere um movimento discursivo que visa interrogar e exclamar a todo tempo para intensificar os sentidos que deseja dar para aquilo que diz e colocar em oposição, por meio de pares antitéticos, termos que fazem alusão ao mundo santo e ao mundo pecaminoso.

Por outra via, em termos de gramática, a análise textual, dimensão faircloughiana, revela outra estratégia do orador: modalização do discurso. Ele executa essa tarefa por meio dos advérbios com terminação – *mente/ly*¹⁰³ (mais de 40), os quais cumprem uma função de modalizadores do ato retórico (advérbios modalizadores: epistêmicos/asseverativos; delimitadores ou circunscritores; deônticos; afetivos ou atitudinais)¹⁰⁴. Com base na materialidade linguística do sermão, evidencia-se que o orador utiliza com maior frequência os advérbios pertencentes ao primeiro grupo, como razoavelmente, concordantemente, perpetuamente, provavelmente, claramente, plenamente. Ao adotar essa postura, Wesley revela um *ethos* de orador que age com racionalidade (*phrónesis*) e tem convicção das verdades que prega e, assim, empreende um movimento retórico-discursivo em direção ao auditório para fazê-lo saber, crer e fazer, porém, toma o cuidado de não ser tão apodítico e opta por modalizar seu discurso.

Já com relação à coesão textual, o orador emprega em todo o discurso conectivos, entre parágrafos e períodos, e termos sinônimos, recursos textuais que imprimem progressão e fluidez ao texto. Alguns exemplos de conectivos são: então, por outro lado, por conseguinte, mas (27 ocorrências), ainda assim. Para tratar sempre desse par antitético paraíso/inferno, lugares onde as almas se encontram, o orador sustenta-se em inúmeros outros pares que fazem o texto fluir, como almas santas/almas ímpias, espíritos santos/espíritos diabólicos, bem/mal, temperamentos santos/temperamentos impuros, expostos no Quadro 11.

A seguir, o Quadro 12 reúne os principais resultados obtidos da análise efetuada sermão a sermão:

¹⁰³ É necessária a referência em inglês devido à origem dos sermões serem nesse idioma.

¹⁰⁴ De acordo com Neves (2000), os advérbios terminados em *-mente* podem ser subclassificados em modalizadores, que são de quatro tipos: epistêmicos ou asseverativos (indicam uma crença, uma opinião, uma expectativa – exemplo: certamente); delimitadores ou circunscritores (delimitam um ponto de vista sob qual uma asserção pode ser considerada verdadeira – exemplo: historicamente); deônticos (apresentam uma obrigação – exemplo: necessariamente); e afetivos ou atitudinais (indicam um estado de espírito do falante – exemplo: felizmente).

Quadro 12: Quadro-síntese dos três sermões

		A Circuncisão do Coração	O Arrependimento dos Crentes	Sobre a Fé
Dados de relevância	Passagem bíblica	Rom. 2:29 – “... e a verdadeira circuncisão é a do coração..” (Bíblia de Jerusalém, 2016, p. 1969)	Mc. 1:15 – “....Arrependei-vos e crede no Evangelho” (p. 1760)	Hb. 11:1 – “A fé é.... a prova das realidades que não se veem” (p. 2097)
	Ano	1733	1767	1791
	Fase do Orador	Inicial: com enfoque no teólogo prático e com <i>ethos</i> mais católico	Intermediária: enfoque no teólogo prático e com <i>ethos</i> mais evangélico	Tardia: Fase final com enfoque no <i>ethos</i> de teólogo teórico-prático
Categorias de análise	Contexto retórico-discursivo	Compõe a coleção <i>Sermões em Várias Ocasões</i> e foi pregado na Igreja de Santa Maria, perante a Universidade de Oxford, Inglaterra. Foi o segundo sermão universitário de Wesley.	Integra o conjunto <i>Sermões em Várias Ocasões</i> e foi escrito para combater controvérsia que vinha sendo propagada de que os justificados eram totalmente livres do pecado.	É datado de 1791, próximo aos últimos dias de vida de Wesley, por isso, traz, em seu final, a indicação de ter sido o último sermão do pregador anglicano.
	Questão	De valor: O que é necessário para ser um homem perfeito e atingir a santidade?	De valor: O crente deve continuar a se arrepender e a acreditar mesmo após ter sido justificado?	De valor: Como é possível crer nas coisas invisíveis?
	Invenção:			
	<i>Gênero oratório</i>	Deliberativo	Epidíctico	Deliberativo
	<i>Lugares-comuns</i>	Da qualidade	Da quantidade	Da qualidade
	<i>Provas retóricas</i>	<i>Pathos</i>	<i>Pathos</i>	<i>Pathos</i>
	<i>Raciocínios</i>	Dialético	Apodítico	Dialético
	<i>Figuras retóricas</i>	Metáfora	Repetição	De troca exclamação e interrogação; repetição
	<i>Argumentos</i>	Pares antitéticos <u>Aparência</u> Realidade	Ligações da sucessão: pragmático, desperdício, direção, superação e autoridade (baseados na estrutura do real)	Ligações de sucessão: Exemplo e ilustração (fundam a estrutura do real)
	Disposição:			
	<i>Partes do discurso</i>	Exórdio, confirmação e peroração	Exórdio, confirmação (refutação) e peroração	Exórdio, narração, confirmação e peroração
	Elocução:			
	<i>Estilo</i>	Simples (<i>ad populum</i>)	Simples (<i>ad populum</i>)	Simples (<i>ad populum</i>)
	<i>Finalidade retórica</i>	<i>Docere</i> (léxico que reflete o ensinar)	<i>Movere</i> (léxico que visa mover)	<i>Delectare</i> (léxico que embeleza para agradar)

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Após aplicar as categorias de análise ao *corpus*, é o momento de arrematar o olhar retórico-discursivo para apresentar aspectos da homilética de Wesley que foram confirmadas nos discursos examinados.

Na versão editada de *The Journal of John Wesley*, em 1951, há uma declaração do pregador anglicano que, a partir da experiência de Aldergaste (1738), ele teve convicção de que Deus havia tirado seus pecados e o salvado da lei do pecado da morte. Justifica, então, o fato de ter pregado sobre a circuncisão do coração (1733), à égide desse pensamento; no entanto, mais tarde (1767), na sua fase intermediária, passou a se incomodar com a ideia de que quando o crente entra para o Reino de Deus está livre do pecado, ou seja, reviu seu pensamento e pregou sobre a justificação e santificação, frisado por ele como processos distintos, portanto, há necessidade de o crente se arrepender e acreditar continuamente no Evangelho.

Quando olhados em conjunto, os sermões se mostram como um *continuum*, visto que, no primeiro, pregado em 1733, são apresentadas as quatro virtudes para se obter a santidade (humildade/arrependimento, fé, esperança e amor), no segundo (1767) e no terceiro (1791), aprofundados os temas arrependimento e fé. Embora esta tese não tenha se debruçado, detidamente, sobre os 151 sermões wesleyanos, uma das descobertas do pesquisador é que há um fio condutor que perpassa todos os sermões – a fé.

Isso tem fundamento não só pelo achado desta análise, mas também por Wesley considerar a trilogia - Arrependimento, Fé e Santidade - como grandes doutrinas das quais deriva todo o resto, segundo científica Souza (2003). No bojo, ainda, ficou claro que a retidão moral, a salvação pela graça e a santidade cristã estiveram sempre impregnadas pela teia discursiva desses três sermões da fase inicial, intermediária e tardia, como alude Maddox (2019).

A tríade sermonária deixou transparecer outros apontamentos homiléticos expostos nos Capítulos 1 e 2:

- **vivências espirituais nos sermões após Aldergaste:** isso está nítido nos dois últimos sermões, em que Wesley faz uma série de perguntas e se inclui, por meio da primeira pessoa, em uma demonstração de que essas também são questões que transcorrem sua vida, como o sentimento de que ainda tem paixões destrutivas em seu coração que se despertam quando colocado em determinadas circunstâncias ou que também indaga sobre o mundo invisível. Além disso, vem ao encontro da

teologia que escolheu defender: prática, popular, empírica, baseada na experiência espiritual e cotidiana.

- **interesse pelo tema imoralidade:** está presente nos sermões, mais fortemente, em *O Arrependimento dos Crentes*, quando exorta sobre diversos vícios. Heitzenrater (2016) atesta que a meditação baseada nas virtudes e vícios sempre acompanhou Wesley desde o Clube dos Santos, em Oxford, e foi um dos combates do Movimento Metodista, visto que a Inglaterra do século XVIII encontrava-se imersa em vícios.

- **homem de um único livro:** isso já está bem comprovado nos três sermões pelos versículos que foram mote das pregações, mas não apenas, o orador recheou seus discursos de outras tantas passagens bíblicas.

- **prática de uma religião do coração:** por essa razão, a preferência por firmar os discursos no *pathos*, o que contraria alguns biógrafos que dizem que Wesley assentava seus discursos no *logos* somente e que, por isso, eram secos, objetivos. Na verdade, Wesley, como orador, movia o *pathos* e se mostrava moralmente ao auditório por meio do discurso (*logos*). Nos sermões analisados, percebeu-se esse movimento e o quanto o orador, para fazer fazer, focou no *movere*.

- **uso do Quadrilátero:** nos sermões há indícios que Wesley, além de ter a Bíblia como primazia, mas não exclusiva, tinha uma teologia baseada na tradição, na experiência e, também, na razão. Por meio das Escrituras, pregou sobre o que acreditava serem as verdades bíblicas: a corrupção do pecado, a justificação pela fé, o novo nascimento e a presente santidade, as quais estiveram em maior ou menor grau nos sermões analisados; pela tradição e remissão à Igreja Primitiva, esclareceu aspectos bíblicos e citou como modelos Noé, Moisés, Apóstolos; sempre que teve oportunidade, trouxe a experiência da sua vida, do povo metodista e da vida humana em geral, quando mostrou ao auditório que partilhava das mesmas indagações e angústias; e, por fim, limitou-se, pela razão, a organizar e extrair inferências da revelação das Escrituras, sem se preocupar a oferecer base racional para as afirmações que fazia.

- **argumentos consistentes, distribuição lógica e estilo simples:** como observado, o orador explorou os cânones retóricos: conseguiu extrair meios de persuasão do seu estoque de argumentos e escolheu as retóricas deliberativa e epidíctica, pertencentes aos discursos religiosos como afirma Ruiz de la Cierva (2012); preferiu sua disposição lógica a fim de conclamar o auditório à racionalidade

argumentativa e fez isso, como dito, valendo-se do plano do *pathos*; e mostrou nos textos o dizer *ad populum*. Com isso, as dimensões do texto, da prática discursiva e da prática social da ADTO se puseram a favor também da argumentação.

Nesse percurso do discurso religioso, Wesley foi um porta-voz do Onipotente, visto que aparentou preencher com palavras inspiradas pelo Espírito Santo o silêncio divino, como afirmam Orlandi (1987) e Ruiz de la Cierva (2012), com assentimento de Moraes (2022a; 2022b; 2022c), para explicar como deve ser a vida espiritual.

Com esse aporte analítico, esta tese se encaminha para a sua finalização, em que serão tecidas as considerações sobre todo o percurso arquitetado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Reforma Protestante, iniciada com Lutero, surgiu para romper com práticas teocêntricas do catolicismo da Idade Média e moldou como a vida cristã deveria ser encarada a partir desse cisma, ou seja, regradada com base somente na Fé, na Escritura, em Cristo, na Graça e na Glória a Deus.

Esses princípios passaram a ser o esteio que sustentou a atuação dos reformadores que pregavam uma nova religião, caso de John Wesley, com o Movimento Metodista.

Com regras e estudo meticuloso das Escrituras, desde Oxford, Wesley veio construindo um *ethos* de pregador interessado em uma teologia que não fosse sistematizada em volumes de compêndios, com linguagem que, por vezes, pudesse privilegiar o obscurantismo. Preferiu uma teologia popular, de disciplina prática (*scientia practica*), que fosse proveitosa aos seus seguidores no sentido de atingirem com mais propriedade a perfeição cristã, reconhecida pelos crentes como santidade.

Para que cumprisse esse objetivo, desenvolveu uma homilética que partiu da vida externa, dos problemas sociais que assolavam a Inglaterra do século XVIII para redigir sermões que contivessem ensinamentos sobre uma vida de retidão apartada dos vícios e tomada de virtudes, inclusive, preocupou-se como eles eram manifestados externamente. Preferiu pregar uma religião de avivamento, em que o Espírito Santo fizesse morada no coração dos ouvintes e despertasse neles temperamentos santos que viessem a refletir em suas palavras e ações, pois defendia a fé atrelada às boas obras.

Desse modo, o homilista organizou sermões de forma lógica, conforme aprendeu com a leitura dos escritos aristotélicos; definiu para seu sermonário questões que julgou importantes a partir de um olhar social e holístico que descortinou alguma necessidade; cuidou da invenção, planejou a forma como os meios persuasivos deveriam estar dispostos e escolheu uma elocução que pudesse criar uma conexão direta com o auditório.

Além disso, importou-se em instruir seus ajudantes leigos a como pregar, para tanto, reuniu 52 sermões em quatro volumes, os quais considerou convenientes para quaisquer ocasiões, haja vista tratarem de temas que são a essência de sua teologia. O material não deixa de ser um legado até mesmo para pregadores contemporâneos

metodistas, uma vez que aborda grandes assuntos – objeto da retórica religiosa - que são aplicáveis à vida cristã dos dias atuais.

Com essa recapitulação dos principais pontos desta tese, parte-se agora para a verificação do desfecho da hipótese, das questões de pesquisa e dos objetivos delineados na Introdução.

Quando se iniciou o processo de invenção (*inventio*) deste trabalho, uma hipótese foi levantada: durante sua vida de pregador, John Wesley adaptou seu discurso em função das experiências religiosas e das práticas sociais vivenciadas ao longo de suas fases da vida. A partir da análise retórico-discursiva dos sermões, tal pressuposição foi comprovada.

Quando pregou sobre o tema circuncisão do coração, o sermonista não tinha tanta convicção de que justificação e santificação eram etapas distintas e subsequentes na vida cristã. Já, em sua fase intermediária, essa diferença ficou mais marcada em seus sermões e ele enfatizou a necessidade de arrependimento mesmo após o crente ter aceitado a Cristo como seu único Salvador. Na tardia, de 1770 em diante, essa separação ficou mais consolidada e, quando se lança um olhar mais panorâmico para o sermonário completo de Wesley, percebe-se que a tônica dos discursos passou a versar recorrentemente sobre a perfeição cristã que leva os crentes à vida eterna como em: *Sobre a Perfeição, Sobre a Tentação, A Recompensa dos Justos, Vivendo sem Deus*.

A análise também foi suficiente para responder às questões de pesquisa que guiaram toda a construção da tese e, ainda, constatar, comparar e confirmar as preferências argumentativas do orador. O Quadro 12 permite perceber, em conjunto, as preferências do orador e como ele selecionou as estratégias argumentativas que julgou mais condizentes ao caminho persuasivo. Fez evidenciar como Wesley tratou mais veementemente, por meio de um discurso *pathético* intenso, sobre o arrependimento após a conversão, o que tem relação direta com a experiência do coração aquecido em Aldergaste. A partir desse dia, ele teve uma convicção profunda de que o Espírito Santo reinava em seu coração e que a cada dia deveria se arrepender dos pecados e acreditar no Evangelho. Assim, passou a ensinar a respeito disso aos seus ouvintes por meio de um texto, de uma prática discursiva e de uma prática social fundadas em uma argumentação que pudesse fazer fazer, isto é, persuadir e convencer os seguidores a abandonarem o amor ao mundo e voltarem-se totalmente para Deus.

Os três cânones retóricos – invenção, disposição e elocução – e as três dimensões do discurso – texto, prática discursiva e prática social -, amalgamados com as questões de valor de cada sermão e com o contexto retórico-discursivo em que foram concebidos, contribuíram para que os objetivos deste trabalho de doutoramento fossem concretizados.

Cumprir destacar que, pelas análises efetuadas, foi possível perceber diferenças nos discursos, não referentes à ordem de construção, pois Wesley, de modo geral, manteve uma lógica parecida de disposição textual, mas sim, do ponto de vista dos assuntos em que se assentaram os discursos. A partir da experiência do coração abrasado, que o fez convicto a acreditar somente em Cristo para a salvação e a restaurar sua fé no Evangelho, a tônica mudou, pois passou a tentar incutir mais incisivamente nos pensamentos e nos corações dos ouvintes seus princípios doutrinários baseados nas verdades que considerava essenciais à santidade cristã.

De modo mais específico, estudar sobre o *spiritus rector* anglicano permitiu observar que, ainda que ele concebesse a Retórica de modo reduzido, atrelada somente ao estilo do dizer, conforme declarou no prefácio aos *Sermões em Várias Ocasões*, praticou uma homilética bastante centrada nos subsídios que os ensinamentos retóricos podem emprestar a um discurso argumentativo. Vale observar que os sermões wesleyanos são do século XVIII, duzentos anos antes da publicação da Nova Retórica (1958), mas esta pesquisa se ateve à materialidade linguística dos discursos e lançou um olhar subsidiado pelos pressupostos da Velha e Nova Retórica.

Embora esta tese tenha selecionado um *corpus* composto por três sermões, pela busca transversal feita em todo o sermônário, é possível perceber que as preferências agrupadas no Quadro 12 parecem reverberar pelos sermões ao longo de suas três fases ministeriais. Por ser o *docere* sua primeira finalidade, o orador escolheu aconselhar/desaconselhar e louvar/censurar, da sua fase de juventude à velhice, acerca dos assuntos que podem elevar a fé ou fazer o homem decair. Quando quis incentivar o auditório a cumprir aquilo que é necessário ser feito, mas não o faz, apelou para as paixões, primariamente, e não se ateve a dispô-las somente na peroração, mas as distribuiu pelo discurso conforme julgou conveniente; para levar as verdades a quem precisava, incrédulos ou não, falou *ad populum*, de forma simples para pessoas simples, como defendia. Apesar de ter alterado a tônica temática, pode-se afirmar que o orador manteve coerência e constância em suas preferências discursivas.

Ademais, a pesquisa reservou espaço para validar as correspondências entre as teorias da Retórica/Argumentação e da ADTO. Ficou confirmado, pela articulação dos pressupostos teóricos no Capítulo 2 e, depois, demonstrada na análise, como o texto, a prática discursiva e a prática social mantêm intersecção e de que modo se aproximam nos cânones retóricos, em uma demonstração de que ambas as vertentes teóricas estão a serviço de um orador que deseja se mostrar de forma competente por meio do discurso.

Antes de finalizar, ainda há lugar neste trabalho para prospectar futuras pesquisas a partir das limitações apresentadas na Introdução. Podem ganhar relevo no campo acadêmico estudos que recaiam sobre um aprofundamento dos aspectos da teologia prática instituída por John Wesley, com destaque para seus pontos doutrinários mais relevantes. Selecionar sermões que abordem sobre o novo nascimento, por exemplo, parece ser um caminho viável. Pesquisas que venham a aplicar aos sermões outras teorias como a Sociorretórica, em razão da soteriologia social de Wesley, ou mesmo a Lógica Formal, para investigar como o orador demonstra as grandes verdades bíblicas, podem ser um viés interessante. E, dada a ausência de tradução dos sermões, um trabalho demasiadamente contributivo para quem se interessa pelas pregações wesleyanas, seria uma tradução completa de todos os 151 sermões, com adaptação ao Português Brasileiro.

Por fim, sem a intenção de fazer um apelo às paixões do auditório, composto por quem esta tese se dirige diretamente (orientador e membros de banca examinadora), pelos futuros leitores que tenham interesse pelo discurso religioso e demais destinatários que possam usá-la como pesquisa, finalizo este trabalho de doutoramento na convicção de que, em alguma medida, trouxe contribuições para os estudos da Retórica, da Argumentação, da Análise do Discurso Textualmente Orientada, da Homilética e, sobretudo, do Discurso Religioso.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A doutrina cristã**: a exegese e formação cristã. (Patrística, 17). São Paulo: Paulus, 2002.
- ALLEN, Michael. **Reformed Theology**. 5 solas. UK: Bloomsbury, 2010.
- ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Introdução. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 (Coleção obras completas de Aristóteles).
- ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 (Coleção obras completas de Aristóteles).
- ARAÚJO, Glauber Souza. **O Caminho da Perfeição**: um estudo da Teologia da Santificação em John Wesley e Ellen G. White. São Bernardo do Campo, SP, 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, 2011. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/196> Acesso em: 30 nov. 2022.
- AUBERT, Eduardo Henrik. A fundação jurídica de Roma, ou a Eneida como narrativa jurídica. **Nuntius Antiquus**, 15(2), 49–76. 2020. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/21968. Acesso em: 16 set. 2023.
- AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. Desafios e procedimentos da análise retórica e argumentativa. In: AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (org.). **Introdução à análise da argumentação**. Prefácio de Rui Alexandre Grácio. 1 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.
- BARCALA, Martin Santos. Comentário introdutório de A Circuncisão do Coração. In: Wesley, John. **Sermões de John Wesley**. Vol.2. São Paulo: Editora Reflexão, 2021.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. Pesquisas de retórica. Petrópolis, 1975.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. Nova edição, revista e ampliada. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2016.
- BROADUS, John Albert. **O preparo e a entrega de sermões**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1960. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_2tq3rEdzCPcOss-8bYrFCju20yAZ4G6/view?usp=sharing. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BROADUS, John. A. **Sobre a preparação e a entrega de sermões**. São Paulo: Hagnos, 2009.
- CAMPBELL, Karlyn Kohrs; HUXMAN, Susan Schultz; BURKHOLDER, Thomas R. **Atos de retórica**: para pensar, falar e escrever criticamente. Trad. Marinele Santana dos Santos Garcia. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

CAVALCANTE, R. Reforma Protestante, 500 anos: ensaio de crítica histórica. **Revista Pistis Praxis**, 9(2), 441–463. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.09.002.DS04>. Acesso em: 15 nov. 2022.

COLEMAN, Jim. **The Antithetical Homiletic of John Wesley's Sermons on Several Occasions I-IV**. Manchester, 2016, 220 f. Thesis (Doctoral of Philosophy) – The University of Manchester. Disponível em: <https://www.escholar.manchester.ac.uk/api/datastream?publicationPid=uk-ac-man-scw:298876&datastreamId=FULL-TEXT.PDF> . Acesso em: 5 jan. 2023.

EMEDIATO, Wander. Os lugares do logos na argumentação. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Inteligência retórica: o logos**. São Paulo: Blucher, 2021.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio, Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Luiz Antônio. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, Luiz Antonio. Retórica e determinação dos sentidos: as perguntas da escola e as respostas da vida. In: MAGALHÃES, Ana Lúcia; GOMES, Acir de Matos; ABUCHAIM, Claudia Borragini (orgs.). **O suscitar das paixões: a Retórica de uma vida**. São Paulo: Blücher, 2021.

FIELD, Clive. **Anti-Methodist Publications of the Eighteenth Century: A Revised Bibliography**. 1991. Disponível em: <https://www.escholar.manchester.ac.uk/api/datastream?publicationPid=uk-ac-man-scw:1m2270&datastreamId=POST-PEER-REVIEW-PUBLISHERS-DOCUMENT.PDF> . Acesso em: 12 out. 2023.

FIGUEIREDO, Maria Flávia de. Ampliação e aplicabilidade analítica da “Trajetória das Paixões”. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia de; GOMES, Acir de Matos; FERRAZ, Luana (org.). **Trajetória das paixões: uma retórica da alma**. Franca, São Paulo: Unifran, 2020.

FIGUEIREDO, Maria Flávia de; SANTOS JÚNIOR; Valmir Ferreira dos. Uma incursão ao *pathos*: o método aristotélico de descrição das paixões e a relação hierárquica delas emanada. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Inteligência retórica: o pathos**. São Paulo: Blucher, 2020.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto: 2014.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **Vocabulário de argumentação: Tipologias argumentativas** (Perelman & Olbrechts-Tyteca). 2015. Disponível em: <https://www.ruigracio.com/VCA/ArgAdPopulum.htm> . Acesso em: 24 jul. 2023.

HEITZENRATER, Richard P. John Wesley's Principles and Practice of Preaching. **Methodist History**. vol. 37, 1999. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?p=AONE&u=googlescholar&id=GALE|A352487180&v=2.1&it=r&asid=8c18a5dc> . Acesso em: 10 jan. 2023.

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o povo chamado metodista**. 3 ed. São Bernardo do Campo, SP: Editeo, 2016.

JOY, James Richard. **O Despertamento Religioso de John Wesley**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pastoral Bennett, 1996.

LAGO, Antonio Azaustre. **Las nociones retóricas de *Quaestio* y *Status* en la literatura medieval española**. Santiago de Compostela, España, 2021. 519 f. Thesis (Doctorado – Estudios de la Literatura e de la Cultura - Escuela de Doctorado Internacional de la Universidad de Santiago de Compostela). Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/handle/10347/27386>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LELIÈVRE, Mateo. **John Wesley: Sua vida e obra**. São Paulo: Vida, 1997.

LEWIS, Simon. **Early anti-Methodism as an aspect of theological controversy in England**, c.1738-c.1770. Trinity, 2017, 300 f. Thesis (Doctoral of Philosophy) – University of Oxford. Disponível em: https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:8da41b0f-6aeb-4497-9d7d-f9634f3a4a06/download_file?file_format=application/pdf&safe_filename=Lewis_2017_Early_anti-Methodism.pdf&type_of_work=Thesis . Acesso em: 15 jan. 2023.

MADDOX, Randy L. **Graça Responsável: a teologia prática de John Wesley**. Trad. Elizangela A. Soares. São Bernardo do Campo, SP: EDITEO, 2019.

MAGALHÃES, Ana Lúcia. Argumentos: o exemplo, a ilustração e o modelo. **Revista Tecnologia, Gestão e Humanismo**, v.6, n.2, nov., 2016. Disponível em: <http://www.fatecguaratingueta.edu.br/revista/index.php/RCO-TGH/article/view/110/182> . Acesso em: 22 jul. 2023.

MAGALHÃES, Ana Lúcia. **Prefácio: O percurso encantado de mostrar-se pelo discurso**. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Inteligência retórica: o *ethos***. São Paulo: Blucher, 2019.

MAGRI, Mariano. O papel das paixões em Platão e Aristóteles e sua especificidade no discurso político. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Inteligência retórica: o *pathos***. São Paulo: Blucher, 2020.

MATEUS, Samuel. **Introdução à Retórica no Século XXI**. Covilhã, Portugal: Labcom, IFP, 2018.

MATOS, Alderi S. Jonathan Edwards: teólogo do coração e do intelecto. **Fides Reformata**, v. 3, nº 1, 1998. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/5_Jonathan_Edwards_Alder_Matos.pdf . Acesso em: 15 out. 2023.

MEYER, Michel. Prefácio: Aristóteles ou a retórica das paixões. In: ARISTÓTELES. **Retórica das Paixões**. Tradução Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Clássicos).

MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MORAES, Jilton. **Homilética: da pesquisa ao púlpito**. São Paulo: Editora Vida, 2022a.

MORAES, Jilton. **Homilética: do púlpito ao ouvinte**. São Paulo: Editora Vida, 2022b.

MORAES, Jilton. **Homilética: do ouvinte à prática**. São Paulo: Editora Vida, 2022c.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e Novas Retóricas: convergências e desdobramentos. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador. **Retóricas de ontem e de hoje**. 2 ed.. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. **O discurso religioso católico**: um estudo linguístico do rito matrimonial. São Paulo: EDUC, 1993.

NASCIMENTO, Jeverson. **As diferenças doutrinárias do calvinismo e do arminianismo**. Azusa: Revista de Estudos Pentecostais, Joinville, v. 9, n.1, p. 81-108 jan./jun. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/38093243/AS_DIFEREN%C3%87AS_DOUTRIN%C3%81RIAS_DO_CALVINISMO_E_DO_ARMINIANISMO. Acesso em: 25 out. 2023.

NOGUEIRA, Hélerson Alves; RENDERS, Helmut. Introdução ao segundo volume dos Sermões de Wesley. In: Wesley, John. **Sermões de John Wesley**. Vol.2. São Paulo: Editora Reflexão, 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Os falsos da forma. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Palavra, fé, poder**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

OUTLER, ed. **The Works of John Wesley**, Bicentennial Edition: Sermons. 4 vols. Nashville: Abingdon, 1984.

OUTLER, Albert C. The Wesleyan Quadrilateral: In John Wesley. **Wesleyan Theological Journal**, vol. 20, n. 1, 1985. Disponível em: https://wtsociety.com/files/wts_journal/1985-wtj-20-1.pdf . Acesso em: 10 jan. 2023.

PARR, Jessica. **George Whitefield**. 2017. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199730414/obo-9780199730414-0199.xml>. Acesso em: 10 out. 2023.

PARSONS, Jacob. **The Original And Growth of Newfoundland Methodism**. Canada, 1964, 182 f. Master in Arts. Memorial University of Newfoundland St. John's. Disponível em: https://research.library.mun.ca/7382/1/Parsons_Jacob.pdf . Acesso em: 20 out. 2023.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

PETTERSON, Christina. Count Nicolaus Ludwig von Zinzendorf and the Moravian Brethren. In: CROSSLEY, James Crossley; LOCKHART, Alastair (eds.). 2021. **Critical Dictionary of Apocalyptic and Millenarian Movements**. Disponível em: <https://www.cdamm.org/assets/articlePDFs/3767-nicolaus-ludwig-von-zinzendorf-and-the-moravian-brethren.pdf> . Acesso em: 10 out. 2023.

PIEIDADE, Eduardo. **Universo cristão de corações abrasados e suas afinidades sociorreligiosas**. São Paulo, 2020. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/23443>. Acesso em: 25 nov. 2022.

QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição Oratória**. Tomo III. Tradução e notas de Bruno Fregni Bassetto. Campinas, SP: Unicamp, 2016.

RAMIREZ-NAVAS, Juan Sebastian. **Manual de Homilética**. Cali, Colombia: Departamento Editorial de Lab. MSD, 2012. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/257890860_Manual_de_Homiletica?channel=doi&linkId=004635260e9d2943cc000000&showFulltext=true. Acesso em: 24 jul. 2023.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

REILY, Duncan A. **A influência do Metodismo na Reforma Social na Inglaterra do Século XVIII**. São Paulo: Junta Geral de Ação Social da Igreja Metodista do Brasil, 1953. Disponível em:

http://www.metodistavilaisabel.org.br/docs/A_influencia_do_metodismo_na_reforma_da_Inglaterra.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

RENDERS, Helmut. **A soteriologia social de John Wesley**: com consideração especial de seus aspectos comunitários, sinérgicos e públicos. São Bernardo do Campo, SP, 2006, 404 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista. São Bernardo do Campo, SP. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/392>. Acesso em: 10 out. 2022.

RENDERS, Helmut. Estudos de gênero e método teológico: corporeidade e androcentrismo como temas permanentes do quadrilátero wesleyano brasileiro. **Estudos de Religião**, v. 24, n. 39, 91-106, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/2076/2343>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RIBEIRO, Joelma Batista dos Santos. **As paixões nas parábolas do evangelho de São Lucas**: uma análise retórica. 123 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/24324/1/Joelma%20Batista%20dos%20Santos%20Ribeiro.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

RUIZ DE LA CIERVA, María del Carmen. Sobre la retórica de la predicación. PREDICACIÓN. In: **Retórica y política**. Los discursos de la construcción de la sociedad / Emilio del Río Sanz, M^a del Carmen Ruiz de la Cierva y Tomás Albaladejo (editores). – Logroño : Instituto de Estudios Riojanos , 2012. Disponível em: <https://urbina.volant.com/archivos/inves/PublicidadInstitucional.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

RYEKEN, Leland. **Santos no mundo**: os puritanos como realmente eram. Trad. João Bentes. 2 ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013.

SAYEG-SIQUEIRA, João; MATTOS, Tiago. O *ethos* em uma autobiografia poética. In: FERREIRA, Luiz Antonio (org.). **Inteligência retórica: o ethos**. São Paulo: Blucher, 2019.

SOUZA, José Carlos de. **Fazendo teologia numa perspectiva wesleyana**. Revista Caminhando, vol. 8, n. 2 [12], p. 125-143, 2003. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1420/1444>. Acesso em: 18 ago. 2023.

SOUZA, José Carlos de. **As várias edições dos sermões de John Wesley**. Revista Caminhando, vol. 9, n. 2 [14], p. 120-129, ago./dez./2004. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1381/1391>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SOUZA, José Carlos de. **Laicidade e Economicidade da Igreja: o pensamento eclesiológico de John Wesley**. São Bernardo do Campo, SP, 2008, 250 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, SP. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/448/1/Jose%20Carlos%20de%20Souza.pdf>
Acesso em: 25 nov. 2022.

SOUZA, Larissa Fonseca de; ZANETTI, Valéria. A atuação dos anabatistas na Reforma Protestante do século XVI. **XXII Encontro Latino-Americano de Iniciação Científica, XVIII Encontro Latino-Americano de Pós-Graduação e VIII Encontro de Iniciação à Docência** - Universidade do Vale do Paraíba. 2018. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2018/anais/arquivos/RE_0313_0621_01.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

TRINGALI, Dante. **Introdução à Retórica: a retórica como crítica literária**. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

ZIOLI, Cláudio Ferraz. **Religião e Educação no pensamento de John Wesley (1703-1791)**. Maringá, PR, 2015, 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2016/historia_dissertacoes/dissertacao_claudio_ferraz_zioli.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

WESLEY CENTER ONLINE. **On Faith**. 2011 [1791]. Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-122-on-faith/> . Acesso em: 5 out. 2023.

WESLEY CENTER ONLINE. **The Sermons of John Wesley (1872 Edition): Theological Topic**. 2011. Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/the-sermons-of-john-wesley-theological-topic/> . Acesso em: 11 set. 2023.

WESLEY, John. **Minutes of Several Conversations between the Rev. John Wesley, A.M, and the preachers in connexion with him**. Londres: George Whitefield, City Road, 1797. Disponível em: <https://archive.org/details/minutesofseveral00wesliala/page/n3/mode/2up> . Acesso em: 8 mar. 2022.

WESLEY, John. **The Journal of Rev. John Wesley**. Vol. I. London: Printed by Mills, Jowet, Mills, 1827. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=s_4_HHCedgC&dq=the+journal+of+john+wesley&pg=PA418&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false . Acesso em: 12 out. 2023.

WESLEY, John. **The Journal of John Wesley**. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 1951. Disponível em: <https://ccel.org/w/wesley/journal/cache/journal.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

WESLEY, John. **The Complete Works of John Wesley: Biography & Sermons 1-39**. Vol. 5. Albany, USA: Books For The Ages, 1997a. Disponível em: https://media.sabda.org/alkitab-10/LIBRARY/COLLECT/WESLEY_C/WES_WW05.PDF . Acesso em: 5 out. 2023.

WESLEY, John. **The Complete Works of John Wesley: Sermons 40-86**. Vol. 6. Albany, USA: Books For The Ages, 1997b. Disponível em: https://media.sabda.org/alkitab-10/LIBRARY/COLLECT/WESLEY_C/WES_WW06.PDF . Acesso em: 5 out. 2023.

WESLEY, John. **The Complete Works of John Wesley: Sermons 87-141**. Vol. 7. Albany, USA: Books For The Ages, 1997c. Disponível em: https://media.sabda.org/alkitab-10/LIBRARY/COLLECT/WESLEY_C/WES_WW07.PDF . Acesso em: 5 out. 2023.

WESLEY, John. **Sermões de John Wesley**. Vol.2. São Paulo: Editora Reflexão, 2021.

ANEXO A – THE PREFACE OF SERMONS ON SEVERAL OCCASIONS

1. *The following Sermons contain the substance of what I have been preaching, for between eight and nine years last past. During that time I have frequently spoken in public, on every subject in the ensuing collection: And I am not conscious, that there is any one point of doctrine, on which I am accustomed to speak in public, which is not here, incidentally, if not professedly laid before every Christian Reader. Every serious man, who peruses these will therefore see in the clearest manner, what those doctrines are which I embrace and the essentials of true religion.*

2. *But I am thoroughly sensible, these are not proposed, in such a manner as some may expect. Nothing here appears in an elaborate, elegant, or oratorical dress. If it had been my desire or design to write thus, my leisure would not permit. But in truth I at present designed nothing less; for I now write (as I generally speak) ad populum: To the bulk of mankind, to those who neither relish nor understand the art of speaking: But who notwithstanding are competent judges of those truths, which are necessary to present and future happiness. I mention this, that curious readers may spare themselves the labour of seeking for what they will not find.*

3. *I design plain truth for plain people. Therefore of set purpose I abstain from all nice and philosophical speculations, from all perplexed and intricate reasonings; and as far as possible, from even the shew of learning, unless in sometimes citing the original scriptures. I labour to avoid all words which are not easy to be understood, all which are not used in common life: and in particular, those kind of technical terms, that so frequently occur in bodies of divinity, those modes of speaking which men reading are intimately acquainted with, but which to common people are an unknown tongue. Yet I am not assured, that I do not sometimes slide into them unawares: It is so extremely natural to imagine, that a word which is familiar to ourselves, is so to all the world.*

4. *Nay, my design is, in some sense to forget all that ever I have read in my life. I mean to speak, in the general, as if I had never read one author, ancient or modern (always excepting the inspired.) I am persuaded, that on the one hand, this may be a means of enabling me more clearly to express the sentiments of my heart, while I simply follow the chain of my own thoughts, without entangling myself with those of other men: And that, on the other, I shall come with fewer weights upon my mind, with less of prejudice and prepossession, either to search for myself, or to deliver to others, the naked truths of the gospel.*

5. *To candid, reasonable men I am not afraid to lay open what have been the inmost thoughts of my heart. I have thought, "I am a creature of a day, passing thro' life, as an arrow through the air. I am a Spirit, come from GOD, and returning to GOD: Just hovering over the Great Gulph; till a few moments hence, I am no more seen: I drop into an unchangeable eternity! I want to know one thing, the way to Heaven: How to land safe on that happy shore. GOD himself has descended to teach the way; for this very end he came from Heaven. He hath written it down in a book. O give me that book! At any price give me the book of GOD! I have it; Here is knowledge enough for me. Let me be Homo unius libri. Here then I am, far from the busy ways of men. I sit down alone: Only GOD is here. In his presence I open, I read his book; for this end, to find the way to Heaven. Is there a doubt concerning the meaning of what I read? Does any thing appear dark intricate? I lift up my heart to the Father of lights. "Lord, is it not thy word, If any man lack wisdom, let him ask of GOD? Thou givest liberally and upbraidest not; Thou hast said, If any be willing to do thy will, he shall know. I am willing to do. Let me know thy will." I then search after and consider parallel passages of scripture, comparing Spiritual things with Spiritual. I meditate thereon, with all the attention and earnestness of which my mind is capable. If any doubt still remain, I consult those who are*

experienced in the things of GOD: And then, the writings whereby be/ing dead, they yet speak. And what I thus learn, that I teach.

6. I have accordingly set down in the fol/lowing Sermons, what I find in the bible concerning the way to Heaven; with a view to distinguish this way of GOD, from all those which are the inventions of men. I have endeavoured to describe the true, the scriptural, experimental religion, so as to omit nothing which is a real part thereof, and to add nothing thereto which is not. And herein it is more especially my desire, first, to guard those who are just setting their faces toward Heaven, (and who having lit/tle acquaintance with the things of GOD, are the more liable to be turned out of the way) from formality, from me outside re/ligion, which has almost driven heart-reli/on out of the world: And secondly, To warn those who know the religion of the heart, the faith which worketh by love, left at any time they make void the law thro' faith, and so fall back into the snare of the Devil.

7. By the advice and at the request of some of my friends, I have prefixt to the other sermons contained in this volume, three sermons of my own and one of my Brother's, preached before the University of Oxford. My design requied some discour/ses on those heads. And I preferred these before any others, as being a stronger an/swer than any which can be drawn up now, to those who have frequently asserted,— "That we have changed our doctrine of late, and do not preach now, what we did some years ago."

8. Any man of understand/ing may now judge for himself, when he has compared the latter with the former Ser/mons. But some may say, I have mistaken the way myself, altho' I take upon me to teach it to others. It is possible, many will think this, and it is very probable, that I have. But I trust, whereinsover I have mis/taken, my mind is open to conviction. I sincerely desire to be better informed. I say to GOD and man, "What I know not, teach thou me!"

9. Are you persuaded, you see more clear/ly than me? It is not unlikely that you may. Then, treat me, as you would desire to be treated yourself upon a change of circum/stances. Point me out a better way than I have yet known. Sh me it is so, by plain proof of scripture. And if I linger in the path I have been accustomed to tread, and therefore unwilling to leave, labour with me a little, take me by the hand, and lead me as I am able to bear. But be not displeased if I entreat you, not to beat me down, in or/der to quicken my pace: I can go but feebly and slowly at best; then, I should not be able to go at all. May I not request of you further, not to give me hard names, in or/der to bring me into the right way? Sup/pose I was ever so much in the wrong. I doubt this would not set me right. Rather, it would make me run so much the farther from you, and so get more and more out of the way.

10. Nay, perhaps, if you are angry, so shall I be too; and then there will be small hopes of finding the truth. If once anger a/rise, (as Homer somewhere expresses it) this smoke will so dim the eyes of my soul, that I shall be able to see nothing clearly. For GOD'S sake, if it be possible to avoid it, let us not provoke one another to wrath. Let us not kindle in each other this fire of Hell; much less, blow it up into a flame. If we could discern truth by that dreadful light, would it not be loss, rather than gain? For how far is love, even with many wrong opinions, to be preferred before truth itself without love? We may die without the knowledge of many truths, and yet be car/ried into Abraham's bosom. But if we die without love, what will knowledge avail? Just as much as it avails the Devil and his Angels!

The GOD of love forbid we should ever make the trial! May he prepare us for the knowledge of all truth, by filling our hearts with all his love, and with all joy and peace in believing.

ANEXO B - A CIRCUNCISÃO DO CORAÇÃO

John Wesley

Pregado na Igreja de St. Mary, Oxford, diante da Universidade.

1º. Janeiro de 1733.

"Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não na letra, cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus" (Romanos 2:29)

1. Um homem excelente fez uma observação melancólica: hoje, aquele que prega os deveres mais essenciais do Cristianismo, corre o risco de ser considerado, por uma grande parte de seus ouvintes, como se fosse um "divulgador de novas doutrinas. A maior parte das pessoas tem vivido tão distante da substância da religião que, no entanto, ainda professam, que imediatamente após o anúncio de quaisquer das verdades propostas para diferenciar o Espírito de Cristo do espírito do mundo, exclama: "Vocês nos traz aos ouvidos coisas estranhas e queremos saber o que vem a ser isso", embora o pregador esteja somente anunciando a elas "Jesus e a ressurreição", com a consequência necessária disso: Se Cristo ressurgiu, devemos então morrer para o mundo e viver totalmente para Deus!

2. Dura palavra esta, para o homem natural, que está vivo para o mundo e morto para Deus! Tal palavra não será rapidamente acolhida pelo indivíduo como sendo uma verdade de Deus, a não ser que ela seja tão modificada em sua interpretação, a ponto de não restar mais nada de seu uso e significado. Ele "não recebe" as palavras "do Espírito de Deus", tomada em seu sentido claro e óbvio: "são loucura para ele"; nem pode, na verdade, recebê-las, "porque elas se discernem espiritualmente". São perceptíveis somente por meio daquele sentido espiritual, que nele jamais se despertou. Por falta deste sentido, o ser humano natural rejeita como se fossem vãs fantasias dos homens aquilo que, na realidade, é tanto sabedoria quanto poder de Deus.

3. Que "a circuncisão é a do coração, pelo Espírito, não segundo a letra"; que as marcas distintivas de alguém que verdadeiramente segue a Cristo e se encontra num estado de aceitação por Deus não só nem a circuncisão exterior, ou o batismo, ou qualquer outra forma externa, mas um reto estado da alma, uma mente e um espírito renovados segundo a imagem Daquele que o criou: eis uma das verdades importantes que só podem ser discernidas espiritualmente. E isto o próprio apóstolo sugere nas palavras que se seguem: "...cujo louvor não procede de seres humanos, mas de Deus". Como se dissesse: "Não espere – independente de quem você for, que assim segue seu grande Mestre – que o mundo, ou alguém que não segue este Mestre, venha a dizer: "Muito bem, servo bom e fiel!" Saiba que a circuncisão do coração, o selo de seu chamado, é loucura para o mundo. Contenta-se em esperar por sua recompensa até o dia da manifestação do Senhor. Naquele dia, você terá o louvor de Deus na grande assembleia de homens e anjos".

Assim, pretendo, primeiro, investigar particularmente em que consiste essa circuncisão do coração; e, em segundo lugar, apresentar algumas reflexões que naturalmente vêm à tona durante tal investigação.

I

1. Desejo investigar, primeiro, em que consiste essa circuncisão do coração, a qual receberá o louvor de Deus. De um modo geral, podemos observar que ela é a disposição habitual de alma que, nas Escrituras Sagradas, é denominada "santidade"; e que implica diretamente em ser limpo do pecado, "de toda impureza da carne e do espírito", e, conseqüentemente, em ser dotado das virtudes que também havia em Cristo Jesus; ser de tal modo "renovado no espírito de nosso entendimento", a ponto de ser "perfeito como nosso Pai celestial é perfeito".

2. Sendo mais específico: a circuncisão do coração implica em humildade, fé, esperança e caridade. A humildade, uma correta apreciação de nós mesmos, purifica nossas mentes daqueles elevados conceitos de nossa própria perfeição, da inadequada opinião acerca de nossas capacidades e talentos, que são o fruto genuíno de uma natureza corrompida. A humildade corta pela raiz este pensamento vão: “Sou rico, sábio e de nada preciso”; e convence-nos de que somos, por natureza, desventurados, pobres, miseráveis, cegos e nus. “Convença-nos de que, na melhor das hipóteses, nós vivemos, por natureza, em todo pecado e vaidade; que a confusão, a ignorância e o erro reinam sobre nosso entendimento; que as paixões irracionais, terrenas, sensuais e diabólicas usurpam a autoridade sobre nossa vontade; numa palavra: que não há nenhuma parte sã em nossa alma, que todos os fundamentos da nossa natureza estão desviados.”

3. Estamos convencidos, ao mesmo tempo, de que não somos capazes de auxiliar-nos a nós mesmos; de que, sem o Espírito de Deus, nada podemos fazer, a não ser acrescentar pecado sobre pecado; de que é somente Ele que opera em nós, por meio de seu poder ilimitado, tanto o desejar o bem quanto praticá-lo; sendo-nos tão impossível nutrir mesmo um só bom pensamento sem a assistência de seu Espírito, quanto criar-nos a nós mesmos ou renovar totalmente as nossas almas em justiça e verdadeira santidade.

4. Um efeito que indica com certeza a formação deste reto juízo sobre a pecaminosidade e a incapacidade de nossa natureza é o desprezo daquela “glória que vem de pessoas”, que usualmente decorre de qualquer excelência que se supunha existir em nós. Aquele que conhece a si mesmo não deseja nem aprecia o louvor que sabe não merecer. É, pois, coisa sem importância para ele o “ser julgado por um tribunal humano”. Tal pessoa tem toda razão de pensar, comparando as coisas que têm sido afirmadas a seu respeito – seja a seu favor ou contra ela – com aquilo que sente em seu próprio peito, que o mundo, exatamente como o deus deste mundo, “é mentiroso desde o princípio”. E o mesmo se aplica no tocante aos que não são do mundo : supondo que pudesse escolher, se fosse da vontade de Deus, que a considerassem como alguém desejosa de ser tida como mordomo fiel dos bens de seu Senhor; se porventura isto fosse um meio de capacitá-la para ser mais útil aos seus companheiros; ainda que este seja o único motivo de sua vontade de ser aprovada por eles, ela não confiaria nisso de modo algum: pois tem certeza de que , qualquer que seja a vontade de Deus, jamais faltará a Ele os instrumentos para realizá-la, uma vez que Ele é capaz de levantar servos para fazer sua vontade mesmo dentre as pedras.

5. Esta é a humildade da mente que aprenderam de Cristo todos aqueles que seguem seu exemplo e trilham seus passos. E tal conhecimento de sua enfermidade, pelo qual são mais e mais purificados de uma parte dela – do orgulho e da vaidade – predispõe-lhes a abraçar, de boa vontade, a segunda coisa implicada na circuncisão do coração: aquela fé que é a única capaz de os curar por inteiro; o único remédio dado debaixo dos céus para sanar sua enfermidade.

6. A melhor guia de cego, a luz mais segura para os que estão em trevas, o mestre mais perfeito para os tolos é a fé. Mas deve ser uma fé que seja “poderosa em Deus para destruir fortalezas” – para destruir todos os preconceitos da razão corrompida, todas as falsas máximas reverenciadas entre as pessoas, todos os maus hábitos e costumes, toda aquela “sabedoria do mundo, que é loucura para Deus”; assim como “destruindo raciocínios falaciosos e toda arrogância que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo”.

7. “Tudo é possível ao que “assim crê. “Os olhos do seu entendimento sendo iluminados” ele vê qual é a sua vocação: glorificar a Deus, que o comprou por preço tão elevado, tanto em seu corpo como em seu espírito, que agora pertencem a Deus pela redenção, assim como pela criação. Ele sente qual é “a suprema grandeza deste poder”, que, assim como levantou a Cristo dentre os mortos, também é capaz de vivificar-nos, a nós que estamos mortos no

pecado, “pelo seu Espírito que habita em nós”. E esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé; aquela fé que não simplesmente a concordância inabalável com tudo quanto Deus revelou na Escritura – e em particular aquelas verdades importantes: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”; “Ele levou nossos pecados em seu próprio corpo para o madeiro; “Ele é a propiciação pelos nossos pecados - e não somente pelos nossos próprios, mas pelos do mundo inteiro” -, mas também a revelação de Cristo em nossos corações; uma divina evidência ou convicção de seu amor, seu livre e imerecido amor por mim, pecador; uma firme confiança em sua misericórdia perdoadora, forjada em nós pelo Espírito Santo; uma confiança pela qual todo verdadeiro crente é habilitado a testemunhar: “Sei que o meu Redentor vive”, que tem um “Advogado junto ao Pai” e que “Jesus Cristo, o Justo” é meu Senhor e “a propiciação pelos meus pecados; Sei que Ele me amou e se entregou por mim”; que Ele me reconciliou com Deus” e “tenho redenção pelo seu sangue e o perdão de pecados”.

8. Uma fé desta natureza, evidentemente, não pode deixar de revelar o poder Daquele que a inspira, libertando os seus filhos e filhas do jugo do pecado e “purificando sua consciência de obras mortas”; fortalecendo-os de tal modo que não são mais constrangidos a obedecer ao pecado em seus desejos, mas em lugar de “entregarem seus membros à iniquidade”, “como instrumentos de injustiça”, agora “se entregam” inteiramente “a Deus, como pessoas que passaram da morte para a vida”.

9. Os que são, assim, nascidos de Deus, pela fé, também têm forte consolação na esperança. Esta é a segunda implicação da circuncisão do coração, a saber: o testemunho de seu próprio espírito com o Espírito, que testifica em seus corações que são filhos de Deus. Na verdade, é o mesmo espírito que opera neles a confiança clara e alegre de que seu coração é reto para com Deus; aquela firme segurança de que agora praticam, por meio da Sua graça, as coisas que são aceitáveis à Sua vista; de que agora se encontram no caminho que leva à vida e, pela misericórdia de Deus, deverão perseverar nele até o fim. É Ele quem lhes concede a viva expectativa de receber das mãos de Deus todas as boas dádivas; uma jubilosa expectativa por aquela coroa de glória que está reservada a eles nos céus. Por essa âncora, o cristão ou cristã se mantém firme em meio às ondas tempestuosas deste mundo, sendo protegido de bater contra duas rochas fatais: a presunção e o desespero. Ele não se desanima pelo mal entendimento da severidade de seu Senhor, nem “despreza as riquezas de sua bondade”. Não considera que as dificuldades da carreira que lhe está proposta sejam maiores do que suas forças para vencer, nem espera que elas sejam tão pequenas que as possa vencer antes de esgotar todas as suas energias. A experiência que já possui do combate cristão assegura-lhe que seu “trabalho não é vão”, se realiza “com energia tudo que chega até suas mãos”; assim, está impedido de cultivar pensamentos vãos, como se pudesse demonstrar qualquer virtude ou alcançar qualquer louvor por meio de corações fracos ou mãos trêmulas; ou, na verdade, por qualquer um que não persiga o mesmo caminho do grande Apóstolo dos Gentios, que afirma: “Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado”.

10. Pela mesma disciplina, todo bom soldado de Cristo se adentra para suportar as provações. Confirmado e fortalecido por isto, ele não apenas renuncia as obras das trevas, mas todo desejo e toda disposição que não está sujeita à lei de Deus. Porque, como afirma São João, “E todo o que tem essa esperança nele, purifica a si mesmo, assim como ele é puro”. Seu cuidado diário é, pela graça de Deus em Cristo e mediante o sangue da aliança, purificar os mais íntimos recantos de sua alma das concupiscências que anteriormente a dominavam e contaminavam; da impureza, inveja, malícia e ira; de toda paixão e temperamento que sejam segundo a carne, oriundos de sua corrupção natural ou que a satisfaçam, estando bem ciente de que aquele cujo próprio corpo é templo de Deus não deve admitir coisa alguma que seja vulgar ou impura; e essa santidade faz com que aquela casa venha a ser, para sempre, o lugar em que o Espírito de santidade aceita habitar.

11. Ainda falta uma coisa a você, não importando quem sejas, que decidiu unir à profunda humildade e à fé inabalável uma viva esperança e, deste modo, purificou em boa medida o seu coração de sua poluição original. Se você deseja ser perfeito, acrescenta em tudo isso a caridade; acrescente o amor e você terá a circuncisão do coração. “O amor é o cumprimento da lei e o fim do mandamento”. Coisas muito excelentes são ditas do amor: é a essência, o espírito, a vida de toda a virtude. Não é somente o primeiro e grande mandamento, mas todos os mandamentos em um só. “Tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável” ou digno de honra, “se alguma virtude, se há algum louvor”, tudo isto se acha compreendido numa só palavra: amor. Nele está a perfeição, a glória e a felicidade. A lei Real dos céus e da terra é esta: “Ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e com toda a sua força”.

12. Não que esse mandamento nos proíba de amar qualquer coisa além de Deus: ele implica em que devemos amar nossos irmãos e irmãs, também. Nem mesmo nos proíbe (como alguns estranhamente imaginam) de ter prazer em qualquer coisa, exceto Deus. Supor algo deste tipo é imaginar que a Fonte da santidade é diretamente o autor do pecado; uma vez que Ele anexou inseparavelmente o prazer ao uso daquelas criaturas que são necessárias para sustentar a vida que nos deu. Portanto, este jamais pode ser o significado de seu mandamento. O sentido real deste mandamento nos foi dito por nosso bendito Senhor e seus apóstolos de modo bastante frequente e muito claro para que seja mal compreendido. Todos eles testificam a uma só voz que é a verdadeira significação das diversas declarações, como: “O Senhor seu Deus é o único Senhor; “não terás outros deuses diante de mim”; “amarás o Senhor seu Deus de toda a sua força”; “permaneça no Senhor”; “seu nome será o desejo de sua alma”; não é outro, senão este: o único perfeito Bem deve ser seu último fim. Uma coisa só você deve desejar para o seu próprio bem: gozar daquele que é Tudo em todas as coisas. Você deve propor uma felicidade à sua alma: tornar-se uma como Aquele que a criou; ter “comunhão com o Pai e o Filho”; estar unida ao Senhor em um Espírito. Um objetivo você deve perseguir até o fim dos tempos: o gozo de Deus, no tempo e na eternidade. Deseje outras coisas, na medida em que elas atendam para esse fim. Ame a criatura conforme ela conduza você ao Criador. Porém, em cada passo que você der, que seja este fim glorioso a determinar sua visão. Faça com que toda disposição, pensamento, palavra e obra se subordinem a isto. Seja o que for que você deseje ou tema, procure ou evite, pense, fale ou faça, que seja com o propósito de sua felicidade em Deus, o único Fim, assim como a única Fonte, de seu ser.

13. Não tenha nenhum objetivo final, nenhum fim último, senão Deus. Assim diz o Senhor: “Uma coisa te é necessária”; e, se os seus olhos se fixarem com simplicidade nessa coisa única, “todo seu corpo será cheio de luz”. Assim de São Paulo: “Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficam para trás e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”. São Tiago ensina: “Limpem as mãos, pecadores! E vocês que são indecisos, purifiquem o coração. Diz São João: “Não amém o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele porque tudo o que há no mundo - os desejos da carne, os desejos dos olhos e a soberba da vida - não procede do Pai, mas procede do mundo”. A procura da felicidade naquilo que satisfaz o desejo da carne, impactando agradavelmente os sentidos externos; o desejo dos olhos, da imaginação por sua novidade, grandiosidade, poder ou beleza; ou a soberba da vida, seja a pompa grandeza, poder ou a consequência habitual deles - louvor e admiração – “não vem de Deus”, não procede, nem é aprovado pelo Pai dos espíritos, “mas do mundo”; esta é a marca distintiva daqueles que não desejam ser governados por Ele.

II

1. Investiguei especificamente o que seja circuncisão do coração, que alcança o louvor de Deus. Passo a mencionar, em segundo lugar, algumas reflexões que naturalmente

resultam de tal investigação, com uma regra clara pela qual toda pessoa pode julgar por si mesma se pertence ao mundo ou a Deus.

Primeiro, a partir do que foi dito anteriormente, torna-se claro que ninguém possui qualquer direito de receber o louvor de Deus, a não ser que seu coração seja circuncidado pela humildade; a não ser que seja pequeno, baixo, vil a seus próprios olhos; a não ser que esteja profundamente convencido da “corrupção de sua natureza” “pela qual se encontra muito distante de sua justiça original”, tendendo a todo tipo de mal, avesso a qualquer tipo de bem; corrupto e abominável; possuindo uma “mente carnal” que é “inimizade contra Deus, pois não está sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode estar; a não ser que continuamente sinta no íntimo de sua alma que, sem o Espírito Santo repousando sobre si, jamais pode pensar, nem desejar, falar ou fazer nenhum bem ou coisa que seja agradável à vista de Deus.

Ninguém, reafirmo, possui qualquer título de que agrade a Deus, até que sinta falta de Deus; na verdade, até que busque “a glória que vem do Deus único”, não desejando nem buscando a glória que vem dos humanos, a não ser apenas até o ponto em que tendam para a glória de Deus.

2. Outra verdade que naturalmente decorre do que fora dito é que ninguém alcançará a honra que vem de Deus enquanto seu coração não for circuncidado pela fé, ou seja, “fé no poder de Deus”; enquanto não se recusar a ser guiado por seus sentidos, apetites ou paixões, ou ainda por aquele cego que conduz outro cego, tão idolatrada pelo mundo - a razão natural -, mas, ao contrário, viva e ande pela fé; dirija todos os seus passos “como quem vê aquele que é invisível”, “não olhando as coisas visíveis, que são temporais, mas para as coisas que, sendo invisíveis, são eternas; e governe todos os seus desejos, desígnios e pensamentos, todas as suas ações e conversações, como quem penetrou através do véu, onde Jesus se assenta à direita de Deus.

3. Seria muito mais desejável que aqueles que empregam a maior parte de seu tempo e esforços na construção de outro fundamento, baseando na religião da eterna *adequação* das coisas, na *excelência* intrínseca da virtude, e na *beleza* das ações que fluem dela; nas *razões* - conforme eles a denominam - do bem e do mal, e nas *relações* dos seres entre si, fossem alcançados por aquela fé. Não importando se estes postulados sobre o dever cristão coincidem com as Escrituras ou não. Se coincidem, por que pessoas bem-intencionadas ficam perplexas e se desviam de temas mais duros da lei, por meio de uma multidão de termos, pelos quais as verdades mais fáceis são explicadas de modo obscuro? Se não coincidem com as Escrituras, importa-lhes considerar quem é o autor dessa nova doutrina, sabendo que, mesmo que seja semelhante ao anjo dos céus, qualquer um que pregue outro evangelho diferente do de Jesus Cristo, já tem sua sentença decretada não por nós, mas por Deus, que assim diz: “Seja anátema”.

4. Nosso Evangelho, não conhecendo nenhum outro fundamento de boas obras a não ser a fé, e nenhum outro fundamento da fé a não ser Cristo, claramente nos informa que não somos seus discípulos, enquanto negamos ser Ele o autor, bem como seu Espírito o Inspirador e Aperfeiçoador, tanto dessa fé quanto de nossas obras. “E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele”. Somente ele pode vivificar os que estão mortos para Deus e e infundir neles o sopro da vida cristã, deste modo, precedendo, acompanhando e seguindo os vivificados com sua graça até fazer com que seus bons desejos se tornem realidade efetiva. E “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”. Esta é a breve e clara exposição da verdadeira religião e virtude, da parte de Deus; e “ninguém pode lançar outro fundamento”.

5. Do que já foi dito anteriormente, podemos aprender, em terceiro lugar, que ninguém é verdadeiramente “guiado pelo Espírito”, a não ser que o “Espírito testifique com seu espírito que ele é filho de Deus”; a não ser que contemple o prêmio e a coroa diante de si e se glorie “na esperança da glória de Deus”. Erram gravemente todas as pessoas que ensinaram que, ao servir a Deus, não deveríamos contemplar a nossa própria felicidade! Pelo contrário, temos

sido frequentemente ensinados por Deus “a contemplar a recompensa”, equilibrar o esforço com a “alegria que nos está proposta”, estas “leves e momentâneas tribulações” com aquele “eterno peso de glória”. Sim, nós somos “estranhos à aliança da promessa”, vivemos “sem Deus no mundo”, até que Deus “nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança que não pode ser destruída, que não fica manchada, que não murcha.”

6. Contudo, se as coisas são deste modo, o tempo urge por aqui para aquelas pessoas que lidam fidedignamente com suas próprias almas e estão muito distantes de encontrar em si mesmas esta alegre segurança de que cumpre os requisitos e receberão as promessas da aliança, como se murmurassem contra a própria aliança e blasfemassem contra os seus termos. Queixam-se de que tais termos sejam muito severos e que nenhuma pessoa jamais viveu ou deverá viver por eles.

O que vem a ser isto, senão uma reprovação ao próprio Deus, como se ele fora um Mestre intransigente, exigindo de seus servos mais do que os capacita a cumprir. Como se Ele zombasse das obras impotentes de suas mãos amarrando-as em impossibilidades; ordenando que triunfem, quando nem de sua própria força, nem a graça são suficientes para eles?

7. Esses blasfemadores que poderiam até mesmo quase persuadir aqueles que se imaginam inculpáveis e, opostamente, esperam satisfazer os mandamentos de Deus sem passar por qualquer sofrimento. Tola esperança! Que um filho de Adão poderia esperar ver o reino de Cristo e de Deus sem lutar; sem *agonizar*, primeiro, para “entrar pela porta estreita”! Que alguém “concebido e nascido em pecado” e “cujas entranhas são iniquidade” pudesse cultivar o único pensamento de ser purificado como seu Senhor é puro, a não ser que siga Seus passos e “tome sua cruz diariamente”; a não ser que “corte sua mão direita” e “arranque o olho direito e o lance fora! Que pudesse sequer sonhar em ser liberto de suas velhas opiniões, paixões e temperamentos, sendo “santificado completamente em espírito, alma e corpo”, sem uma contínua e constante conduta de negar a si mesmo!

8. Que outra coisa poderíamos inferir das palavras acima citadas de São Paulo, que, vivendo “em enfermidades, em opróbrios, em necessidades, em perseguições, em penúrias” por amor de Cristo; sendo cheio de “sinais, prodígios e feitos maravilhosos”, tendo até “subido ao terceiro céu”; e mesmo assim, como um escritor posteriormente expressou com ênfase, precisando reconhecer que todas as suas virtudes seriam incertas e até mesmo sua salvação ameaçada, se não negasse a si mesmo continuamente? “Assim corro também eu - diz São Paulo - não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar”, ensinando-os claramente que aquele que não corre desta maneira, que não se nega a si próprio, corre na incerteza e combate com um propósito tão pequeno como o do lutador que “golpeia o vento”.

9. A respeito deste propósito tão pequeno, ele fala sobre “combater o bom combate da fé” e como esperam inutilmente conquistar a coroa incorruptível (como podemos, finalmente, inferir das observações anteriores) aqueles cujo coração não está circuncidado pelo amor. O amor, que corta os desejos da carne, os desejos os olhos e a soberba da vida; que empenha todo ser humano – corpo, alma e espírito - na ardente busca daquele único objetivo; é tão essencial um filho ou filha de Deus que, sem ele, embora viva qualquer pessoa é reputada como morta diante do Senhor. “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens para os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, isso de nada me adiantará.

10. Eis, pois, aí a síntese da lei perfeita; esta é a verdadeira circuncisão do coração. Volte o espírito para Deus que o criou, com todas as tendências de suas afeições. “Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde corra os rios, para lá eles voltam a correr”. Deus não exige de nós outros sacrifícios, mas apenas o sacrifício vivo do coração que ele escolheu. Que ele seja continuamente oferecido a Deus por meio de Cristo, em chamas de amor santo! E que nenhuma outra criatura divida isso com Ele, pois é um Deus ciumento! Ele não dividirá seu trono com ninguém: Ele governará sem rivais. Que nenhum outro objetivo ou desejo existam além daqueles que tenham o Senhor como seu último objetivo. Este é o caminho pelo qual andaram aqueles filhos e filhas de Deus que, estando mortos, ainda falam a nós: “Não deseje viver, mas louvar o Seu nome: que todos os seus pensamentos, palavras e obras tendam para sua glória. Firme seu coração Nele e nas demais coisas apenas enquanto estiverem Nele e procederem Dele. Que sua alma seja cheia de amor por Ele a ponto de você não amar coisa alguma a não ser por amor a Ele”. Tenha um coração puro, uma atenção contínua para glorificá-lo em todas as suas ações. “Mantenha seus olhos fixos na esperança bendita de sua vocação e faça com que todas as coisas do mundo se sujeitem a ela, pois então, e somente então, haverá em nós “aquela mente que havia também em Cristo Jesus”. Quando, em cada batida de nosso coração, cada palavra de nossa língua, cada obra de nossas mãos, “buscarmos nada além dele ou que seja esteja subordinado ao Seu prazer”; quando, além disso, não pensarmos, falarmos ou agirmos para satisfazer “nossa própria vontade, mas a vontade daquele que nos enviou”; quando, “quer comamos ou bebamos, ou façamos qualquer outra coisa, façamos tudo para a glória de Deus”.

ANEXO C - O ARREPENDIMENTO DOS CRENTES

John Wesley

Londonderry, 24 de Abril 1767

*'O tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo.
Arrependei-vos e crede no Evangelho'. (Marcos 1:15)*

1. Supõe-se geralmente que o arrependimento e a fé são apenas o portal da religião; que eles são necessários apenas no começo de nossa trajetória cristã, quando estamos adentrando o caminho para o reino. E isto pode ser confirmado pelo grande Apóstolo, quando exortando os cristãos hebreus a “buscarem a perfeição”, os ensina a deixarem esses primeiros “princípios elementares da doutrina de Cristo” a fim de que “avancemos para o que é perfeito, não lançando de novo a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus”; o que pode significar, por fim, que eles deveriam deixar, comparativamente, esses que a princípio tomaram todos os seus pensamentos com o objetivo de prosseguir “para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”.

2. E é indubitavelmente verdade que existe um arrependimento e uma fé que são mais especificamente necessárias no início: o arrependimento que é a convicção de nossa mais completa pecaminosidade, culpabilidade e impotência; - que precede nosso recebimento do reino de Deus que, segundo o nosso Senhor observa, está “entre vocês”; e uma fé por meio da qual recebemos aquele reino; até mesmo “justiça, paz e alegria no Espírito Santo”.

3. Não obstante isso, existe também um arrependimento e uma fé (aplicando às palavras um outro sentido; nem completamente idêntico e nem inteiramente diferente) que são requisitados depois de termos “acreditado no Evangelho”; e em cada estágio subsequente de nossa trajetória cristã, ou não poderemos correr com perseverança a carreira que nos está proposta. E esse arrependimento e fé são tão necessários com o objetivo de nossa continuidade crescimento na graça, como a fé e o arrependimento anteriores foram, com o objetivo da nossa entrada no Reino de Deus.

Mas em que sentido nós devemos nos arrepender e acreditar depois, de sermos justificados. Esta é uma importante questão e vale a pena ser considerada com muita atenção.

I

E, primeiro, em que sentido nós devemos nos arrepender?

1. Arrependimento frequentemente significa uma mudança de mente, do pecado para a santidade. Mas, nós agora falamos em um sentido completamente diferente, como se fosse um tipo de autoconhecimento: o conhecer a nós mesmos como pecadores; pecadores culpados e impotentes, ainda que saibamos que somos “filhos de Deus”.

2. De fato, quando nós, primeiro, sabemos disso; quando nós primeiro encontramos “redenção no sangue de Cristo”; “porque o amor de Deus é” primeiro “derramado em nossos corações”, e seu reino colocado neles; é natural supor que nós não seremos mais pecadores, “que todos os nossos pecados não apenas foram cobertos, mas foram destruídos”.

Como se nós, então, não sentíssemos qualquer mal em nossos corações; nós rapidamente imaginamos que não existe coisa alguma neles. Mais ainda, algumas pessoas bem-intencionadas têm imaginado que isto não é apenas naquele momento, mas que será para sempre; tendo persuadido a si mesmos que, quando eles foram justificados, foram inteiramente santificados: sim, que eles tinham colocado como uma regra geral, a despeito das Escrituras razão e experiência. Esses sinceramente acreditam e, honestamente, afirmam que todo o pecado foi destruído quando nós fomos justificados e que não existe pecado no

coração do crente; mas que ele está completamente limpo dali em diante. Mas, embora nós rapidamente reconheçamos “que todo aquele que crê é nascido de Deus” e “que aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado”, ainda assim, nós não podemos permitir que ele não o sinta dentro de si: ele pode não reinar, mas ainda permanece. E “a convicção do pecado que permanece em nosso coração” é o grande motivo do arrependimento do qual nós estamos falando a respeito.

3. Já que não demora muito para a pessoa, que imaginava ter desaparecido todo pecado, sentir que ainda orgulho em seu coração, ela se convence em diversos sentidos: perceber ter pensado de si mesma mais altamente do que deveria e, por ter considerado como o próprio mérito que tenha, meramente, recebido, apesar de saber que depende do favor de Deus, ela não pode e não deve “perder a sua confiança”. “O Espírito” ainda “testemunha com seu espírito que ela é filha de Deus”.

4. Nem foi muito tempo antes que ela sentisse vontade própria em seu coração; mesmo uma vontade contrária à vontade de Deus. Uma vontade que toda pessoa deve inevitavelmente ter, por tanto tempo quanto ela tiver entendimento. Esta é uma parte essencial da natureza humana, realmente, da natureza de toda a existência inteligente. Nosso abençoado Senhor, por si mesmo, tinha vontade própria como qualquer pessoa; do contrário, Ele não teria sido um ser humano. Mas sua vontade humana estava invariavelmente sujeita à vontade de seu Pai. Em todos os momentos e em todas as ocasiões mesmo na mais profunda aflição, ele pode dizer: “Contudo, não seja como eu quero, e sim como tu queres”. “Contudo, isso não é sempre o caso, nem do nem no seguidor mais fiel de Cristo. Ele frequentemente certifica-se que sua vontade, mais ou menos, exalta a si mesmo contra a vontade de Deus. Ele deseja alguma coisa porque isso é agradável à sua natureza, mas que não é agradável a Deus, e, ele é avesso a alguma, que seja dolorosa à sua natureza, mas que é da vontade de Deus com respeito a ele. De fato, supondo-se que ele continue na fé, ele luta contra ela com toda sua força; mas essa mesma coisa implica que ela realmente existe e que ele está consciente dela.

5. Agora, egoísmo, assim como orgulho, é uma forma de idolatria, e ambos estão diretamente contrários ao amor de Deus. A mesma observação pode ser feita com respeito ao amor do mundo. Mas isso, igualmente, mesmo os verdadeiros fiéis são capazes de sentir em si mesmos; e cada um deles sente isso, mais ou menos, cedo ou tarde, de um modo ou de outro. É verdade que, quando a pessoa, primeiro, “passa da morte para a vida”, ela deseja nada mais do que Deus. Ela pode verdadeiramente dizer: “Na tua presença, Senhor, estão os meus desejos todos” e “no teu nome e na tua memória está o desejo de nossa alma”: “Quem tenho eu no céu além de ti? E quem poderia eu querer na Terra além de ti? Mas isto não acontece sempre assim. No decurso do tempo, ela irá sentir novamente, embora, talvez, apenas por alguns momentos, tanto “o desejo da carne”, ou “o desejo dos olhos”, ou “a soberba da vida”. Mais ainda. Se ela não “vigiar e orar” continuamente, poderá encontrar a luxúria reavivando; sim, e levando-lhe aflição, para que a pessoa possa cair, até que escassamente tenha alguma força restante em si. Ela pode sentir os assaltos da afeição desordenada; uma forte propensão a “adorar e servir a criatura em lugar do Criado”, seja uma criança ou seus pais, um marido ou sua esposa, ou um amigo íntimo”.

Ela pode sentir, de milhares de maneiras diferentes, um desejo das coisas mundanas ou prazerosas. Na mesma proporção, a pessoa irá esquecer-se de Deus; não buscando sua felicidade nele e, conseqüentemente, sendo “mais um amigo dos prazeres do que os prazeres do que amigos de Deus”.

6. Se a pessoa não se resguardar, a todo momento, ela irá sentir novamente o desejo dos olhos; o desejo de gratificar sua imaginação com alguma coisa grande, bonita ou incomum. E em quantas maneiras esse desejo assalta a sua alma! Talvez, com respeito a poucas ninharias, tais como vestuário e mobílias; coisas nunca designadas a satisfazer o apetite de um espírito imortal. Ainda assim, com o natural é para nós, mesmo depois de termos

“provado a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro” mergulharmos novamente nessas tolices; desejo vil de coisas que perecem ao uso! Quão difícil é, mesmo para aqueles que “sabem que eles têm crido” vencer um ramo do desejo do olho, a curiosidade; constantemente, para esmagá-la debaixo de seus pés; para desejar nada, meramente porque é novo.

7. E quão difícil é, mesmo para os filhos de Deus, dominar totalmente o orgulho da vida! São João parece querer dizer, através disso, aproximadamente o mesmo que a palavra denomina “o senso de honra”. Este não é outro que um desejo, e deleita-se na “glória que vem de pessoas”; um desejo e amor ao elogio; e, que vem sempre junto com ele, o medo de desagradar. Quase aliada a isso o falso pudor; o estar envergonhado daquilo da qual deveríamos nos gloriar. E isto é raramente separado do “medo dos outros” que traz milhares de armadilhas à alma. Agora onde está a pessoa que, mesmo em meio aos que parecem fortes na fé, não encontra em si mesmo um grau de todos esses temperamentos destrutivos? Assim sendo mesmo esses não estão - a não ser em parte - “crucificados para o mundo”; já que as raízes do mal permanecem em seus corações.

8. E nós não sentimos outros temperamentos que são contrários ao amor de nosso próximo, assim como são para o amor de Deus? O amor do nosso próximo não se “ressente do mal”. Nós não encontramos coisa alguma desse tipo? Nós nunca encontramos algum ciúme; algumas suspeitas malignas; alguma suspeita infundada ou irracional? Ele que é claro nesses aspectos, que “seja o primeiro a atirar uma pedra” em seu próximo. Quem, algumas vezes, não sente outros temperamentos movimentos interiores que ele sabe são contrários ao amor fraterno? Se nada de malícia, ódio ou amargura; se não existe toque algum de inveja; particularmente, em direção àqueles que desfrutaram de um bem real ou suposto, que nós desejamos, mas não podemos obter? Nós nunca encontramos algum grau de ressentimento quando nós estamos injuriados ou somos afrontados; especialmente para aqueles a quem particularmente amamos e a quem nós temos mais trabalhado para ajudar ou obsequiado? A justiça ou ingratidão nunca despertou em nós algum desejo de vingança? Algum desejo de pagar o mal com o mal; em vez de “vencer o mal com o bem?” Isto também mostra o quanto há de tranquilidade em nossos corações que é contrário ao amor ao nosso próximo.

9. A cobiça, em qualquer grau, é certamente tão contrária a isto quanto o é para o amor a Deus; seja o amor ao dinheiro, que é tão frequentemente “a raiz de todos os males”; ou literalmente o desejo de ter mais, ou aumentar a fortuna. E quão poucos, mesmo os reais filhos de Deus, estão inteiramente livres de ambos! De fato, um grande homem, Martinho Lutero, costumava dizer que ele “nunca teve qualquer cobiça nele” (não apenas em seu estado de convertido, mas) “desde que ele nasceu”. Mas, se for assim, eu não tenho escrúpulos em dizer que ele era apenas um homem nascido de uma mulher (exceto aquele que era Deus, tanto quanto o ser humano), não tinha, que nasceu sem isto. Mais ainda, eu acredito, que nunca houve alguém nascido de Deus, que viveu consideravelmente algum tempo, depôs que não sentiu, mais ou menos, disso muitas vezes; especialmente, do último sentido. Nós podemos, por conseguinte, colocar, sem dúvida, como verdade, que a cobiça junto com o orgulho, o egoísmo e a ira permanece nos corações, mesmo daquele que são justificados.

10. Por causa desse tipo de experiência, tantas pessoas sérias compreenderam a última parte do sétimo capítulo aos Romanos não como uma referência a aqueles que estão “debaixo da lei” e que foram convencidos do pecado, que é sem dúvida o significado apontado pelo Apóstolo, mas como uma indicação daqueles que estão “debaixo da graça”; daqueles que são “justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus”. E é mais certo que eles estejam, assim, agindo corretamente - que ainda resta, mesmo nestes que são justificados, a mente que possui, em alguma medida, uma “inclinação da carne” (assim diz o Apóstolo até mesmo aos crentes em Corinto: “você são carnis”); um coração propenso à apostasia; ainda sempre que “se afaste do Deus vivo”; uma propensão ao orgulho,

vontade própria, ira, vingança, amor do mundo; sim, e todo mal: “a raiz da amargura” que se o empreendimento fosse tirado fora, por um momento, iria instantaneamente brotar sim, tal a profundidade da corrupção; o que, sem a luz clara de Deus, nós não podemos possivelmente conceber. E uma convicção de todo esse pecado, permanecendo em seus corações, é o arrependimento que pertence a eles que estão justificados.

11. Mas nós não podemos igualmente ser convencidos, que como o pecado permanece em nossos corações, então ele adere a todas as nossas palavras e ações. De fato, deve ser temido que muitos de nossas palavras estejam mais que misturadas com o pecado; que elas sejam um pecado completamente; já que tal é indubitavelmente toda a conversa não generosa; toda aquela que não brota do amor fraternal; toda que não concorda com a regra dourada: “tudo o que você quer que os outros façam a você, faça também a eles”. Desse tipo são todas as apostasias; todo o mexerico; todo boato, toda maledicência, ou seja, repetindo as faltas de pessoas ausentes; já que ninguém tira teria outro repetindo suas faltas em sua ausência. Agora, quão poucos existem, mesmo entre os crentes, que não são, em algum grau, ocupados disso; que prontamente observam a boa e velha regra: “do morto e do ausente, nada, a não ser o bem!” E suponham que eles façam; eles igualmente se absterem da conversa improdutiva? Isto ainda é um pecado inquestionável e “entristece o Espírito Santo de Deus”: Sim, e “no Dia do Juízo, as pessoas darão conta de toda palavra inútil que proferirem”.

12. Mas vamos supor que eles continuamente “vigiam e oram” e, então, “não caem nessa tentação”; que eles constantemente colocam um vigia diante de suas bocas e mantêm a porta de seus lábios fechada; suponha que eles exercitam, em si mesmos, que toda “conversa deve ser na graça, temperada com sal” contentando-se em ministrar graça aos ouvintes; ainda assim, eles não escorregam diariamente no discurso inútil, não obstante toda sua precaução? E mesmo quando eles se esforçam para falar por Deus, as suas palavras são puras livres de misturas profanas? Eles não encontram nada errado em suas intenções? Eles falam meramente para agradar a Deus e não parcialmente para satisfazer a si mesmos? Eles fazem totalmente a vontade de Deus e não suas próprias vontades também? Ou se eles começam com olho único, eles continuam em frente “olhando firmemente para Jesus”, falando com ele todo o tempo, que eles estão falando com seu próximo? Quando eles estão reprovando o pecado, eles não sentem ira ou temperamento indelicado para com o pecador? Quando eles estão instruindo o ignorante, eles não encontram algum orgulho?; não priorizam a si mesmos? Quando eles estão confortando o aflito ou animando uns aos outros no amor e na prática de boas obras, eles nunca percebem qualquer aprovação interior autoaprovação interior: Agora, você falou bem? Ou alguma vaidade - um desejo que outros possam pensar assim, e estimá-los, por este motivo? Em alguns desses ou em todos esses aspectos, quantos pecados aderem às melhores conversas. Até mesmo os dos crentes! A convicção disso é outro motivo de arrependimento que pertence àqueles que estão justificados.

13. E quanto pecado, se a consciência deles está totalmente desperta, eles podem encontrar aderido às suas ações também. Mais ainda: não existem muitas dessas, que, embora sejam tais que o mundo não poderia condenar, ainda assim não podem ser confiadas; não, nem desculpadas, se nós julgarmos pela palavra de Deus? Não existem muitas dessas ações que, eles mesmo sabem, não são “para a glória de Deus”? Muitas, nas quais, mesmo eles não tendo intenção disso: não foram empreendidas com um olho para Deus? E dessas que foram, não existem muitas, nas quais o olho único não está somente fixado em Deus – na qual eles estão fazendo a sua própria vontade; pelo menos, tanto quanto a do Senhor; e buscando a guardar a si mesmos, tanto quanto, se não mais do que agradam a Deus – E, enquanto eles estão se esforçando para fazer o bem ao seu próximo, eles não sentem os temperamentos errados de várias formas? Assim sendo, suas boas ações, assim chamadas, estão longe de serem estritamente tais, estando poluídas com tal mistura de mal: tais são as obras de misericórdia. E não existe a mesma mistura nelas? Enquanto eles estão ouvindo a palavra que é capaz de salvar suas almas, eles não encontram, frequentemente, tais pensamentos que os tornam num temeroso com receio de que eles conduzam à condenação

em vez da sua salvação? Este não é sempre o mesmo caso; enquanto eles estão se esforçando para oferecer suas orações a Deus, se em público ou privado? Mais ainda enquanto eles estão engajados no culto mais solene; mesmo enquanto eles estão na mesa do Senhor, quantas maneiras de pensamento surgem neles! Não estão seus corações, algumas vezes, vagueando nas extremidades da terra; algumas vezes cheios de tais imaginações que os tornam receosos que o Senhor detesta o sacrifício dos ímpios? Assim sendo, eles estão aí agora mais envergonhados de suas melhores obrigações do que estiveram uma vez de seus piores pecados.

14. Novamente: de quantos pecados de omissão estão eles encarregados! Nós conhecemos as palavras do Apóstolo: “Aquele que sabe que deve fazer o bem e não faz, nisso está pecando”. Mas eles conhecem os milhares de exemplos em que eles poderiam ter feito bem aos inimigos, aos estranhos, para seus irmãos, tanto com respeito aos seus corpos ou almas e eles não o fizeram? De quantas omissões eles têm sido ocupados em suas obrigações em direção a Deus! Quantas oportunidades de comunicação, de ouvir sua Palavra, de orar em público ou privativamente eles têm negligenciado! Tão grande motivo teve, mesmo aquele homem santo, Arcebispo Usher, depois de todo o seu trabalho para Deus, clamar em alta voz em seu último suspiro: “Senhor, perdoe meus pecados de omissão”!

15. Mas além dessas comissões exteriores, eles não podem encontrar, em si mesmos, um sem número de defeitos interiores? De todos os tipos? Eles não têm o amor, o medo, a confiança que eles deveriam ter em direção a Deus. Eles não têm amor para com seu próximo; eles não amam o filho do homem; não, nem mesmo tem o amor que é devido a seus irmãos; não amam cada filho de Deus: os que estão distantes deles ou com os quais estão imediatamente conectados. Eles não têm temperamento santo no grau que deveriam. Eles são falhos em tudo - em uma consciência profunda de que eles estão prontos a gritar assim como o Marques de Rent: “eu sou uma terra coberta de espinhos”; ou clamar como Jó “Eu sou de indigno: Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza”.

16. A convicção de suas culpas é um outro ramo daquele arrependimento que é pertence aos filhos de Deus. Mas isso deve ser cuidadosamente entendido em um sentido peculiar. Já que é certo que “não existe condenação para aqueles que estão em Jesus Cristo”; que acreditam nele e no poder daquela fé que “não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito”. Contudo eles não podem mais suportar a estrita justiça de Deus agora, do que suportavam antes de acreditarem. Isto declara que eles ainda são merecedores da morte sobre todos os relatos precedentes. E isto, absolutamente, os condenaria não fosse pelo sangue redentor. Por conseguinte, eles são totalmente convencidos que eles ainda merecem punição, embora ela seja colocada, por isso, aparte deles. Mas aqui existem extremos de um lado e de outro, poucos se desviam claramente deles. A maioria dos homens lança-se para um ou para outro extremo; tanto pensando que estão condenados quando eles não estão, quanto pensando que eles merecem ser inocentados. Mais do que isto. A verdade fica no meio-termo: eles ainda merecem, estritamente falando, apenas a condenação do inferno. Mas o que eles merecem não cai sobre eles, porque eles “têm um advogado junto ao Pai”. Sua vida, morte e intercessão ainda se interpõem entre eles e a condenação.

17. A convicção da mais extrema impotência é ainda outro ramo desse arrependimento. Eu quero dizer com isso duas coisas: primeiro, que eles não são mais capazes de pensar alguma coisa boa, de formar um bom desejo, de dizer uma boa palavra ou realizar uma boa obra, do que antes de terem sido justificados; de que eles não têm ainda uma forma ou um grau algum de força em si mesmos; ou por algum, tanto fazer o bem, quanto para resistir ao mal; habilidade alguma para conquistar ou mesmo opor-se ao mundo, ao mal e à sua própria natureza diabólica. Eles podem, é certo, fazer essas coisas; mas não pelas suas próprias forças. Eles têm poder de dominar todos esses inimigos; uma vez que “o pecado não terá domínio sobre ele”, mas isto não é da sua natureza, tanto no todo quanto na parte, este é o

“dom gratuito de Deus”; nem é dado todo, imediatamente, como se eles tivessem suprimido disposto durante muitos anos; mas a cada momento.

18. Mas por esta impotência, eu quero dizer, em segundo lugar, uma inabilidade absoluta para livrar a nós mesmos da culpa ou do deserto da punição da qual nós ainda estamos conscientes; uma inabilidade para remover através de toda a graça que temos (para não dizer coisa alguma de nossos poderes naturais) tanto o orgulho, a vontade própria, o amor do mundo, a ira e a predisposição geral a se separar de Deus, o que nós experimentalmente sabemos permanece em nossos corações; mesmo daqueles que do qual estamos regenerados; ou do mal que, a despeito de todos os nossos esforços, adere-se a todas as nossas palavras e ações. Acrescente a isso uma inabilidade extrema e total para evitar a não generosidade e, muito mais, a conversa inútil; uma inabilidade para evitar os pecados de omissão ou suprir os inúmeros defeitos dos quais estamos convencidos; especialmente da necessidade de amor e outros temperamentos certos, ambos para Deus e homem.

19. Se algum homem não está satisfeito com isso; se alguém acredita que quem quer que seja justificado é capaz de remover esses pecados para fora de seu coração e vida, deixe-o fazer o experimento. Deixe-o tentar se, pela graça que ele já tem recebido, ele pode expulsar o orgulho, a vontade própria ou pecado inato em geral. Deixe-o tentar, se ele pode limpar suas palavras e ações de toda a mistura do mal; se ele pode evitar toda falta de generosidade e conversa sem proveito com todos os pecados de omissão; e, por fim, se ele pode substituir os inúmeros defeitos que ele encontra em si mesmo. Deixe-o não ser desencorajado por um ou dois experimentos, mas repita a tentativa novamente; e, quanto tempo mais ele tentar, mais profundamente ele será convencido de sua total impotência em todos esses aspectos.

20. De fato, isto é uma verdade tão evidente que quase todo filho de Deus, espalhado por todos os cantos, embora difiram em outros pontos, ainda assim, geralmente concordam nesse: - que, embora nós possamos, “pelo Espírito mortificar os efeitos do corpo”; resistir e dominar sobre o pecado exterior e interior; embora possamos enfraquecer nossos inimigos dia a dia; - ainda assim não podemos extirpá-los. Mesmo que vigiemos e oremos sempre muito, não podemos limpar totalmente, tanto nossos corações, quanto nossas mãos. Mais certo de que não podemos, até que agrade nosso Senhor falar para nossos corações novamente; dizer pela segunda vez: “Fique limpo! E, no mesmo instante, ele ficou limpo da sua lepra. Somente assim a raiz má, a mente carnal será destruída e o pecado inato não subsistirá mais. Mas se não houver uma segunda chance, se não houver um livramento instantâneo depois da justificação, se não houver, a não ser uma obra gradual de Deus (já que existe um trabalho gradual que ninguém pode negar), então, nós devemos ficar satisfeitos, tanto quanto for possível, de permanecermos cheios do pecado até a morte; e, sendo assim, devemos permanecer culpados até a morte, continuamente merecendo punição. Já que é impossível que a culpa ou o deserto da punição sejam removidos de nós, por quanto tempo todos esses pecados permanecerem em nossos corações e, se aderirem, às nossas palavras e ações. Mais do que isto, na justiça rigorosa, todos nós pensamos, falamos e agimos, aumentando todos eles continuamente.

II

1. Neste sentido, nós devemos nos arrepender, depois de sermos justificados. E até que façamos isto, nós não poderemos seguir adiante. Já que até que sejamos sensíveis de nossa enfermidade, não poderá haver cura. Mas, supondo-se que nos arrependamos; então, nós seremos chamados “a crer no Evangelho”.

2. E isto, também, deve ser entendido em um sentido peculiar, diferentemente daquilo no qual nós acreditamos, com o objetivo da justificação. Acreditar nas “boas novas na grande salvação”, a qual Deus tem preparado para todas as pessoas. Acreditar que que ele é o “resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu Ser” pode salvar totalmente os que

por ele se aproxima de Deus. Ele é capaz de salvar você de todo o pecado que ainda permanece em seu coração. Ele é capaz de salvar você de todo o pecado que adere a todas as suas palavras e ações. Ele é capaz de salvar você de todo o pecado da omissão e substituir o que quer que seja necessário em você. É verdade que “para os seres humanos isto é impossível, mas para Deus tudo é possível”. O que pode ser mais difícil para Ele, que “tem toda a autoridade no céu e na terra? De fato, o mero poder do homem para fazer isso não é um poder suficiente, a menos que Ele tivesse prometido isto. Mas ele não fez: ele tem prometido isto, sempre e sempre, em condições mais fortes. Ele tem nos dado as suas ‘preciosas e mui grandes promessas’ tanto no Velho quanto no Novo Testamento. De modo que lemos na Lei, na parte mais antiga da Palavra de Deus: “O senhor, seu Deus, circuncidará o coração de você e o coração dos seus descendentes para que vocês amém o Senhor, seu Deus, de todo o coração e de toda a alma, para que vocês tenham vida”. Assim como nos Salmos: “É ele quem redime Israel de todas as suas iniquidades”. Como nas palavras do profeta: “Então aspergirei água pura sobre vocês, e vocês ficarão purificados. Eu os purificarei de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos.

Eu lhes darei um coração novo e porei dentro de vocês um espírito novo. Tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei dentro de vocês o meu espírito e farei com que andem nos meus estatutos, guardem e observem os meus juízos. Eu os livrarei de todas as suas impurezas. Farei vir o trigo e o multiplicarei, e não trarei fome sobre vocês”. Assim, igualmente o Novo Testamento: “Bendito seja o senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo e nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi, seu servo, como havia prometido, desde a antiguidade, por boca de seus santos profetas, para nos libertar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que nos odeiam; para usar de misericórdia com os nossos pais e lembrar-se da tua aliança e do juramento que fez a nosso pai Abraão, de conceder-nos que, livres das mãos dos inimigos, o adorássemos sem temor, em santidade e justiça diante dele, todos os nossos dias”.

3. Você tem, entretanto, bons motivos para acreditar que ele não apenas é capaz, mas, de boa vontade, fará isto; para limpar você de “toda impureza, tanto da carne como do espírito” e “livrar da imundícia de todas as suas impurezas”. É isto que você agora espera; esta é a fé que particularmente precisa, ou seja, que o Grande Médico e o grande Amor da sua alma esteja disposto ‘a te purificar’. Mas ele de bom grado fará isto, amanhã ou hoje? Deixe que ele mesmo responda: “Hoje, se ouvirem a minha voz, não endureçam o coração”. Se você deixar isto de fora até amanhã, você endurecerá seu coração; você se recusará ouvir sua voz. Acredite, entretanto, que ele quer salvar você, hoje. Ele de boa vontade quer salvá-lo agora. “Eis agora o tempo oportuno”. Ele diz: “Fique limpo!”. Apenas acredite e você irá se certificar também que “Tudo é possível ao que crê”.

4. Continue a acreditar nele “que te amou e te entregou por você”; “que carregou ele mesmo em seu corpo sobre o madeiro os nossos pecados”; salvou você de toda condenação, através do seu sangue continuamente consagrado. Assim é que nós continuamos em um estado justificado. E, quando nós seguimos “de fé em fé”, quando nós temos fé para sermos limpos do pecado que habita em nós; para sermos salvos de “todas as nossas impurezas”, nós estamos igualmente salvos daquela culpa; daquele deserto de punição, que sentimos antes. De modo que, então, podemos dizer, não apenas: “Todo momento, Senhor, eu quero o mérito de sua morte”. Diremos também, na plena certeza da fé: “A todo momento, Senhor, *tenho* O mérito de tua morte”.

Porque através dessa fé na vida, morte e intercessão Dele por nós, renovadas a todo momento, nós estamos limpos, e, não apenas não existe condenação alguma para nós, mas também, o deserto da punição, como havia antes, já que o Senhor limpou os nossos corações e as nossas vidas.

5. Através da mesma fé nós sentimos “o poder de Cristo” a todo momento, descansando sobre nós; pelo que, sozinhos, somos o que nós somos; pelo que somos capacitados a continuar na vida espiritual, e sem o que, não obstante toda a nossa santidade presente, nós

devemos ser demônios no momento seguinte. Mas, por quanto tempo retemos nossa fé nele, nós estamos “tirando água das fontes da salvação”. Inclinando-nos sobre nosso Amado; igualmente “Cristo, em nós, e a esperança da glória; que habita em nossos corações pela fé; que, do mesmo modo, está sempre intercedendo por nós ao do lado direito de Deus; nós recebemos sua ajuda para pensar, falar e agir; o que é aceitável seus olhos. Assim, ele impede aqueles que creem, em todos os seus “feitos e os favorece com sua ajuda contínua”; de maneira que todos os seus desígnios, conversas e ações são “começadas, continuadas e terminadas nele”. Desse modo, ele “limpa os pensamentos de seus corações através da inspiração do seu Santo Espírito, para que eles possam análogo perfeitamente e merecidamente engrandecer seu santo nome.”

6. É assim que, nos filhos de Deus, arrependimento e fé respondem exatamente um ao outro. Pelo arrependimento, nós sentimos o pecado permanecendo em nossos corações e aderido às nossas palavras e ações; pela fé, nós recebemos o poder de Deus em Cristo purificando nossos corações e limpando nossas mãos; pelo arrependimento; nós ainda estamos sensíveis de que nós merecemos punição por todos os nossos temperamentos, palavras e ações; pela fé, nós estamos cômicos que temos Advogado junto ao Pai, e, dali em diante, continuamente, colocando de lado toda a condenação e punição sobre nós. Pelo arrependimento, nós temos uma convicção permanente de que não existe socorro em nós; pela fé, “a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça para ajuda em momento oportuno”, em todo tempo de necessidade. O arrependimento desaprova a mesma possibilidade de alguma outra ajuda; a fé aceita toda ajuda que necessitamos dele, que tem “toda a autoridade nos céus e terra”; o arrependimento diz: “Sem ele eu não posso fazer alguma coisa alguma: a fé diz: Tudo posso naquele que me fortalece”. Através dele eu posso não apenas dominar, mas eliminar todos os inimigos de minha alma. Através dele eu posso “Amar o Senhor, seu Deus, de todo o meu coração, de toda a minha alma, de todo o meu entendimento e com toda a minha força”; sim, e caminhar “em santidade e justiça diante dele, todos os nossos dias”.

III

1. Do que tem sido dito, nós podemos facilmente conhecer a maldade daquela opinião; a de que nós estamos totalmente santificados, quando somos justificados; de que nossos corações estão limpos, então, de todo o pecado. É verdade que nós somos assim, libertos, como foi observado antes, do domínio do pecado exterior; e, ao mesmo tempo, o poder do pecado interior é tão afligido, que nós não precisamos mais seguir, ou sermos conduzidos por ele; mas não é, de maneira alguma verdade, que o pecado interior foi então totalmente destruído, que as raízes do orgulho da vontade própria, da ira e do amor do mundo foram, assim, arrancadas do coração ou que a mente carnal e o coração, inclinado à apostasia, foram inteiramente extirpados. E supor o contrário não é, como alguns podem pensar, um erro inocente e inofensivo. Não: ele causa muito dano: ele bloqueia inteiramente o caminho para alguma mudança posterior, já que manifesta que “os são não precisam de médico e, sim, os doentes”. Se, entretanto, nós pensamos que estamos completamente saudáveis, não existe espaço para buscar alguma cura posterior. Sobre essa suposição, é absurdo esperar algum livramento do pecado mais tarde, se gradual ou instantâneo.

2. Do contrário, uma convicção profunda de que não estamos ainda inteiros; de que nossos corações não estão completamente purificados; de que existe ainda em nós uma mente carnal, que é, ainda em sua natureza, “inimizada contra Deus”; de que todo o corpo do pecado permanece em nossos corações; enfraquecido, de fato, mas não destruído; mostra, além de qualquer possibilidade de dúvida, que no momento exato da justificação nós “nascemos de novo”: naquele momento, nós experimentamos aquela mudança interior “das trevas para a sua maravilhosa luz”; da imagem do bruto e diabólico para a imagem de Deus; da mente mundana sensual e diabólica para a mente que estava em Jesus Cristo. Mas mudamos, então, inteiramente? Nós estamos totalmente transformados na imagem daquele

que nos criou? Longe disso: nós teremos a profundidade do pecado; e é a consciência disto que nos constrange ao murmúrio por um completo livramento, a ele que é “poderoso para salvar”. Assim é que todos aqueles crentes que não estão convencidos da profunda corrupção de seus corações, a não ser levemente, e, dessa forma, imaginariamente convencidos, têm algum entendimento com respeito à santificação completa; Eles podem, possivelmente, ter a opinião de que tal santidade deve acontecer tanto no momento da morte, ou em algum tempo em que eles não sabem quando, antes dela. Mas eles não têm grande preocupação quanto à necessidade disso; e não estão famintos e sedentos em busca dela. Eles nem poderiam, até que conhecessem a si mesmos melhor; até que se arrependessem, no sentido acima descrito; até que Deus desvendasse a face do monstro inato e mostrasse a eles o estado real de suas almas. Então apenas quando eles sentissem o peso, eles iriam murmurar por livramento dele. Então, naquele momento, e, não antes, eles clamaram na agonia de suas almas:

Interrompe o jogo do pecado inato/ E liberta meu espírito
completamente!/ Eu não posso descansar até que me sinta puro;/
Até que eu esteja completamente perdido em Ti.

3. Nós podemos aprender isso, em segundo lugar, que uma profunda convicção de nosso demérito, depois de nós termos sido aceitos (o que, em um sentido, pode ser eliminada a culpa), é absolutamente necessária, com o objetivo de buscarmos o verdadeiro valor do sangue redentor; com o objetivo de sentirmos que precisamos disso - tanto antes de sermos justificados quanto depois disso. Sem essa convicção, nós podemos considerar “o sangue da aliança”, a não ser como uma coisa comum; alguma coisa da qual nós não temos agora a mínima necessidade; vendo que todos os nossos pecados foram cancelados. Sim; mas se tanto nossos corações, quanto nossas vidas, estão assim impuros, existe uma forma de culpa que nós estamos contraindo a todo momento; e, em consequência disso, estamos a todo momento nos expondo à condenação; mas

Aquele que vive nas alturas,
intercede por nós.
E, através do seu amor redentor;
Seu sangue precioso advoga por nós.

Este é o arrependimento e a fé que estão intimamente conectados e que podem ser expressos nestas fortes linhas: “Eu peço, a cada fôlego que tomo;/ Não faço Tua vontade; nem mantenho Tua lei;/ Na terra, assim como os anjos o fazem nos céus;/ Mas, a fonte ainda permanece aberta, lavando meus pés, meu coração e minhas mãos,/ Até que eu seja perfeito no amor”.

4. Nós podemos observar, em terceiro lugar, que uma profunda convicção de nossa extrema impotência, de nossa total inabilidade de reter alguma coisa que temos recebido; muito mais para nos livrar do mundo da iniquidade, permanecendo tanto em nossos corações quanto em nossas vidas, nos ensina verdadeiramente a viver em Cristo, pela fé; não apenas, como nosso Sacerdote, mas como nosso Rei. Por meio disto nós somos trazidos para “gloriar-nos nEle”, de fato: para “darmos a Ele toda a glória de sua graça”; para “o tornarmos nosso Senhor por completo e verdadeiramente colocarmos a coroa sobre sua cabeça”. Com essas palavras excelentes têm sido frequentemente usadas, elas têm tido um pequeno ou nenhum significado; mas preenchidas do forte e profundo senso; quando nós, assim como antes, abandonamos a nós mesmos, a fim de sermos tragados Nele; quando nós mergulhamos no nada, para que ele pudesse ser “tudo em todos”; com Sua graça poderosa, abolindo “toda grande coisa que exaltava a si mesma contra Ele; todo temperamento, pensamento, palavra e obra são levados à obediência de Cristo”.

ANEXO D - ON FAITH

"Now faith is the evidence of things not seen." Heb. 11:1.

1. Many times have I thought, many times have I spoke, many times have I wrote upon these words; and yet there appears to be a depth in them which I am in no wise able to fathom. Faith is, in one sense of the word, a divine conviction of God and of the things of God; in another, (nearly related to, yet not altogether the same,) it is a divine conviction of the invisible and eternal world. In this sense I would now consider, —

2. I am now an immortal spirit, strangely connected with a little portion of earth; but this is only for a while: In a short time I am to quit this tenement of clay, and to remove into another state,

*Which the living know not,
And the dead cannot, or they may not tell!*

What kind of existence shall I then enter upon, when my spirit has launched out of the body? How shall I feel myself, — perceive my own being? How shall I discern the things that are round about me, either material or spiritual objects? When my eyes no longer transmit the rays of light, how will the naked spirit see? When the organs of hearing are mouldered into dust, in what manner shall I hear? When the brain is of no farther use, what means of thinking shall I have? When my whole body is resolved into senseless earth, what means shall I have of gaining knowledge?

3. How strange, how incomprehensible, are the means whereby I shall then take knowledge even of the material world! Will things appear then as they do now, — of the same size, shape, and colour? Or will they be altered in any, or all these respects? How will the sun, moon, and stars appear? the sublunary heavens? the planetary heavens? the region of the fixed stars? — how the fields of ether, which we may conceive to be millions of miles beyond them? Of all this we know nothing yet. And, indeed, we need to know nothing.

4. What then can we know of those innumerable objects which properly belong to the invisible world; which mortal "eye hath not seen, nor ear heard, neither hath it entered into our heart to conceive?" What a scene will then be opened, when the regions of hades are displayed without a covering! Our English translators seem to have been much at a loss for a word to render this. Indeed, two hundred years ago, it was tolerably expressed by the word hell, which then signified much the same with the word hades, namely, the invisible world. Accordingly, by Christ descending into hell, they meant, his body remained in the grave, his soul remained in hades, (which is the receptacle of separate spirits,) from death to the resurrection. Here we cannot doubt but the spirits of the righteous are inexpressibly happy. They are, as St. Paul expresses it, "with the Lord," favoured with so intimate a communion with him as "is far better" than whatever the chief of the Apostles experienced while in this world. On the other hand, we learn from our Lord's own account of Dives and Lazarus, that the rich man, from the moment he left the world, entered into a state of torment. And "there is a great gulf fixed" in hades, between the place of the holy and that of unholy spirits, which it is impossible for either the one or the other to pass over. Indeed, a gentleman of great learning, the Honourable Mr. [Alexander] Campbell, in his account of the Middle State, published not many years ago, seems to suppose that wicked souls may amend in hades, and then remove to a happier mansion. He has great hopes that "the rich man," mentioned by our Lord, in particular, might be purified by that penal fire, till, in process of time, he might be qualified for a better abode. But who can reconcile this with Abraham's assertion that none can pass over the "great gulf?"

5. I cannot therefore but think, that all those who are with the rich man in the unhappy division of hades, will remain there, howling and blaspheming, cursing God and looking upwards, till they are cast into "the everlasting fire, prepared for the devil and his angels." And,

on the other hand, can we reasonably doubt but that those who are now in paradise, in Abraham's bosom, — all those holy souls who have been discharged from the body, from the beginning of the world unto this day, — will be continually ripening for heaven; will be perpetually holier and happier, till they are received into "the kingdom prepared for them from the foundation of the world?"

6. But who can inform us in what part of the universe *hades* is situated, — this abode of both happy and unhappy spirits, till they are re-united to their bodies? It has not pleased God to reveal anything concerning it in the Holy Scripture; and, consequently, it is not possible for us to form any judgment, or even conjecture, about it. Neither are we informed, how either one or the other are employed, during the time of their abode there. Yet may we not probably suppose that the Governor of the world may sometimes permit wicked souls "to do his gloomy errands in the deep;" or, perhaps, in conjunction with evil angels, to inflict vengeance on wicked men? Or will many of them be shut up in the chains of darkness, unto the great judgment of the great day? In the mean time, may we not probably suppose, that the spirits of the just, though generally lodged in paradise, yet may sometimes, in conjunction with the holy angels, minister to the heirs of salvation? May they not

Sometimes, on errands of love,
Revisit their brethren below?

It is a pleasing thought, that some of these human spirits, attending us with, or in the room of, angels, are of the number of those that were dear to us while they were in the body. So that there is no absurdity in the question:

Have ye your own flesh forgot,
By a common ransom bought?
Can death's interposing tide
Spirits one in Christ divide?

But, be this as it may, it is certain human spirits swiftly increase in knowledge, in holiness, and in happiness; conversing with all the wise and holy souls that lived in all ages and nations from the beginning of the world; with angels and archangels, to whom the children of men are no more than infants; and above all, with the eternal Son of God, "in whom are hid all the treasures of wisdom and knowledge." And let it be especially considered, whatever they learn they will retain for ever. For they forget nothing. To forget is only incident to spirits that are clothed with flesh and blood.

7. But how will this material universe appear to a disembodied spirit? Who can tell whether any of these objects that surround us will appear the same as they do now? And if we know so little of these, what can we now know concerning objects of a quite different nature? concerning the spiritual world? It seems it will not be possible for us to discern them at all, till we are furnished with senses of a different nature, which are not yet opened in our souls. These may enable us both to penetrate the inmost substance of things, whereof we now discern only the surface; and to discern innumerable things, of the very existence whereof we have not now the least perception. What astonishing scenes will then discover themselves to our newly-opening senses! Probably fields of ether, not only ten fold, but ten thousand fold, "the length of this terrene." And with what variety of furniture, animate and inanimate! How many orders of beings, not discovered by organs of flesh and blood! perhaps thrones, dominions, principedoms, virtues, powers! — whether of those that retain their first habitations and primeval strength, or of those that, rebelling against their Creator, have been cast out of heaven! And shall we not then, as far as angel's ken, survey the bounds of creation, and see every place where the Almighty

*Stopp'd his rapid wheels, and said, —
 "This be thy just circumference, O world?"*

Yea, shall we not be able to move, quick as thought, through the wide realms of uncreated night? Above all, the moment we step into eternity, shall we not feel ourselves swallowed up of Him who is in this and every place, — who filleth heaven and earth? It is only the veil of flesh and blood which now hinders us from perceiving, that the great Creator cannot but fill the whole immensity of space. He is every moment above us, beneath us, and on every side. Indeed, in this dark abode, this land of shadows, this region of sin and death, the thick cloud which is interposed between conceals him from our sight. But the veil will disappear; and he will appear in unclouded majesty, "God over all, blessed for ever!"

8. *How variously are the children of men employed in this world! In treading over "the paths they trod six thousand years before!" But who knows how we shall be employed after we enter that visible world? A little of it we may conceive, and that without any doubt, provided we keep to what God himself has revealed in his word, and what he works in the hearts of his children. Let us consider, First, what may be the employment of unholy spirits from death to the resurrection. We cannot doubt but the moment they leave the body, they find themselves surrounded by spirits of their own kind, probably human as well as diabolical. What power God may permit these to exercise over them, we do not distinctly know. But it is not improbable, he may suffer Satan to employ them, as he does his own angels, in inflicting death, or evils of various kinds, on the men that know not God: For this end they may raise storms by sea or by land; they may shoot meteors through the air; they may occasion earthquakes; and, in numberless ways, afflict those whom they are not suffered to destroy. Where they are not permitted to take away life, they may inflict various diseases; and many of these, which we judge to be natural, are undoubtedly diabolical. I believe this is frequently the case with lunatics. It is observable, that many of those mentioned in Scripture, who are called lunatics by one of the Evangelists, are termed demoniacs by another. One of the most eminent Physicians I ever knew, particularly in cases of insanity, the late Dr. [Thomas] Deacon, was clearly of opinion that this was the case with many, if not most, lunatics. And it is no valid objection to this, that these diseases are so often cured by natural means; for a wound inflicted by an evil spirit might be cured as any other, unless that spirit was permitted to repeat the blow.*

9. *May not some of these evil spirits be likewise employed, in conjunction with evil angels, in tempting wicked men to sin, and in procuring occasions for them? yea, and in tempting good men to sin, even after they have escaped the corruption that is in the world? Herein, doubtless, they put forth all their strength; and greatly glory if they conquer. A passage in an ancient author may greatly illustrate this: (Although I apprehend, he did not intend that we should take it literally:) "Satan summoned his powers, and examined what mischief each of them had done. One said, 'I have set a house on fire, and destroyed all its inhabitants.' Another said, 'I have raised a storm at sea, and sunk a ship; and all on board perished in the waters.' Satan answered, 'Perhaps those that were burnt or drowned were saved.' A third said, 'I have been forty years tempting a holy man to commit adultery; and I have left him asleep in his sin.' Hearing this, Satan rose to do him honour; and all hell resounded with his praise." Hear this, all ye that imagine you cannot fall from grace!*

10. *Ought not we then to be perpetually on our guard against those subtle enemies? Though we see them not, —*

*A constant watch they keep;
 They eye us night and day;
 And never slumber, never sleep,
 Lest they should lose their prey.*

Herein they join with “the rulers of the darkness,” the intellectual darkness, “of this world,” — the ignorance, wickedness, and misery diffused through it, — to hinder all good, and promote all evil! To this end they are continually “working with energy in the children of disobedience.” Yea, sometimes they work by them those lying wonders that might almost deceive even the children of God.

11. But meantime, how may we conceive the inhabitants of the other part of hades, the souls of the righteous, to be employed? It has been positively affirmed by some philosophical men, that spirits have no place. But they do not observe, that if it were so, they must be omnipresent, — an attribute which cannot be allowed to any but the Almighty Spirit. The abode of these blessed spirits the ancient Jews were used to term Paradise, — the same name which our Lord gave it, telling the penitent thief, “This day shalt thou be with me in paradise.” Yet in what part of the universe this is situated who can tell, or even conjecture, since it has not pleased God to reveal anything concerning it? But we have no reason to think they are confined to this place; or, indeed, to any other. May we not rather say, that, “servants of his,” as well as the holy angels, they “do his pleasure;” whether among the inhabitants of earth, or in any other part of his dominions? And as we easily believe that they are swifter than the light; even as swift as thought; they are well able to traverse the whole universe in the twinkling of an eye, either to execute the divine commands, or to contemplate the works of God. What a field is here opened before them! And how immensely may they increase in knowledge, while they survey his works of creation or providence, or his manifold wisdom in the Church! What depth of wisdom, of power, and of goodness do they discover in his methods of “bringing many sons to glory!” Especially while they converse on any of these subjects, with the illustrious dead of ancient days! with Adam, first of men; with Noah, who saw both the primeval and the ruined world; with Abraham, the friend of God; with Moses, who was favoured to speak with God, as it were, “face to face;” with Job, perfected by sufferings; with Samuel, David, Solomon, Isaiah, Daniel, and all the Prophets; with the Apostles, the noble army of Martyrs, and all the saints who have lived and died to the present day; with our elder brethren, the holy angels, cherubim, seraphim, and all the companies of heaven; above all the name of creature owns, with Jesus, the Mediator of the new covenant! Meantime, how will they advance in holiness; in the whole image of God, wherein they were created; in the love of God and man; gratitude to their Creator, and benevolence to all their fellow-creatures! Yet it does not follow, (what some earnestly maintain,) that this general benevolence will at all interfere with that peculiar affection which God himself implants for our relations, friends, and benefactors. O no! had you stood by his bed-side, when that dying saint was crying out, “I have a father and a mother gone to heaven;” (to paradise, the receptacle of happy spirits;) “I have ten brothers and sisters gone to heaven; and now I am going to them that am the eleventh! Blessed be God that I was born!” would you have replied, “What, if you are going to them? They will be no more to you than any other persons; for you will not know them.” Not know them! Nay, does not all that is in you recoil at that thought? Indeed, sceptics may ask, “How do disembodied spirits know each other?” I answer plainly, I cannot tell: But I am certain that they do. This is as plainly proved from one passage of Scripture as it could be from a thousand. Did not Abraham and Lazarus know each other in hades, even afar off? even though they were fixed on different sides of the “great gulf?” Can we doubt, then, whether the souls that are together in paradise shall know one another? The Scripture, therefore, clearly decides this question. And so does the very reason of the thing; for we know, every holy temper which we carry with us into paradise will remain in us for ever. But such is gratitude to our benefactors. This, therefore, will remain for ever. And this implies, that the knowledge of our benefactors will remain, without which it cannot exist.

12. And how much will that add to the happiness of those spirits which are already discharged from the body, that they are permitted to minister to those whom they have left behind! An indisputable proof of this we have in the twenty-second chapter of the Revelation. When the Apostle fell down to worship the glorious spirit which he seems to have mistaken for Christ, he told him plainly, “I am of thy fellow-servants, the Prophets;” [Rev. 22] not God, not an angel, not a human spirit. And in how many ways may they “minister to the heirs of

*salvation!" Sometimes by counteracting wicked spirits whom we cannot resist, because we cannot see them; sometimes by preventing our being hurt by men, or beasts, or inanimate creatures. How often may it please God to answer the prayer of good Bishop Ken! —
O may thine angels, while I sleep,*

*Around my bed their vigils keep;
Their love angelical instil;
Stop all the avenues [consequence] of ill!
May they celestial joys rehearse,
And thought to thought with me converse;
Or, in my stead, the whole night long,
Sing to my God a grateful song!*

And may not the Father of spirits allot this office jointly to angels, and human spirits waiting to be made perfect?

13. It may indeed be objected that God has no need of any subordinate agents, of either angelical or human spirits, to guard his children in their waking or sleeping hours; seeing "He that keepeth Israel doth neither slumber nor sleep." And certainly, he is able to preserve them by his own immediate power; yea, and he is able, by his own immediate power, without any instruments at all, to supply the wants of all his creatures both in heaven and earth. But it is, and ever was, his pleasure, not to work by his own immediate power only, but chiefly by subordinate means, from the beginning of the world. And how wonderfully is his wisdom displayed in adjusting all these to each other! So that we may well cry out, "O Lord, how manifold are thy works! In wisdom hast thou made them all."

14. *This we know, concerning the whole frame and arrangement of the visible world. But how exceeding little do we now know concerning the invisible! And we should have known still less of it, had it not pleased the Author of both worlds to give us more than natural light, to give us "his word to be a lantern to our feet, and a light in all our paths." And holy men of old, being assisted by his Spirit, have discovered many particulars of which otherwise we should have had no conception.*

15. *And without revelation, how little certainty of invisible things did the wisest of men obtain! The small glimmerings of light which they had were merely conjectural. At best they were only a faint, dim twilight, delivered from uncertain tradition; and so obscured by heathen fables, that it was but one degree better than utter darkness.*

16. *How uncertain the best of these conjectures was, may easily be gathered from their own accounts. The most finished of all these accounts, is that of the great Roman poet. Where observe how warily he begins, with that apologetic preface, — Sit mihi fas audita loqui? — "May I be allowed to tell what I have heard?" And, in the conclusion, lest anyone should imagine he believed any of these accounts, he sends the relater of them out of hades by the ivory gate, through which, he had just informed us, that only dreams and shadows pass, — a very plain intimation, that all which has gone before, is to be looked upon as a dream!*

17. *How little regard they had for all these conjectures, with regard to the invisible world, clearly appears from the words of his brother poet; who affirms, without any scruple, —*

*Esse aliquos manes, et subterranea regna
Nec pueri credunt.*

"That there are ghosts, or realms below, not even a man [boy] of them now believes."

So little could even the most improved reason discover concerning the invisible and eternal world! The greater cause have we to praise the Father of Lights, who hath opened the eyes of

our understanding, to discern those things which could not be seen by eyes of flesh and blood; that He who of old time shined out of darkness, hath shined in our hearts, and enlightened us with the light of the glory of God, in the face of Jesus Christ, "the author and finisher of our faith;" "by whom he made the worlds;" by whom he now sustains whatever he hath made; for,

*Till nature shall her Judge survey,
The King Messiah reigns.*

These things we have believed upon the testimony of God, the Creator of all things, visible and invisible; by this testimony we already know the things that now exist, though not yet seen, as well as those that will exist in their season, until this visible world will pass away, and the Son of Man shall come in his glory.

18. *Upon the whole, what thanks ought we to render to God, who has vouchsafed this "evidence of things unseen" to the poor inhabitants of earth, who otherwise must have remained in utter darkness concerning them! How invaluable a gift is even this imperfect light, to the benighted sons of men! What a relief is it to the defects of our senses, and consequently, of our understanding; which can give us no information of anything, but what is first presented by the senses! But hereby a new set of senses (so to speak) is opened in our souls; and, by this means,*

*The things unknown to feeble sense,
Unseen by reason's glimmering ray,
With strong, commanding evidence,
Their heavenly origin display.
Faith lends its realizing light:
The clouds disperse, the shadows fly;
The' Invisible appears in sight,
And GOD is seen by mortal eye!*

London, Jan. 17, 1791 [probably Wesley's last sermon]